

# O Tabardilho em Braga

*Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto.*



186/2 FMP

**Pôrto=1920**

LISBOA  
Tipografia Belenense  
145, R. de Belem, 146  
1920

EURICO DE ALMEIDA

---

# O Tabardilho em Braga

*Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto*



Pôrto=1920

LISBOA  
Tipografia Belenense  
145, R. de Belem, 146  
1920

# Faculdade de Medicina do Porto

DIRECTOR

Maximiano Augusto de Oliveira Lemos

SECRETÁRIO

Alvaro Teixeira Bastos

CORPO DOCENTE

## Professores Ordinários

Augusto Henrique de Almeida Brandão	Anatomia patologica
Maximiano Augusto de Oliveira Lemos	História da Medicina. Deontologia Medica
João Lopes da Silva Martins Junior...	Higiene
Alberto Pereira Pinto de Aguiar.....	Patologia geral
Carlos Alberto de Lima.....	Patologia e terapêutica cirúrgicas
Luis de Freitas Viegas.....	Dermatologia e Sifilografia
José Alfredo Mendes de Magalhães....	Terapêutica geral. Hidrologia médica
António Joaquim de Sousa Junior.....	Medicina operatoria e pequena cirurgia
Tiago Augusto de Almeida.....	Clinica e policlinica médicas
Joaquim Alberto Pires de Lima.....	Anatomia descritiva
José de Oliveira Lima.....	Farmacologia
Álvaro Teixeira Bastos.....	Clinica e policlinica cirúrgicas
António de Sousa Magalhães e Lemos.	Psiquiatria e Psiquiatria forense
Manoel Lourenço Gomes.....	Medicina legal
Abel de Lima Salazar.....	Histologia e Embriologia
Antonio de Almeida Garret.....	Fisiologia geral e especial
Alfredo da Rocha Pereira.....	Patologia e terapêutica médicas. Clinica das doenças inficiosas

Três vagas

## Professores jubilados

José de Andrade Gramaxo  
Pedro Augusto Dias

## CAPÍTULO I

### Como começou a epidemia

1.º — Primeiros casos conhecidos

2.º — Quadro dos casos nos primeiros dois meses e relações de uns com os outros

3.º — Como se disseminou — 4.º — Existia já anteriormente em Braga?

## PRIMEIROS CASOS CONHECIDOS

Com data anterior á hospitalização dos primeiros epidemiados que ingressaram no Hospital do Espírito Santo, a 3 de Março de 1918, nenhum registo de doentes tíficos existe na Delegação de Saúde de Braga. Recordá-se o Sr. Delegado de Saúde de ter enviado, anteriormente a essa data, 3 de Março, ás autoridades sanitárias do Pôrto, numa carruagem dos caminhos de ferro, isolados, dois mendigos que a pé alcançaram a cidade de Braga, vindos do Pôrto e que se lhe tornaram suspeitos. Recordá-se ainda de ter procedido da mesma maneira, mandando seguir para o Pôrto um outro individuo do sexo masculino, morador na rua de D. Gualdim, que se tornara também suspeito. Pelo relatório que com a devida autorização do Sr. Delegado de Saúde transcrevemos, verificamos que de 3 de Março a 5 de Abril de 1918, foram isolados no Hospital do Espírito Santo 9 doentes.

•Excelentíssimo Senhor Director Geral de Saude—Lisboa. Cumpreme levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, não o tendo feito até hoje devido aos afazeres que tenho tido, o que nesta cidade e distrito se passou e vem passando acerca daquela doença que, proveniente do Pôrto, fêz a sua aparição em Braga e outras localidades sob a minha jurisdição sanitária.

Conforme me foi participado pelos respectivos sub-delegados de saúde, individuos portadores de tifo exantemático foram surpreendidos em Cabeceiras de Basto (dois), Famalicão (três), Vieira (um), sem que nestes concelhos se tivessem dado, por contágio, outros casos. Isto há um mês, pouco mais ou menos. Últimamente, também um caso procedente do Pôrto appareceu em Barcelos, e outro ainda em Amares, estando ambos os individuos em tratamento no hospital daqui. Em Guimarães, conforme participei a V. Ex.<sup>a</sup> há poucos dias, vi três casos, que lá estão em tratamento. Quanto a Braga, são em numero de nove os doentes que, vindos do Pôrto, para aqui se retiraram. Já o segundo foi fazer parte da sua doença no Espírito Santo. Este antigo colégio, de uma ordem religiosa estrangeira, foi o edificio que eu escolhi para hospital, não havendo outro, nesta cidade, que para tal fim se prestasse. Sendo cedido, depois de vencidas algumas difficuldades, nele ficou optimamente instalado o hospital, depois de reparações varias, instalação de luz eléctrica, canalização de agua, etc. Não lhe falta, é claro, o indispensavel pôsto de despiohamento e camara de sulfuração. O pessoal de serviço é composto de um enfermeiro e ajudante, uma enfermeira e ajudanta, um despiohador,

uma despiolhadreira, um cozinheiro, um servente, uma governante e dois maqueiros. A administração está confiada a um oficial da Cruz Vermelha. O segundo tifoso do Pôrto veio para Braga, contagiou a mulher e duas filhas, sendo também contagiada uma outra mulher que na mesma casa vivia e um irmão e uma irmã desta. Também adoeceu, tendo falecido já, uma vizinha que visitava essa gente. Em vista disto resolvi internar no hospital todos os contactos, que lá tem estado em observação. Também outro dos tifosos que veio do Pôrto contagiou dois irmãos, sendo o estado de um deles muito grave. De modo que, de todos esses casos tenho eu seguido a pista, deixando-me somente um pouco desconcertado o de um pobre homem, trabalhador rural de uma freguesia limitrofe, que não foi ao Pôrto, que não esteve em contacto com ninguem sobre quem possam recair suspeitas, e que, no entanto é um tifoso com todos os caracteres. No respectivo pôsto tem-se despiolhado bastante gente, sobretudo mendiga a quem é fornecida roupa adquirida por subscrição pública. Devo ainda dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que, antes de, no Pôrto, se ter estabelecido o serviço de inspecção de passageiros, já esse aqui era feito na Estação dos Caminhos de Ferro, indo como ainda vai, á chegada dos comboios, um medico adjunto á Delegação de Saúde. Tem-se feito também grande numero de visitas sanitárias aos domicilios e saneado a cidade o melhor possivel. Suponho que, com todas estas medidas, a epidemia não alastrará, o que constitue um grande serviço prestado a esta terra, cujas comunicações com o Pôrto são intensissimas. Braga, 5 de Abril de 1918. O Delegado de Saúde, João Barroso Dias.»

São estes os primeiros casos conhecidos em Braga.

Pretendendo nós fazer a história, o mais detalhada possivel, do que foi a epidemia do tabardilho em Braga, organizámos um inquérito junto dos indivíduos epidemiados e da família daqueles que faleceram, durante os dois primeiros meses de epidemia, Março e Abril. Conseguimos inquirir, junto de quási todos, o pretendido local onde foram contagiados. A seguir apresentamos o quadro dos casos nos primeiros dois meses e relações de uns com os outros.

## Quadro dos casos nos primeiros dois meses e relações de uns com os outros

N.º 1 — (3 de Março de 1918)

Valdemar Pereira Azevedo, 27 anos, solteiro, empregado comercial no Pôrto. Adoeceu no Pôrto e acolheu-se em casa de uma irmã em Braga, na Avenida Central, onde esteve bastantes dias sem ser hospitalizado. Foi o primeiro doente internado no Hospital do Espírito Santo. Parece ter adquirido a doença numa casa da Rua Cima de Vila, no Pôrto. Não deu caso nenhum de contágio.

## N.º 2 — (6 de Março de 1918)

Luís da Silva Rosas, 35 anos, casado, cocheiro. Quando se encontrava no Pôrto a fim de se empregar, visitou um seu amigo que se encontrava doente, dias depois começou a sentir-se adoentado, fugiu para Braga, para a sua casa á Avenida Ulisses Taxa, onde esteve perto de 7 dias, sendo ao fim desse tempo internado, é o segundo doente a que se refere no seu relatório o Sr. Delegado de Saúde.

## N.º 3 — (16 de Março de 1918)

Josefa Maria, 36 anos. casada com o doente n.º 2. Dez dias após o internamento de seu marido, ingressava tambem no hospital de isolamento, assim como seus filhos:

## N.º 4 — (16 de Março de 1918)

Maria Teresa, 13 anos.

## N.º 5 — (16 de Março de 1918)

Joaquim, 2 anos.

## N.º 6 — (19 de Março de 1918)

Maria da Conceição, 31 anos, viuva, domestica. Vivia na mesma casa do doente n.º 2 e assistia á sua cabeceira como enfermeira.

## N.º 7 — (20 de Março de 1918)

Zulmira de Matos, 17 anos, solteira, irmã da doente n.º 6 e moradora tambem na mesma casa da Avenida Ulisses Taxa.

## N.º 8 — (21 de Março de 1918) (1)

Adão Gonçalves, 16 anos, irmão da doente n.º 6 e morador tambem na mesma casa. (2)

## N.º 9 — (21 de Março de 1918)

Ana das Maravilhas, 32 anos, viuva, domestica, moradora na Rua Nova de Santa Cruz, foi contagiada na casa da família Rosas de quem era amiga. Esteve doente em casa, antes de ser internada, perto de 6 dias.

---

(1) A data. adeante do numero de ordem, corresponde ao dia de entrada no hospital. (2) O Sr Delegado de Saúde ordenou o internamento dos restantes moradores desta casa. para observação Foram eles, Bernardo Gonçalves, filho da doente n.º 6 e Custodia Maria, 50 anos, viuva, domestica; nenhum deles teve o tifo.

## N.º 10 — (8 de Abril de 1918)

Olivia Oliveira, 18 anos, solteira, moradora na Rua Nova de Santa Cruz, amiga da doente n.º 9. Antes de ter sido hospitalizada, diz que teve a mãe em casa doente com o tifo. Depois é que adoeceu; presume que a mãe tenha sido contagiada pela sua amiga doente n.º 9.

## N.º 11 — (17 de Abril de 1918)

Adelaide da Silva, 38 anos, solteira, moradora na Rua Nova de Santa Cruz. Era vizinha das doentes n.ºs 9 e 10 e visitava-as, quando doentes, amiudadas vezes.

## N.º 12 — (11 de Março de 1918)

José Fernandes Tomé, 26 anos, casado, calmazeiro. Estava empregado no Pôrto numa oficina de calmazes, sentiu-se doente; com medo de ser internado no hospital do Pôrto, fugiu para Braga, seguiu a cambalar para casa da mãe, moradora na Rua de S. Domingos, onde esteve 4 dias sem ser internado.

## N.º 13 — (17 de Março de 1918)

Teresa de Jesus de Barros, 30 anos, casada com o doente n.º 12. Uma semana depois do marido ter sido isolado no Hospital do Espírito Santo, demandava esta doente, a 17 de Março, hospitalização.

## N.º 14 — (17 de Março de 1918)

Rosa da Conceição, 9 anos, filha da doente n.º 13.

## N.º 15 — (1 de Abril de 1918)

Antonio Fernandes, 15 anos, irmão da doente n.º 12.

## N.º 16 — (1 de Abril de 1918)

Fernando Fernandes, 13 anos, irmão da doente n.º 12.

## N.º 17 — (12 de Abril de 1918)

Narcisa Rosa, 52 anos, viuva, mãe da doente n.º 12.

## N.º 18 — (2 de Abril de 1918)

Augusto da Costa Teixeira, 42 anos, casado, enfermeiro do hospital de S. Marcos, residente na Rua Nova de Sousa. Após o seu consórcio

com D. Mavilda Augusta da Silva, seguiram em viagem de núpcias para a cidade do Pôrto. Regressados a Braga 6 dias depois achou-se o marido gravemente doente, sendo recolhido no hospital civil de Braga, onde era enfermeiro, foi transferido depois para o hospital do Espírito Santo, onde veio a falecer.

N.º 19

Mavilda Augusta da Silva, 27 anos, casada com o doente n.º 18, falecida no seu domicílio á Rua Nova de Sousa. Esta doente, não chegou a ser internada, no hospital de isolamento, finou-se um mês após o falecimento do seu esposo.

N.º 20 (1) — (28 de Março de 1918)

João Joaquim de Oliveira, 42 anos, casado, carreteiro, morador no lugar do Monte, freguesia de S. Martinho de Dume. Tendo andado a fazer um carroto de mobílias do Pôrto para Braga, pernitoou no Pôrto na noite de 13 para 14 de Março. Passados alguns dias começou a sentir-se doente e foi hospitalizado a 28 de Março.

N.º 21 — (14 de Abril de 1918)

Ana de Oliveira, 60 anos, mãe do doente n.º 20.

N.º 22 — (14 de Abril de 1918)

Maria da Costa, 30 anos, solteira, da freguesia de S. Martinho de Dume. Parece ter sido também contagiada pelo doente n.º 20; era sua vizinha.

N.º 23 — (17 de Abril de 1918)

Antonio José dos Santos Silva, 46 anos, casado, forjador de carros, morador nas Palhotas. Foi de visita a uma sua irmã, moradora no Pôrto, que estava doente, demorando-se lá quinze dias; quando regressou a Braga começou a sentir-se incomodado e recolheu ao hospital a 17 de Abril.

N.º 24 — (27 de Abril de 1918)

Rosa Angelina Rodrigues, 39 anos, casada com o doente n.º 23.

---

(1) Este doente é aquele a que se refere no seu relatório o Sr. Delegado de Saúde manifestando a sua estranheza, pelo facto de não ter ao certo averiguado o local onde foi contagiado.

N.º 25—(27 de Abril de 1918)

Francisco Luís, 18 anos, filho da doente n.º 24.

N.º 26—(27 de Abril de 1918)

Maria Luísa, 13 anos, filha da doente n.º 24.

N.º 27—(27 de Abril de 1918)

José, 5 anos, filho da doente n.º 24.

N.º 28—(27 de Abril de 1918)

Maria Julia, 3 anos, filha da doente n.º 24.

**N.º 29** — (15 de Abril de 1918)

Maria da Conceição, 27 anos, solteira, da Rua de Santo Antonio dos Travessos. Regressada do Pôrto, começou a sentir-se adoentada e recolheu ao hospital.

N.º 30—(25 de Abril de 1918)

Francisco José Rodrigues Costa, solteiro, soldado de infantaria n.º 8. Parece ter adquirido a doença numa casa suspeita da Rua de Santo Antonio dos Travessos.

N.º 31—(29 de Abril de 1918)

José Gomes Moreira, 23 anos, soldado de infantaria n.º 8.

N.º 32—(23 de Abril de 1918)

Belmiro Pereira do Carmo, 27 anos, solteiro, soldado de infantaria n.º 8.

Estes dois doentes, parece terem sido contagiados pelo seu camarada n.º 30 que por sua vez, muito possivelmente adquiriu a doença em casa da doente n.º 29. Não temos elementos para afirmar que as cousas se passassem tal qual as descrevemos, mas atendendo á promiscuidade, em que vivem nos quartéis os soldados, e ao grande numero de parasitas, de que habitualmente são portadores, é muito possível que se aproxime da verdade o que relatámos.

**N.º 33** (1) — (18 de Abril de 1918)

Gaspar Rodrigues, 34 anos, casado, marchante. Tendo estado no Pôrto, regressou a Braga e passado algum tempo, encontrando-se doente, recolheu ao hospital. Morador na Rua da Cruz de Pedra.

(1) Estão numerados em normando os doentes vindos do Pôrto.

N.º 34—(29 de Abril de 1918)

Ana Maria, 24 anos, casada com o doente n.º 33.

N.º 35—(25 de Abril de 1918)

Candido Lopes, 32 anos, solteiro, sapateiro, da Rua da Cruz de Pedra, vizinho do doente n.º 33.

N.º 36—(22 de Abril de 1918)

Geraldo Gonçalves Guimarães, 16 anos, sobrinho do doente n.º 33.

N.º 37—(27 de Abril de 1918)

José Jorge, 22 anos, solteiro, marchante, morador em Maximinos, empregado do doente n.º 33.

N.º 38—(24 de Março de 1918)

Florentina da Gloria, 20 anos, solteira, serviçal, moradora na ilha do Afonso, freguesia de S. Vitor.

N.º 39—(29 de Março de 1918)

Maria Augusta, 23 anos, solteira, domestica, moradora tambem na ilha do Afonso, freguesia de S. Vitor.

## COMO SE DISSEMINOU NA CIDADE

O doente n.º 1 não deu caso nenhum de contágio, não sucedendo o mesmo com o n.º 2 (doente Rosas, da Avenida Ulisses Taxa) que deu uma serie de casos. Toda a sua familia, e uma outra que coabitava a mesma casa foram contagiados (doentes n.ºs 3, 4, 5, 6, 7, 8).

A doente n.º 9, Ana das Maravilhas, da Rua Nova de Santa Cruz, que era visita da familia Rosas, e que em casa desta mesma familia foi contagiada, deu por sua vez dois casos de contágio, os doentes 10 e 11, suas vizinhas.

A familia do doente n.º 12, Tomé, da Rua de S. Domingos acabou toda com a mesma doença (doentes n.ºs 13, 14, 15, 16, 17).

O doente n.º 18, o enfermeiro do hospital de S. Marcos que faleceu com o tifo, contagiou sua esposa que tambem faleceu da mesma doença.

O doente n.º 20 de S. Martinho de Dume, que tão desconcertado deixou o Sr. Delegado de Saude, por não ter conseguido apurar o preten-

dido local, onde o doente teria adquirido a doença, confessou-nos que pernôitára no Pôrto umas semanas antes de adoecer. onde adquiriu a doença com certeza. A mãe do doente e uma vizinha foram atacadas do mesmo mal (doentes n.ºs 21 e 22).

O doente n.º 23, das Palhotas, Santos Silva, contagiou toda a família (doentes n.ºs 24, 25, 26, 27, 28).

Do que fica exposto concluímos que a disseminação se fêz primeiramente na freguesia de S. Vitor. Pudémos reconstituir até aqui o que se passou em Braga, com a disseminação da doença, os doentes n.ºs 2, 12, 18, 20, 23 que se recordam de ter contraído a doença no Pôrto, pelo menos, há todas as presuncões, de que as cousas se tivessem passado assim, foram eles que veícularam a epidemia para Braga. Exceptuando os doentes n.ºs 18 e 20 que poucos casos deram de contágio, os restântes doentes, são da freguesia de S. Vitor, e, aí constituíram quatro focos — casa do doente Rosas na Avenida Ulisses Taxa — casa da doente Maravilhas da Rua Nova de Santa Cruz que é uma ramificação do primeiro — casa do doente Tomé da Rua de S. Domingos — e a casa do doente Santos Silva das Palhotas.

Temos a considerar ainda mais dois focos noutras freguesias — a casa da doente da Rua de Santo Antonio dos Travessos — doente n.º 29 com três casos de contágio (doentes n.ºs 30, 31, 32).

E, finalmente o foco da Rua da Cruz de Pedra — casa do doente 33, o marchante da Cruz de Pedra que deu os seguintes casos de contágio doentes n.ºs 34, 35, 36, 37.

A acrescentar a estes focos, temos o de S. Martinho de Dume — casa do doente n.º 20, no lugar do Monte.

As doentes n.ºs 38 e 39 da freguesia de S. Vitor, não as podemos filiar em nenhum dos focos; conta a doente n.º 38 que andando a proceder á limpeza duma casa tambem na freguesia de S. Vitor, passado algum tempo se encontrou doente.

Surge no nosso espírito a seguinte interrogação.

Não seria a casa dalgum tifoso que tivesse passado sem registo?

O certo é que a doente n.º 38 focalizou a doença na ilha do Afonso e deu logo em seguida um caso de contágio, na mesma ilha, na pessoa da doente n.º 39.

## Existia já anteriormente em Braga?

A Delegação de Saúde de Braga, não possui no seu arquivo nenhum documento que nos possa elucidar acerca desta interrogação. Informações muito vagas, dalguns clinicos de Braga que colhemos, são tão pouco elucidativas que julgamos desnecessario reproduzi-las.

Existia já anteriormente em Braga? Podemos quasi asseverar que não.

## CAPÍTULO II

# A epidemia disseminou-se

1.º—Onde se manifestou primeiro a disseminação.

2.º—Lugares da cidade atingidos.—3.º—Onde se manifestaram os casos, durante o verão, e por onde começou a subida de inverno; cifras dessa subida.—4.º—Estatística da epidemia desde começo e sua evolução até fins de Agosto de 1919.—5.º—Distribuição de casos por freguesias.

## ONDE SE MANIFESTOU PRIMEIRO A DISSEMINAÇÃO

Pela leitura do capítulo antecedente, vê-se bem que ao redor dos 8 indivíduos que tendo adquirido a doença no Pôrto e que vieram para Braga para perto das suas famílias, se formaram pequenos focos de disseminação que por sua vez deram novos casos. Exceptuando o doente n.º 1 que não deu caso nenhum de contágio por quanto as condições habitacionais da sua família eram razoáveis, os doentes n.ºs 2, 12, 18, 20, 23, 29, 33, deram inúmeros casos de contágio.

Começou-se pois a fazer a disseminação do mal pela freguesia de S. Vitor, que sendo uma das mais populosas da cidade, deu largo acesso a essa disseminação.

Geralmente habitada por operários, das diversas fábricas que aí existem, gente sem cuidados nenhuns higienicos, vivendo durante o dia agrupados nas oficinas, á noite os homens nas tabernas, as mulheres nos soalheiros, a freguesia de S. Vitor durante os sete ou oito primeiros meses de epidemia foi a mais castigada. A seguir disseminou-se o mal na freguesia vizinha de S. Lázaro, habitada tambem por bastantes operários das fábricas de S. Vitor que, ao acotovellarem-se durante a sua faina diurna com os seus companheiros da outra freguesia, veiculavam para as suas habitações, semelhantes debaixo de ponto de vista higienico ás da outra freguesia, o parasita infectado, e, assim se foi propagando o mal.

Por seu lado os outros focos por nós citados, o da Rua de Santo Antonio e o da Cruz de Pedra, jám contribuido conjuntamente para a disseminação, muito especialmente o da Rua de Santo Antonio, rua onde pululam alcouces frequentados pela pior escoria de Braga. soldadesca, vadios que durante o dia se refastelam nas barbas das autoridades pelos bancos da Avenida, encostados pelas paredes da Arcada, aqui vão deixando um, acolá dois ou três dos repugnantes parasitas veiculadores do mal. Na Cruz de Pedra, freguesia de Maximinos, igualmente, se foi alastrando a epidemia.

## LUGARES DA CIDADE ATINGIDOS

E vemos aparecer focos secundarios a estes, por toda a cidade. Na freguesia de S. Vitor, a mais atacada, temos a considerar, as duas ruas par alleas, Avenida Taxa e Rua S. Domingos, já citadas, a ilha do Afonso,

Santa Tecla, os bairros operários aí existentes, Soutelinho, Estrada Velha, os Peões, a ilha do Talaia, as Palhotas, o Areal de Cima e o Areal de Baixo.

Na freguesia de S. Lázaro, temos a considerar o Bairro Carandá, o principal foco dessa freguesia, a Corrica, a ilha do Constantino aos Granjinhos, a Rua do Cabrito ao fundo dos Pelames, a Rua da Ponte, os Galos, etc. Na freguesia da Cidade temos a Rua de Santo Antonio dos Travessos, a Rua de D. Gualdim e a Rua do Forno. Na freguesia da Sé temos a antiga casa do correio ou ilha do Delfim. Na freguesia de Maximinos há a considerar a Cruz de Pedra e o lugar dos Penedos que muitíssimos casos deu. A freguesia de S. João do Souto foi mais poupada.

### **Onde se manifestaram os casos, durante o verão, e por onde começou a subida de inverno; cifras dessa subida.**

A epidemia começou tarde em Braga, principiou em Março; os serviços anti-epidemicos, conforme veremos no capitulo IV, foram quasi nulos, de maneira que no verão, em Agosto, ainda temos muitos casos, e o que acima dissemos sobre os lugares mais atingidos, pode quasi considerar-se dito a respeito do verão: é a freguesia de S. Vitor que mais casos continua a dar no verão, 6 em Julho, 14 em Agosto, 3 em Setembro, e nos locais já mencionados, tendo a acrescentar mais um foco que fica dentro da sua area, a Cadeia Civil. A seguir é a freguesia da Cidade que continua tambem a dar muitos casos, na Rua de Santo Antonio dos Travessos, nessa rua é raro o alcouce, o bordel que não tenha já dado uma dezena deles, e Rua de D. Gualdim e do Forno continuam tambem a dar casos.

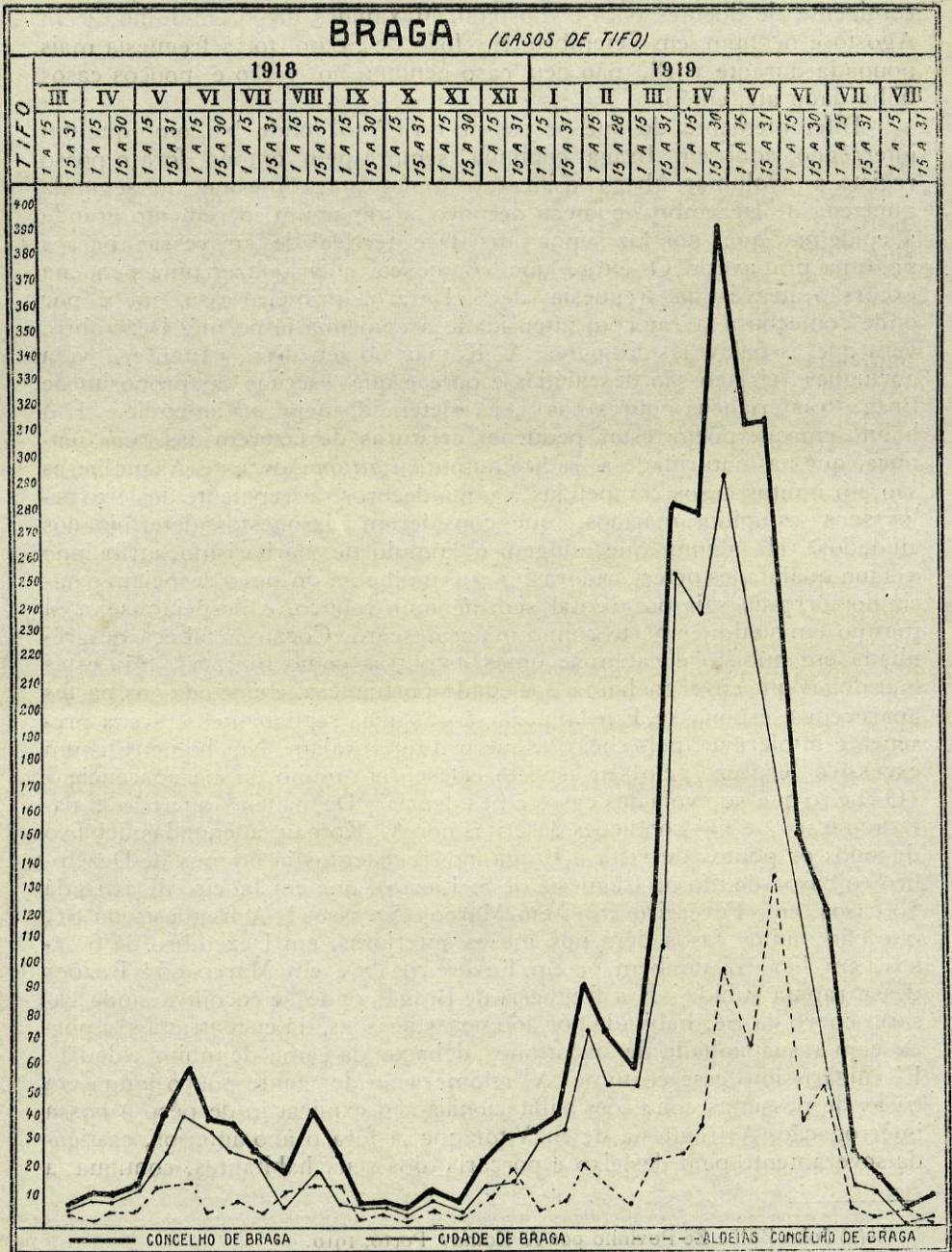
Na freguesia da Cidade temos registados 10 casos em Julho, 2 em Agosto e 1 em Setembro. Segue-se depois a freguesia da Sé, muito junto á da Cidade, com ruas anastomosadas com as destas, a antiga casa do correio ou ilha do Delfim, dezenas de casos dá ainda no verão, 2 em Julho, 16 em Agosto, 4 em Setembro. A freguesia de S. Lazaro depois, o bairro Carandá continúa a dar muitos casos, 7 em Julho, 11 em Agosto, em Setembro nenhum, e, é para admirar, porquanto, como veremos adelante no inverno e depois até o declinar da epidemia é a freguesia onde mais estragos o tabardilho fêz em Braga, não há duvida que é a freguesia mais populosa de Braga, mas é tambem onde a população é mais avessa ás medidas anti-epidemicas, algumas centenas de sapateiros aí vivem, aglomerados em oficinas insalubres, acumulados sobre montes de esterquilínio, coabitando com porcos, galinhas, são comparaveis a animais trogloditas que não recuam em ameaçar-nos com a sua faca de trabalho, o trincho, quando os convidamos a tomar banho. Há lá o pimpão de feira que pelo facto de pertencer á formiga branca da terra, nos ameaça, nos chega mesmo a perseguir desafortadamente, escudado pela policia, zomba, escarnece e não toma banho...

As freguesias de Maximinos e de S. João do Souto dão um pequeno contingente de doentes para o hospital. Maximinos dá 6 em Julho, 4 em Agosto e nenhum em Setembro. S. João de Souto foi a freguesia mais poupada durante 1918, não deu caso nenhum no verão e poucos casos tinha dado até então.

Diferentemente do que se passou no Pôrto, onde há como que um interregno, aqui em Braga continua sempre pelo outono fora o nosso registo a avolumar, chega o inverno, muito antes mesmo, na segunda quinzena de Dezembro. começa de novo a tomar um incremento grande a epidemia, que nos faz supor uma fase terrível de atravessar para a próxima primavera. O leitor, que conosco queira fazer uma pequena excursão através da freguesia de S. Lazaro, primeiro essa que é por onde começou a lavar com intensidade a epidemia já no mês Dezembro, verá que as palavras do inglês A. Kotnay no seu livro «Análise á vida portuguesa»<sup>(1)</sup> não são descabidas e parece que escritas a proposito de Braga. «as crianças pobres nas ruas metem dó pela sua imundície. É o hábito em que põem estas pequenas criaturas de fazerem das ruas sentinas, que na maturidade se radica num *ad libitum* indecente. As mulheres são em muitos casos compelidas a um indecoroso e repelente desleixo pelos seus estúpidos maridos, que consideram desonestos determinados cuidados. Há alguns que atingem o cúmulo de barbarismo, atribuindo á água qualidades deterioradoras!!» «as mulheres do povo despejam o nariz no fôrro da saia ou avental sem nenhum rebuço, e despejam-se a si mesmo em qualquer parte com o maior descaro. Coçam a cabeça desgrehada em público e catam-se umas ás outras como macacas. São estas marafonas que envergonham a sociedade portuguesa, e em todas as partes aparecem a espojar-se. Em limpeza são as mais repugnantes e a sua presença é intolerável, pelo cheiro asqueroso que exalam. Nos homens há um excessivo desprezo pelo seu aspecto e descaram muito da sua aparência.» «O cheiro que se evola das casas é pestilencial.» De maneira que não é para admirar que nas condições descritas por A. Kotnav, adequadas debaixo de todos os pontos de vista a Braga, nós registemos já no mês de Dezembro 19 casos de tifo na freguesia de S. Lazaro, que em Janeiro de 1919 dá 50 casos, em Fevereiro 48 e, em Março 152 casos! A freguesia da Sé, que não muitos casos dera nos meses anteriores, em Dezembro dá 6 casos, em Janeiro também 6, em Fevereiro 12 e em Março 96! Razões dessa rapida subida? É a freguesia de Braga, onde se encontra ainda casario coevo da Sé, habitado por inumeras pessoas, lá encontramos a porca com a sua ninhada de bacorinhos, debaixo da cama de muito cidadão. E' vulgarissimo esse costume. A aglomeração de gente pouco limpa em casas de péssimas condições habitacionais são explicação de pêso á nossa interrogação. A freguesia de S. Vitor que já fôra o ano anterior, castigada severamente pelo desleixo e porcaria dos seus habitantes, continua a

(1) John Bull e Zé Povinho por A. Kotnay. Porto, 1910.

# Mapa n.º I



fornecer um contingente grande para a população hospitalar. Dezembro 13 casos, Janeiro 27, Fevereiro 27 e Março 51 casos.

A freguesia de Maximinos dá em Dezembro 6 casos, em Janeiro 11, em Fevereiro 6 e em Março 31.

Cidade dá em Dezembro 1, em Janeiro 9, em Fevereiro 10 e em Março 6. S. João do Souto dá 3 casos em Dezembro, 7 em Janeiro, 4 em Fevereiro, 27 em Março.

Essas cifras da subida da epidemia, no inverno, tomam porporções assustadoras; em conjunto temos os seguintes numeros: Dezembro 48, Janeiro 110, Fevereiro 107, Março 363 casos.

## Estatística da epidemia desde começo, e sua evolução até fins de Agosto de 1919

Concatenando alguns numeros dispersos, por nós já apresentados, vamos muito sucintamente fazer o estudo estatístico da epidemia desde o começo. Foram registados na cidade de Braga, de 3 de Março de 1918 a 31 de Agosto de 1919, 2068 casos de tifo; não queremos ter a presunção de afirmar que o nosso registo é exacto, muitos e variados foram os obices que não permitiram que chegassemos a numeros exactos. A falta de cumprimento dos regulamentos sanitários por parte de muitos colegas, não participando os casos, contribuiu enormemente para que os numeros por nós apresentados não correspondam bem á verdade.

No entretanto, organizámos o mais conscienciosamente possível a estatística da epidemia, lançando mão do «processo dos verbetes» o mais usado em estatística. Consultando os grupos e sub-grupos de verbetes arquivados na Delegação de Saúde de Braga, e por nós cuidadosamente anotados, elaboramos o mapa n.º 1 que representa a curva dos casos na cidade de Braga e aldeias circumvizinhas. Por quinzenas temos respectivamente: 1918 Março 4-10, Abril 9-13, Maio 25-42, Junho 38-30, Julho 25-6, Agosto 25-12, Setembro 3-5, Outubro 4-8, Novembro 5-13, Dezembro 16-32, 1919, Janeiro 35-75, Fevereiro 54-53, Março 105-258, Abril 239-294, Maio 241-179, Junho 113-65, Julho 15-12, Agosto 0-5.

Somados dão precisamente os 2068 casos por nós registados na cidade de Braga.

Desses 2068 casos, 1304 são indivíduos do sexo feminino, 764 do sexo masculino, 1146 solteiros, 848 casados e 104 viuvos.

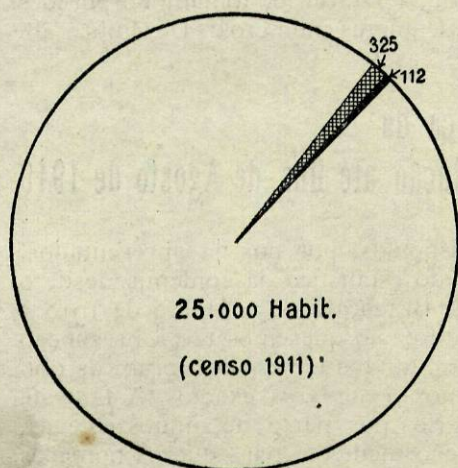
IDADES: de 0 a 1 ano 3; de 1 a 10 234; de 10 a 20 331; de 20 a 30 259; de 30 a 40 395; de 40 a 50 409; de 50 a 60 271; de 60 a 70 174; de 70 a 80 17 e de 80 a 90 5.

De profissões muito variadas, encontramos um grande numero de operários e mulheres que se dedicam a trabalhos domésticos.

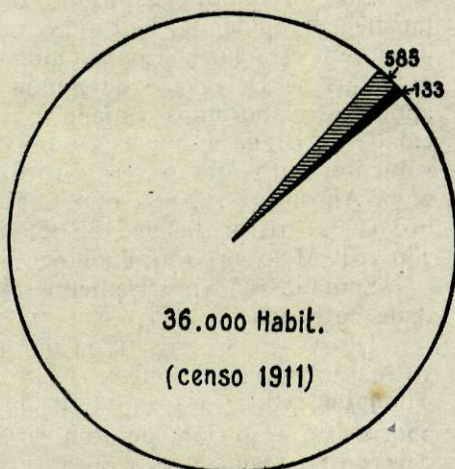
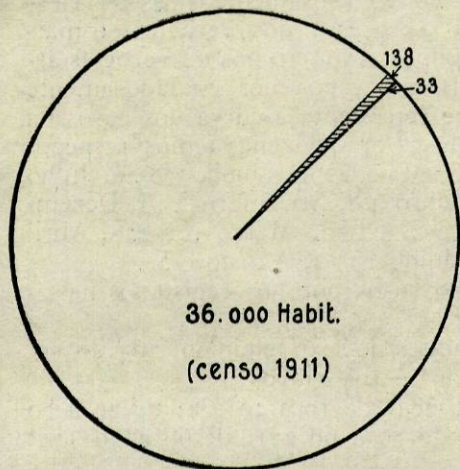
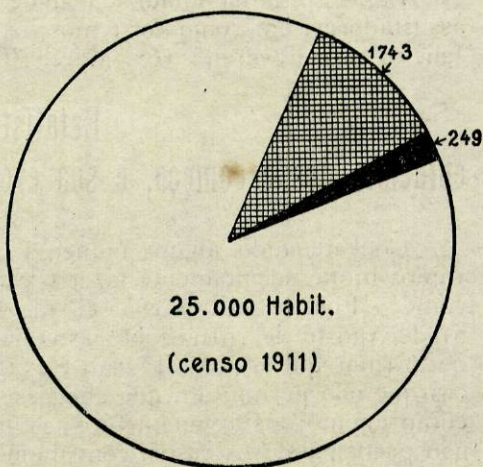
Profissões: 445 operários; 356 domésticas; 127 sapateiros; 227 mendigos; 129 serviçais de lavoura; 1 professor; 118 industriaes; 35 empregados no




## Mapa n.º 2

1918 Março a Dezembro



1919 Janeiro a Agosto



 Mortalidade  
 Tifo na cidade  
 Tifo nas aldeias

comercio; 71 capitalistas; 3 médicos; 11 enfermeiros; 7 empregados do Pôsto da Desinfecção; 75 militares; 2 officiaes do exercito; 6 estudantes; 17 policiaes; 1 guarda-fiscal; 2 músicos; 465 menores e sem profissão.

O mapa n.º 2 representa a mortalidade na cidade de Braga, de Março a Dezembro de 1918 e de Janeiro a Agosto de 1919 (1)

De Março a Dezembro de 1918 registamos 112 obitos—53 sexo masculino, 59 sexo feminino. Eram casados 65, solteiros 28 e viuvos 19.

IDADES: De 0 a 1 ano 1; de 1 a 10 3; de 10 a 20 4; de 20 a 30 9; de 30 a 40 21; de 40 a 50 27; de 50 a 60 23; de 60 a 70 17; de 70 a 80 6; de 80 a 90 1.

Pertenciam ás freguesias de: S. João do Souto, 4; S. Vitor, 49; Sé, 19; S. Lázaro, 18; Cividade, 16; Maximinos, 6.

Profissões: 30 dedicavam-se a trabalhos domésticos, 2 enfermeiros, 10 sapateiros, 3 negociantes, 3 proprietarios, 25 operarios, 20 mendigos, 1 estudante, 2 músicos, 2 guardas-fiscaes, 2 policiaes e 12 sem profissão.

De Janeiro a Agosto de 1919 registamos 249 obitos — 143 do sexo feminino e 106 do sexo masculino. Eram 141 casados, 46 solteiros e 62 viuvos.

IDADES: De 1 a 10 anos 1; de 10 a 20 2; de 20 a 30 9; de 30 a 40 42; de 40 a 50 54; de 50 a 60 72; de 60 a 70 46; de 70 a 80 23.

Pertenciam ás freguesias de: S. João do Souto, 23; S. Lázaro, 119; S. Vitor, 45; Sé, 27; Cividade, 13 Maximinos, 22.

De profissões variadissimas temos: 1 enfermeiro, 13 empregados comerciais, 8 proprietarios, 2 policiaes, 70 domésticos, 29 serviçais de lavoura, 7 mendigos, 75 operarios, 24 sapateiros, 2 officiaes do exercito, 2 médicos e 16 industriaes.

A epidemia que em 1918, no mês de Julho, parece querer declinar, em Agosto do mesmo ano recrudescce, para novamente, declinando, atingir em Março de 1919 o seu periodo de fastigio e dar cifras elevadissimas por nós já apresentadas (vide mapa 1). Organizados os serviços anti-epidemicos no intervalo de 6 semanas entra em franca defervescencia.

Em Setembro de 1919 registamos um numero de casos, inferior aos registados no mês correspondente ao ano anterior, e em Agosto só registamos 5 casos, ficando convencidos de que em Braga (cidade) ficou extinta a epidemia do tabardilho.

## Distribuição dos casos por freguesias

O mapa n.º 3 representa a distribuição dos casos pelas 6 freguesias da cidade de Braga. A percentagem mais elevada de casos de tifo é a da freguesia de S. Lázaro. Segue-se depois S. Vitor, Sé, Maximinos, Cividade (S. Tiago) e S. João do Souto, isto em 1919, porque em 1918, é S. Vitor, como atrás já referimos, onde a percentagem é maior, e a seguir S. Lázaro, Sé, Cividade (S. Tiago), Maximinos e S. João do Souto.

(1) A taxa da mortalidade, estabelecida com os numeros do nosso registo, corresponde a 17, 27, que não deve ser exacta pelas razões atrás aduzidas.



## CAPÍTULO III

### A epidemia nas aldeias vizinhas

1.º—Quais foram atingidas em primeiro lugar.

2.º—Ordem de invasão das diversas freguesias. 3.º—Onde se manifestaram os casos durante o verão e por onde começou a subida de inverno. 4.º—Cifras dessa subida por quinzenas e evolução da epidemia até fins de Agosto de 1919. 5.º—Estudo estatístico da epidemia, em cada freguesia por meses.

## Quais foram atingidas em primeiro lugar

As freguesias limitrofes de Braga situadas a noroeste da cidade, mantendo relações comerciais diárias com Braga, denominadas mesmo — o pomar de Braga—porque são elas que abastecem de frutos e legumes a cidade, eram essas freguesias, as que corriam maior risco de serem contagiadas, e assim sucedeu. Independentemente dos casos já relatados de S. Martinho de Dume, doente n.º 20, e casos de contágio subseqüentes, registados em Março e Abril, nos meses seguintes é esta freguesia de S. Martinho de Dume e a sua vizinha S. Jeronimo de Rial, as freguesias atingidas em primeiro lugar. Sequeira e Gondizalves tambem dão alguns casos nos meses de Março e Junho, mas os primeiros casos de uma e outra destas freguesias, conforme averiguamos, foram importados tambem do Pôrto, Vimieiro, Ferreiros, Lamações, Tebosa, Vilaça, Semelhe e Tadim, tambem durante os meses de Maio e Junho dão alguns casos, casos esporádicos, porquanto cada uma dessas freguesias dá tão somente um caso, no entretanto os precisos para uma disseminação posterior.

## Ordem de invasão das diversas freguesias

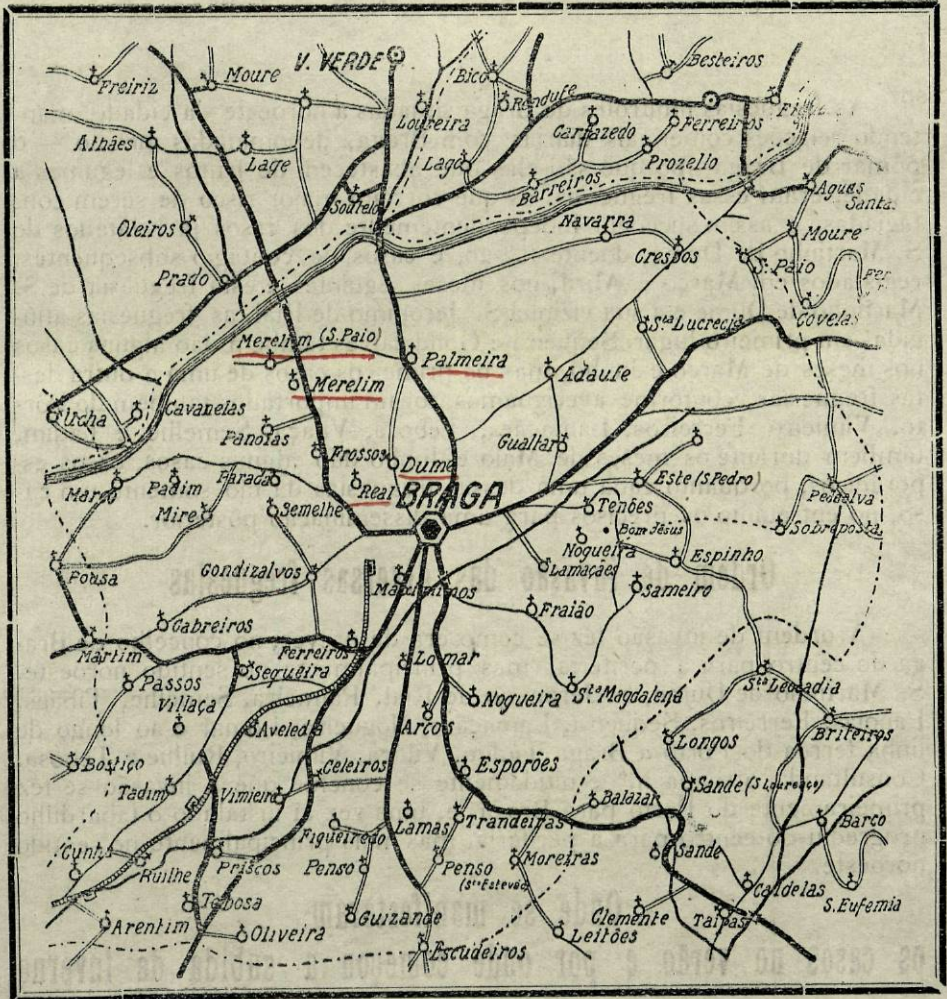
A ordem de invasão fêz-se como era de prever, no concelho de Braga do centro para a periferia, mas principalmente no sentido noroeste, S. Martinho de Dume, S. Jeronimo de Rial, Palmeira, Semelhe, Tibães, Panoias, Ferreiros, Sequeira, Lamações, Nogueira, Lomar e ao longo de linha ferrea do Pôrto a Braga Tadim, Vilaça, Vimieiro, Ruilhe e Tebosa. Consultando o mapa n.º 4 nitidamente se conclue que a invasão se fêz primeiramente do Pôrto para Braga, e, uma vez aí instalado o tabardilho progrediu do centro para a periferia, mas mais principalmente no sentido noroeste.

## Onde se manifestaram

## os casos no verão e por onde começaram a subida de inverno

S. Jeronimo de Rial e S. Martinho de Dume são as duas freguesias mais atacadas durante o verão, sendo no mês de Agosto que a epidemia atingiu o seu periodo de fastígio, muito principalmente em S. Jeronimo de Rial onde se registaram 21 casos. No mês de Setembro só se registou um caso em S. Jeronimo de Rial, parecia extinta a epidemia, puro engano; ao findar o outono já se registam ás dezenas, casos, em S. Martinho de Dume e S. Jeronimo de Rial e pelo inverno fóra são estas duas freguesias as que continuam a dar casos sucessivos, começando-se então

## Mapa n.º 4



CONCELHO DE BRAGA

a fazer a disseminação do mal pelas freguesias ao redor. De S. Jeronimo de Rial alastra para Panoias, Frossos, S. Pedro de Merelim, Parada de Tibães e de S. Martinho de Dume para a vizinha freguesia de Palmeira. Da cidade, o foco principal, fêz-se a disseminação para Ferreiros, Sequeira, Celeirós, Lamações, Nogueira, Nogueiró.

Ruilhe, ao longo da linha dos caminhos de ferro, continua a dar casos, mas poucos.

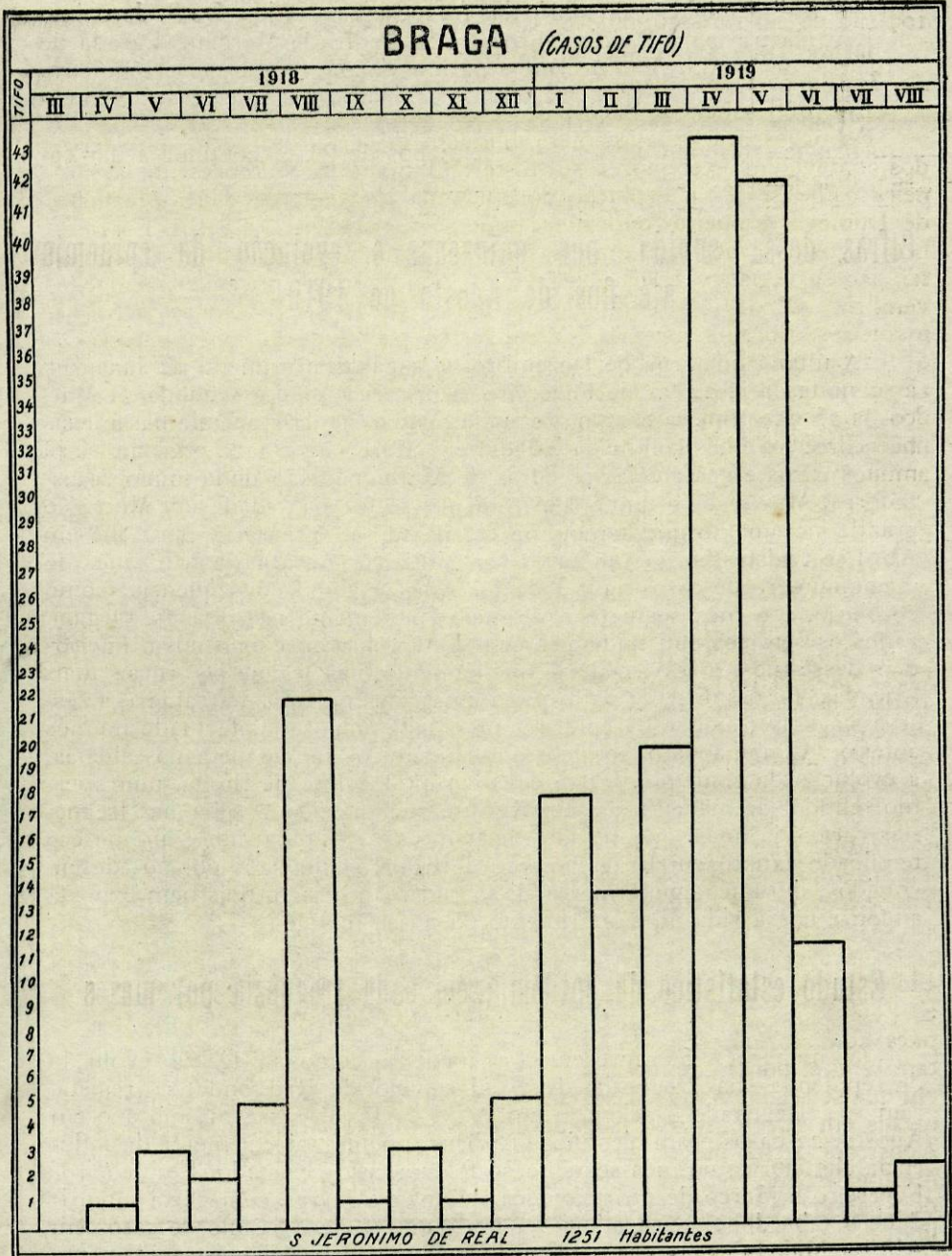
## Cifras dessa subida, por quinzenas e evolução da epidemia até fins de Agosto de 1919

A última quinzena de Dezembro dá 4 casos, a primeira de Janeiro 7 a segunda dá já 22, as de Fevereiro, a primeira 18 e a segunda 7, Março dá 25 na primeira e 27 na segunda. A marcha da epidemia nas aldeias não corre parelhas com a da cidade, em Março na cidade registam-se já muitos casos e nas aldeias as cifras de Março não são ainda muito assustadoras. Mas se bem que o alastramento se fêz na cidade em Março, o grande incremento que tomou na cidade foi o necessario para que em Abril se registassem já 144 casos nas aldeias e em Maio 209. O mês de maior numero de casos na cidade foi Abril e como consequencia, como corolário, é o mês seguinte o de maior incremento nas aldeias. Organizados os serviços anti-epidemicos em Junho, iniciou-se logo nos primeiros dias desse mês, o serviço de despiolhamento, nas freguesias rurais mais atacadas, foi o suficiente para que a curva da epidemia nas aldeias fizesse a sua crise; a crise da epidemia na cidade tinha-se já effectuado no mês anterior. Conjugados os serviços anti-epidemicos na cidade e nas aldeias, a evolução da epidemia, fez-se em todo o concelho de Braga num mesmo sentido, de maneira que em Agosto, quer na cidade, quer nas freguesias rurais, já quasi que se não registam casos de tabardilho, que parece ter ficado extinto em Braga, mercê de esforços titanicos por nós desenvolvidos, durante alguns meses de sacrificios e perigo, pois bem exposta andou a nossa vida no cumprimento da nossa missão.

### Estado estatístico da epidemia em cada freguesia por meses

O mapa n.º 5 representa a maneira como se fêz a evolução da epidemia, na freguesia de S. Jeronimo de Rial onde se registaram 194. Registado o primeiro em Abril de 1918, nesse mesmo ano em Agosto, 22 casos eram identificados; bruscamente, talvez, mercê da influencia climatérica no mês seguinte, só foi um caso registado. Em Janeiro, Fevereiro e Março de 1919 começa de novo a lavrar com certa intensidade o tabardilho, para atingir já um numero elevadissimo de casos em Abril e Maio, 43 e 42 casos respectivamente. Declina depois rapidamente

# Mapa n.º 5



graças ás numerosíssimas desinsecções que lá foram feitas. Dos 194 casos 107 são do sexo masculino e 87 do sexo feminino.

**IDADES:** De 1 a 10 anos, 5; de 10 a 20, 38; de 20 a 30, 27; de 30 a 40, 37; de 40 a 50, 35; de 50 a 60, 33; de 60 a 70, 18; de 70 a 80, 1.

Eram 68 solteiros, 86 casados e 40 viuvos.

De profissões variadíssimas, abundam os ferreiros, perto dum terço dos contagiados exerciam esse mistér. O mapa n.º 6 representa a maneira como se fez a evolução da epidemia na freguesia de S. Martinho de Dume, a primeira contagiada, onde se registaram 139 casos. Foi também Agosto o mês que mais casos deu, durante os dous meses seguintes não se registam casos quasi nenhuns. Começa-se novamente em Novembro de 1918, a identificar bastantes casos e este estado de coisas mantem-se durante os meses de inverno, dando um numero elevado de casos, em Março, Abril e Maio. Há a considerar uma subida consideravel nestes meses, começando os casos a rarear logo que são organizados os serviços anti-epidemicos. Em Agosto de 1919 não se registou nenhum caso, o que não tinha sucedido no mês correspondente do ano anterior. Dos 139 casos são 61 do sexo masculino e 78 do sexo feminino.

**IDADE:** De 1 a 10 anos 4; de 10 a 20, 26; de 20 a 30, 42; de 30 a 40, 32; de 40 a 50, 23; de 50 a 60, 10; de 60 a 70, 2.

Eram 62 solteiros, 53 casados e 24 viuvos.

De profissões variadíssimas, abundam também os ferreiros.

O mapa n.º 7 representa a maneira como se fez a evolução da epidemia na freguesia de Palmeira, onde se registaram 51 casos. Em 1918 esta freguesia foi poupada, os primeiros casos apparecem no inverno 1918 1919. Bastaram esses poucos casos do inverno para que a epidemia se disseminasse, a ponto de em Maio se identificarem 26 casos. Desaparece depois o tabardilho desta freguesia, mercê dos serviços de desinsecção aí estabelecidos. Dos 51 casos são 25 do sexo masculino e 26 do sexo feminino.

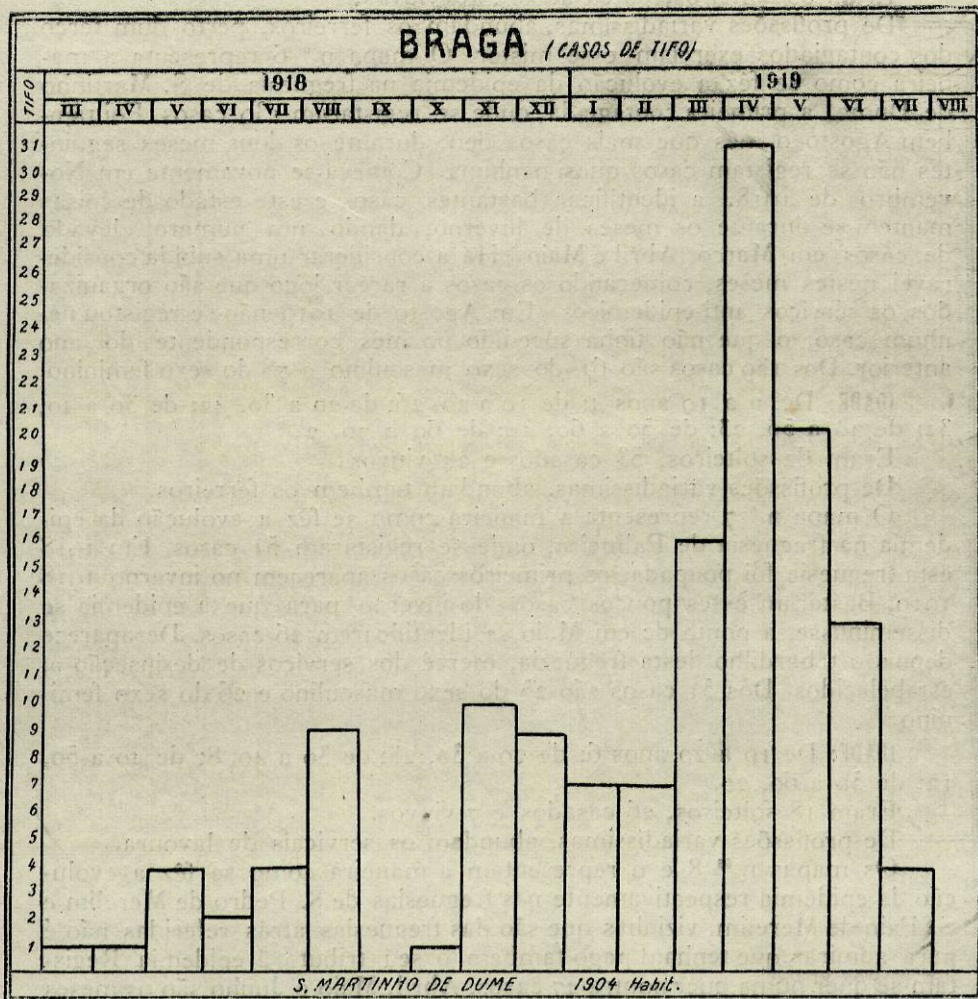
**IDADE:** De 10 a 20 anos 6; de 20 a 30, 23; de 30 a 40, 8; de 40 a 50, 12; de 50 a 60, 20.

Eram 18 solteiros, 26 casados e 7 viuvos.

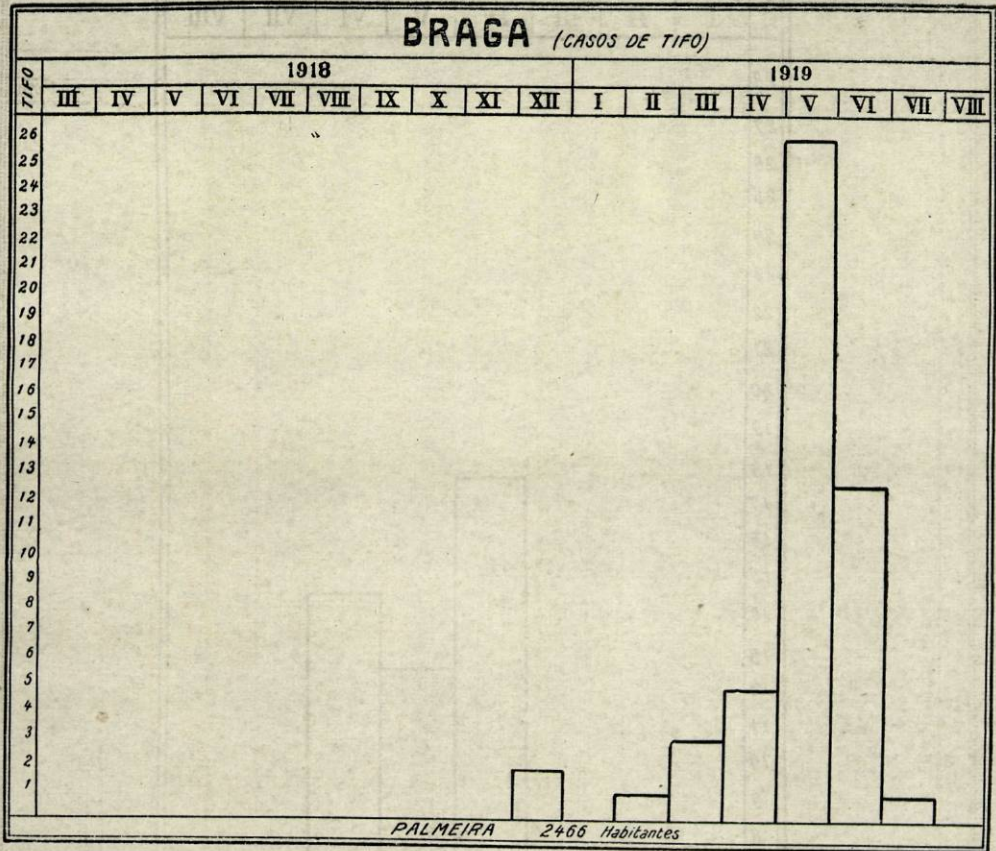
De profissões variadíssimas, abundam os serviços de lavoura.

Os mapas n.ºs 8 e 9 representam a maneira como se fez a evolução da epidemia respectivamente nas freguesias de S. Pedro de Merelim e S. Paio de Merelim, vizinhas que são das freguesias atrás referidas não é para admirar que tenham pago também o seu tributo á epidemia. Registam-se quer numa quer noutra 47 casos. Abril, Maio e Junho são os meses em que se registam mais casos em S. Pedro de Merelim, e são também os meses em que foi mais castigada a freguesia de S. Paio de Merelim. Em Agosto de 1919, mercê dos serviços anti-epidemicos organizados nessas mesmas freguesias, tinha desaparecido delas o tabardilho. Dos 47 casos de S. Pedro de Merelim eram 26 do sexo feminino e 21 do sexo masculino.

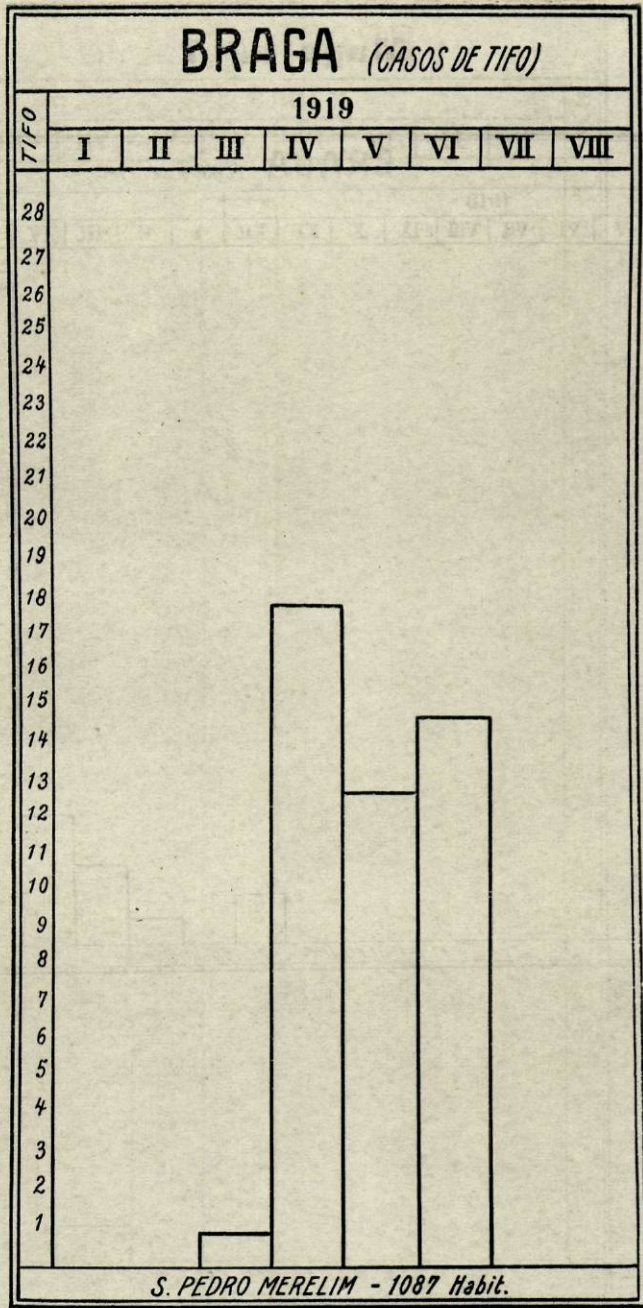
# Mapa n.º 6



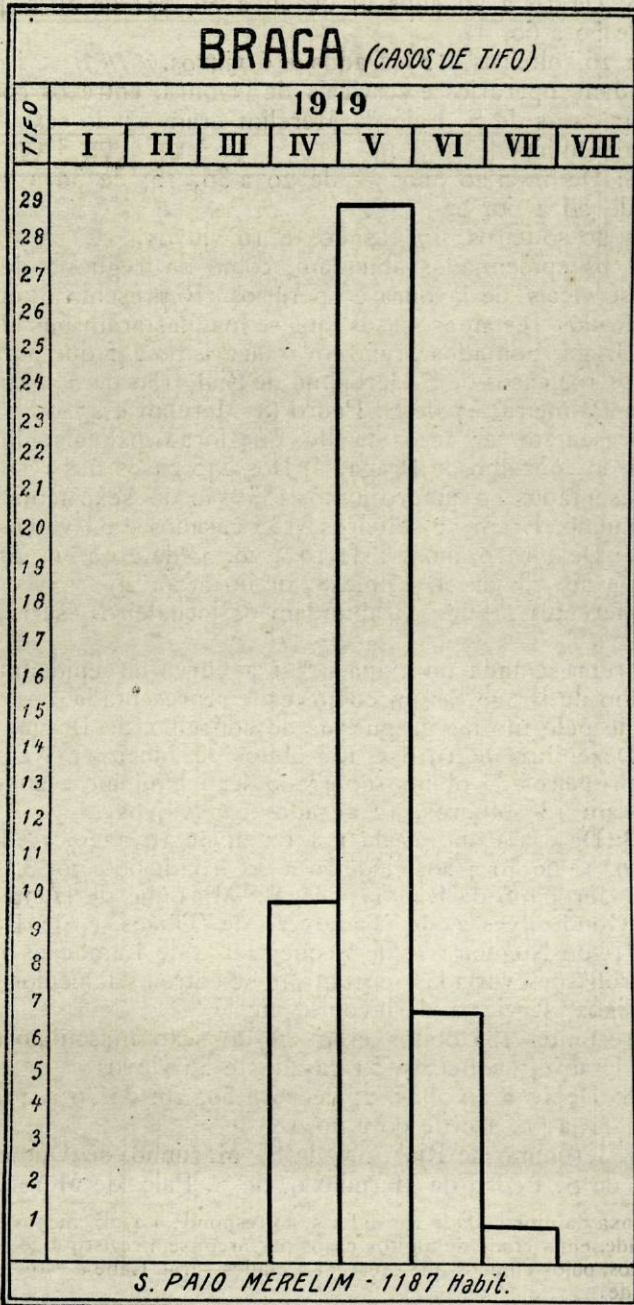
# Mapa n.º 7



Mapa n.º 8



# Mapa n.º 9



**IDADES:** De 10 a 20 anos 2; de 20 a 30, 21; de 30 a 40, 14; de 40 a 50, 9; de 50 a 60, 1.

Eram 26 solteiros, 15 casados e 6 viuvos.

Abundam operários e serviçais de lavoura, entre os contagiados.

Dos 47 casos de S. Paio de Merelim eram 24 do sexo feminino e 23 do sexo masculino.

**IDADES:** De 10 a 20 anos 3; de 20 a 30, 15; de 30 a 40, 19; de 40 a 50, 8; de 50 a 60, 2.

Eram 20 solteiros, 17 casados e 10 viuvos.

Entre os epidemiados abundam, como na freguesia de S. Pedro de Merelim, serviçais de lavoura e operários. Representa o quadro junto a distribuição dos restantes casos que se manifestaram nas aldeias do concelho de Braga. Somados prefazem o algarismo 245 que por sua vez adicionado aos 194 casos de S. Jeronimo de Rial, 139 de S. Martinho de Dume, 51 de Palmeira, 47 de S. Pedro de Merelim e 47 de S. Paio de Merelim, representam 723 casos de tifo, que foram os registados por nós nas freguesias do concelho de Braga. (1) Dos 245 casos das restantes freguesias, representados no quadro junto, 133 são do sexo feminino e 112 do sexo masculino. Eram 77 solteiros, 135 casados e 33 viuvos.

**IDADES:** De 1 a 10 anos 1; de 10 a 20, 4; de 20 a 30, 37; de 30 a 40, 53; de 40 a 50, 73; de 50 a 60, 48; de 60 a 70, 29

De diferentes profissões abundam os jornaleiros, serradores, 1 professor, etc.

Está representada no mapa n.º 1 a curva da epidemia nas aldeias do concelho de Braga, assim como está representada no mapa n.º 2 a mortalidade pelo tifo nas freguesias do concelho de Braga, 33 obitos de Março a Dezembro de 1918 e 133 obitos de Janeiro a Agosto de 1919.

Dos primeiros 33 obitos são 13 do sexo feminino e 20 do sexo masculino. Eram 13 solteiros, 12 casados e 7 viuvos.

**IDADES:** De 0 a 1 ano 2; de 1 a 10, 2; de 10 a 20, 1; de 20 a 30, 3; de 30 a 40, 1; de 40 a 50, 7; de 50 a 60, 10; de 60 a 70, 3; de 70 a 80, 4.

De S. Jeronimo de Rial 11, de S. Martinho de Dume 9, de Semelhe 3, de Gondizalves 2, de Tadim 2, de Tibães 1, de Palmeira 1, de Ferreiros 1, de Nogueira 1, de Sequeira 1 e de Lamações 1.

De profissões variadas, encontram-se entre os falecidos alguns ferreiros, mendigos, serviçais de lavoura, etc.

Dos restantes 133 obitos eram 78 do sexo masculino e 55 do sexo feminino. Eram 47 solteiros, 54 casados e 32 viuvos.

**IDADES:** De 10 a 20 anos, 2; de 20 a 30, 26; de 30 a 40, 32; de 40 a 50, 57; de 50 a 60, 10; de 60 a 70, 6.

De S. Jeronimo de Rial 35, de S. Martinho de Dume 26, de Palmeira 13, de S. Pedro de Merelim 9, de S. Paio de Merelim 7, de No-

(1) A taxa da mortalidade nas aldeias, corresponde a 22,95, menos exacta ainda do que na cidade, em virtude de muitos casos passarem sem registo e de outros, terem sido sonogados, pelos clinicos que exercem a clinica rural. Cabe a estes uma grande responsabilidade.

gueiró 1, de Ferreiros 6, de Lomar 5, de Frossos 7, de Nogueira 3, de Tenões 6, de Panoias 6, de Tadim 2, de Veiga de Penso 1, de S. Pedro de Escudeiros 2, de Semelhe 2, de Celeirós 2.

De profissões variadissimas, temos entre os falecidos, um professor, serviços de lavoura, operários, etc.

Quadro dos restantes casos que se manifestaram nas aldeias do concelho de Braga

Freguesias	1918												1919							
	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII		
Espinhos.....																				
Este S. Mamede.....																	1			
Tarandeiros....															1					
Espessandes....														1						
Nogu iró.....														1						
Parada. . . . .														1				1		
Gondizalves. . .			6	2											1	1				
Nogueira.....					3															
Tibães.....										3				1	12	4				
Panoias.....										2				6	8	7				
Ferreiros.....			1			1			1	1	1	1	2	7	15	2				
Celeirós.....											1	7			2	1				
Tadim.....				1	2															
Veiga de Penso.														4						
Gualtar.....															2	1				
Graça.....															1	2	1			
Ruilhe. . . . .										1	1	1				2				
Aveleda . . . . .											1	1						1		
Crespos.....														1						
Semelhe.....				1	1	2										3				
Lamações.....			1																	
Escudeiros & Pedro													1	2	2	1				
Lomar. . . . .									1					1	2	1				
Tenões.....														4	12	10				
Sequeira.....			7	2										3	12	2				
Frossos.....											1		1			3				
Cabreiros. . . . .											1		1	1	15	2		1		
Vimieiro.....		1												1						
Tebosa. . . . .		1	1																	
Vilaça.....		1			1											1				
Santa Lucrécia.															1			1		

## CAPÍTULO IV

# Os trabalhos anti-epidemicos em 1918

- 1.º — O internamento hospitalar quando se começou a fazer e como se fez.
- 2.º — O despielhamento dos indivíduos e das casas quando e como se fez. 3.º — As desinfeções das casas.

## O internamento hospitalar quando se começou a fazer e como se fêz

Reportando-nos ao relatório do Sr. Delegado de Saúde (vidè capitulo I), verificamos que o internamento hospitalar começou a fazer-se em Braga precocemente, 6 de Março de 1918, o segundo doente (Rosas) ingressou no hospital a essa data, e seguidamente foram entrando no hospital não só os doentes do concelho de Braga, como mais alguns de outros pontos do distrito (vidè relatório do Sr. Delegado de Saúde, capitulo I).

• Conforme me foi participado pelos respectivos sub-delegados de saúde, indivíduos portadores de tifo exantemático foram surpreendidos em Cabeceiras de Basto (dois), Famalicão (três), Vieira (um) sem que, nestes concelhos se tivessem dado por contágio outros casos. Isto há um mês pouco mais ou menos. Ultimamente também um caso procedente do Pôrto appareceu em Barcelos, e outro ainda em Amares, estando ambos os indivíduos em tratamento no hospital de aqui. Foi o antigo colégio do Espírito Santo adaptado a hospital, casa com esplendidas condições de hygiene, não podia ter sido melhor a escolha do Sr. Delegado de Saúde. No primeiro ano de epidemia foi occupado somente com enfermarias um pavilhão do colégio que representamos nas figuras n.ºs 1 e 2.

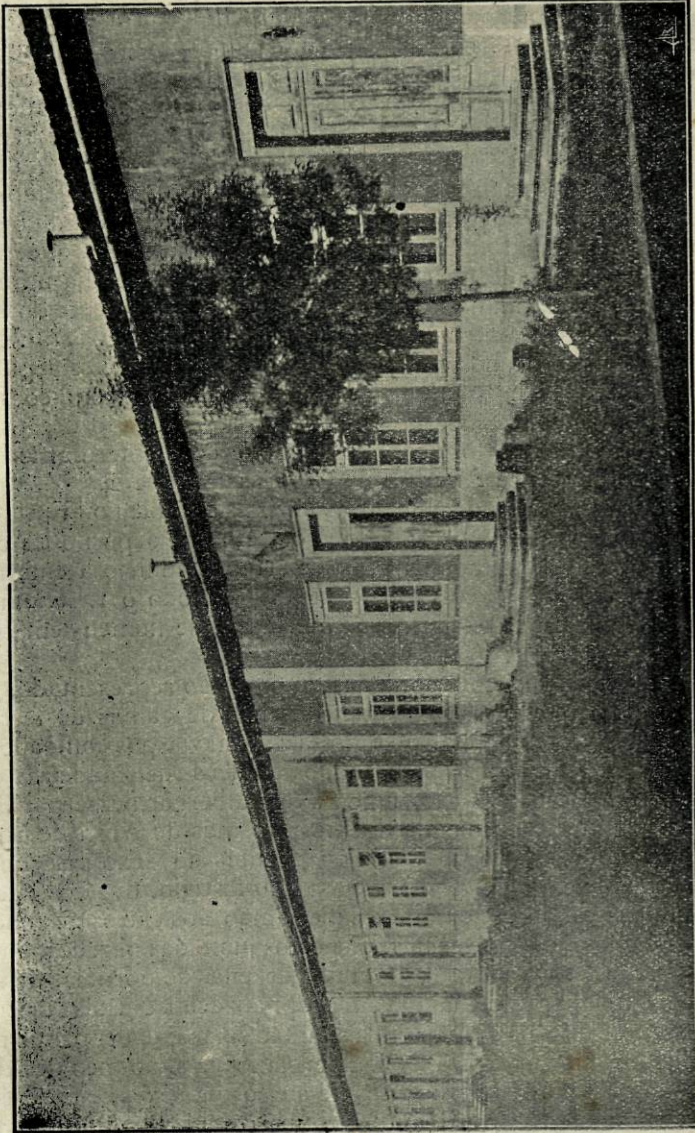
A figura n.º 3 representa o edificio principal do colégio. Em 1918 serviu o rez-do-chão, para refeitório do pessoal e para depósito de convalescentes, em 1919 foi adaptada a mesma parte do edificio a enfermarias de mulheres, ficando os doentes pensionistas em todo o 1.º andar.

A figura n.º 4 representa a sala n.º 5 enfermaria de homens em 1919 no pavilhão das figuras n.ºs 1 e 2.

Em 5 salas espaçosas e bem ventiladas do pavilhão representado, nas figuras n.ºs 1 e 2, foram armadas algumas dezenas de camas de ferro e no periodo de fastígio da epidemia, quando já não havia possibilidade de obtermos camas de ferro, foram armados catres de madeira que obtivemos mesmo em Braga. Conseguimos assim albergar nesse pavilhão figuras n.ºs 1 e 2 algumas dezenas de doentes; no mês de Abril de 1919, estiveram hospitalizados nesse pavilhão 307 doentes de sexo masculino. Foi no mês de Abril que atingiu a epidemia o seu fastígio, tivemos necessidade, então como atrás já dissemos de lançar mão dos catres de madeira, que acumulados nas diferentes salas, dispostos junto das paredes, em filas ao longo das salas, comportavam as muitas dezenas de doentes, de ambos os sexos que diariamente demandavam hospitalização. Nestas cinco salas do pavilhão figuras n.ºs 1 e 2 e em outras tantas salas que occupam o rez-do-chão do edificio principal, figura n.º 3 albergámos nós, no mês de Abril segundo reza o nosso registo 677 doentes de ambos os sexos. Representa a figura n.º 5 uma enfermaria de mulheres no rez-do-chão do edificio principal do hospital. Era uma antiga sala de estudo, bem nossa conhe-

cida do Colégio do Espírito Santo, hoje transformada em enfermaria.

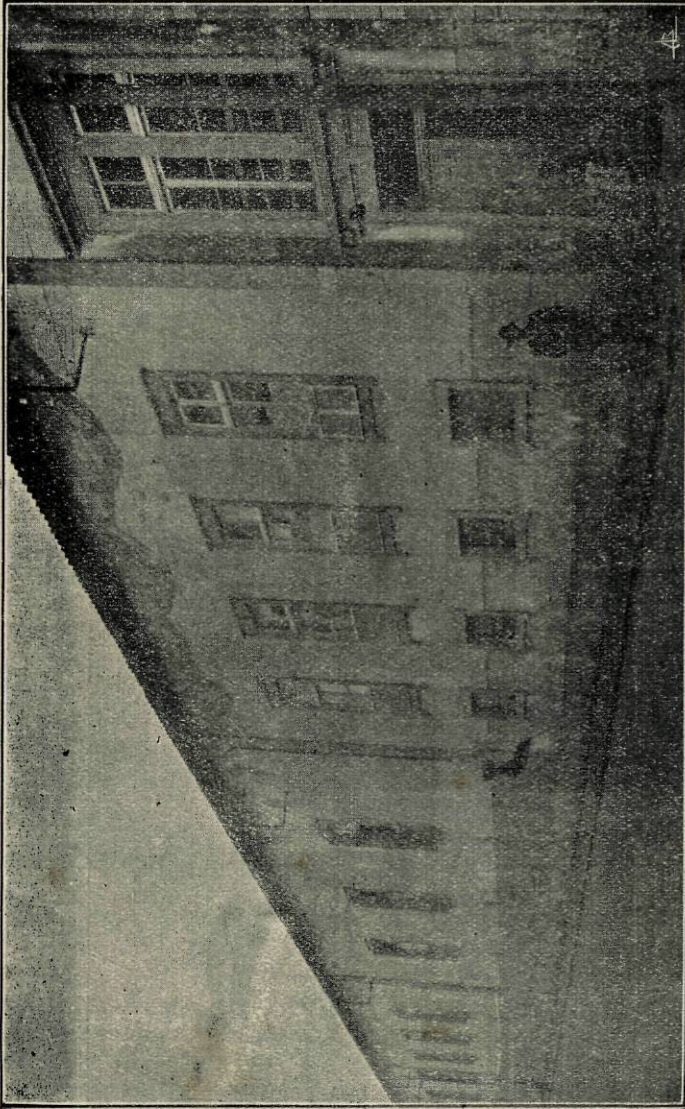
Pejadas sempre as enfermarias com dezenas e dezenas de epidemiados, carecendo de internamento outras tantas dezenas, e como forçoso era, albergar durante algum tempo ainda, após a crise os epidemiados



**Figura 1**

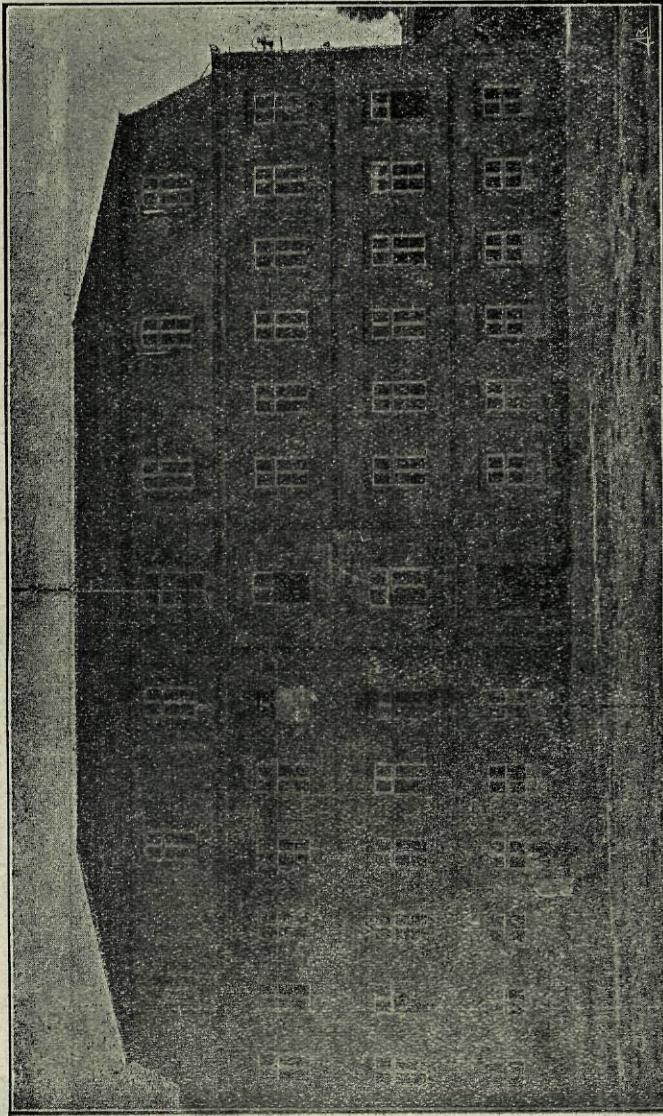
Pavilhão adaptado a enfermarias de homens e mulheres em 1918.—em 1919 enfermarias de homens visto do lado dos recreios do colégio

que uma vês saídos do hospital, muitos deles teriam imediatamente que retomar os seus afazeres, quando não faleceriam, não da doença, mas sim de fome, e, como forçoso era pois, albergar os convalescentes, adaptamos o antigo teatro do Colégio do Espírito Santo a depósito de conva-



**Figura 2**  
O mesmo pavilhão visto do lado da Rua de Santa Margarida

lescentes. E, aí passavam os convalescentes algumas semanas, bem alimentados, retouçando durante o dia na relva dos recreios, á espera do restabelecimento das forças que lhes permitissem ir lá fóra, angariar a triste côdea de pão quotidiana. Quantos deles não se lembrarão com sau-

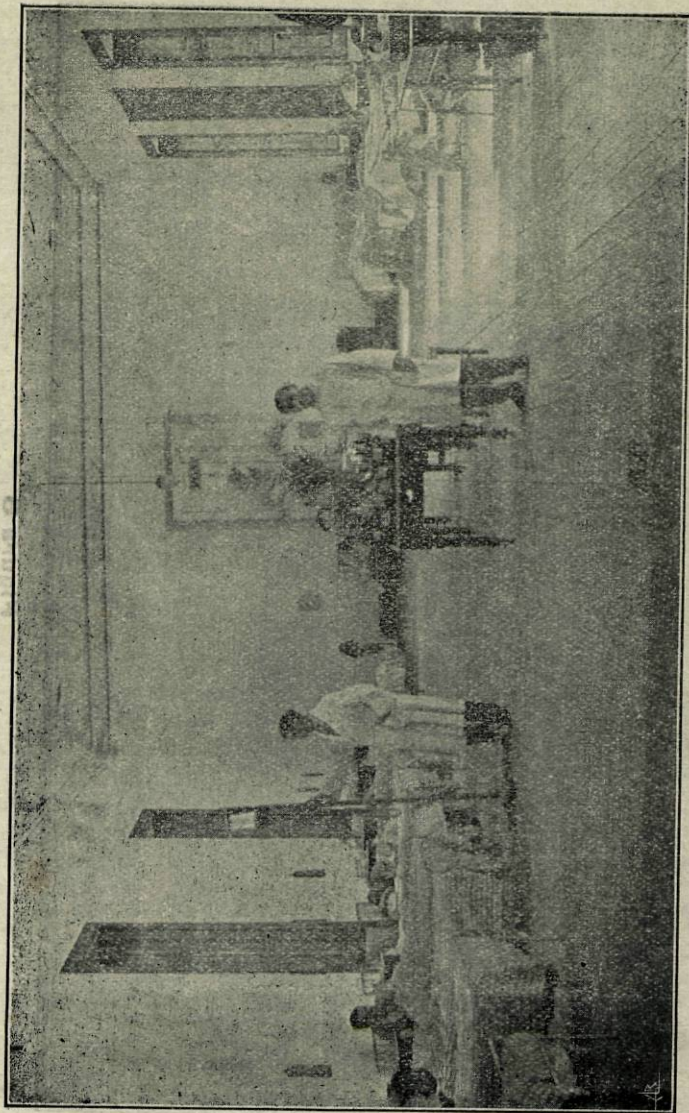


**Figura 3**  
Hospital de Isolamento do Espírito Santo

idades, dos dias passados aí no Depósito de convalescentes.

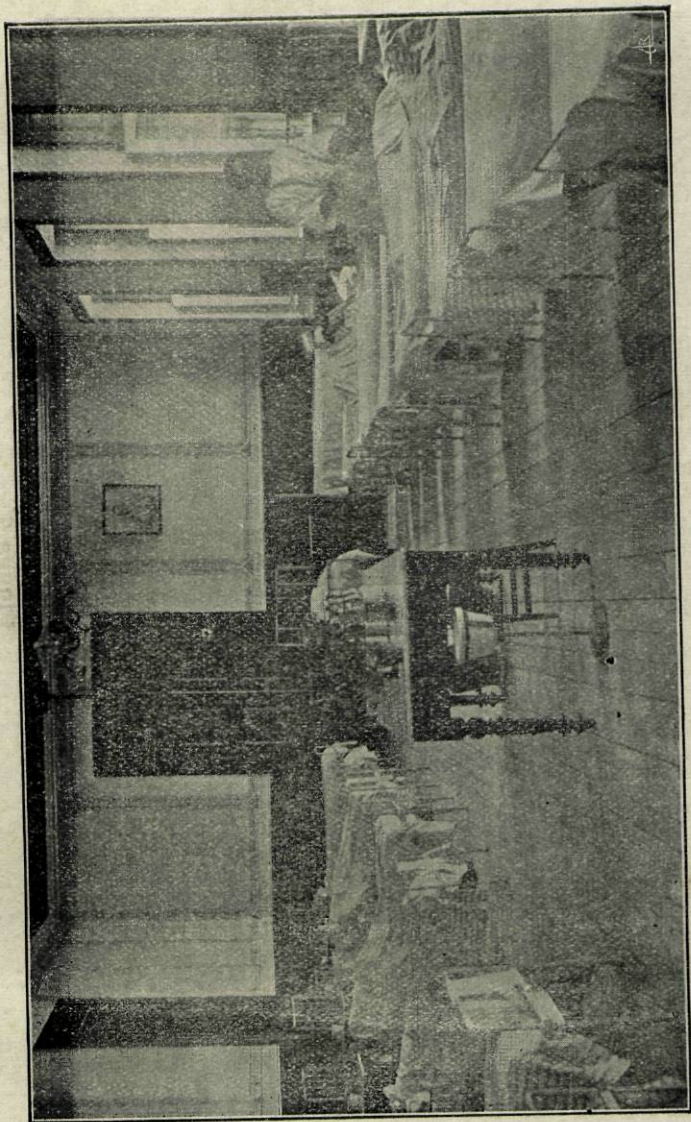
Representa a figura n.º 6 o Depósito de convalescentes (antigo teatro do Colégio do Espírito Santo)

Anexo ao hospital, improvisamos um posto de despiolhamento, tra-



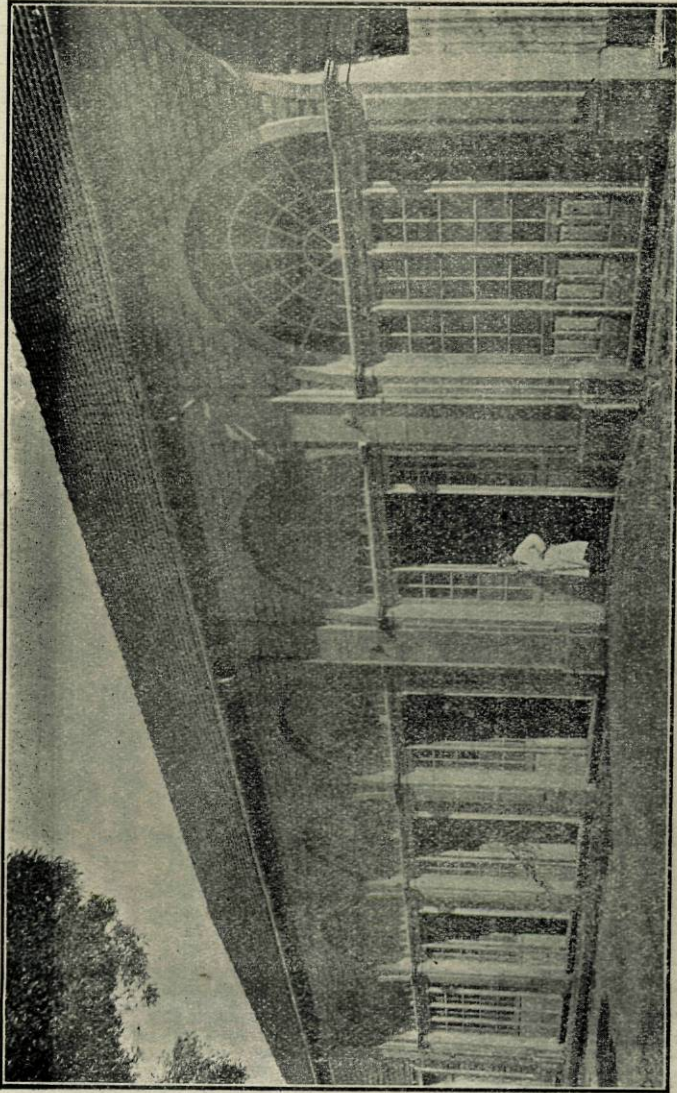
**Figura 4**  
Infermarias de homens — Sala n.º 5

zendo a água quente das cozinhas do Colégio para um pavilhão isolado do edifício principal. Destinávamos em 1918 fazer neste pôsto, o despio-lhamento da população suja, da parte norte da cidade, e ainda algumas dezenas de despio-lhamentos aí realizamos em 1918, paralizados os ser-



**Figura 5**  
Enfermaria de mulheres

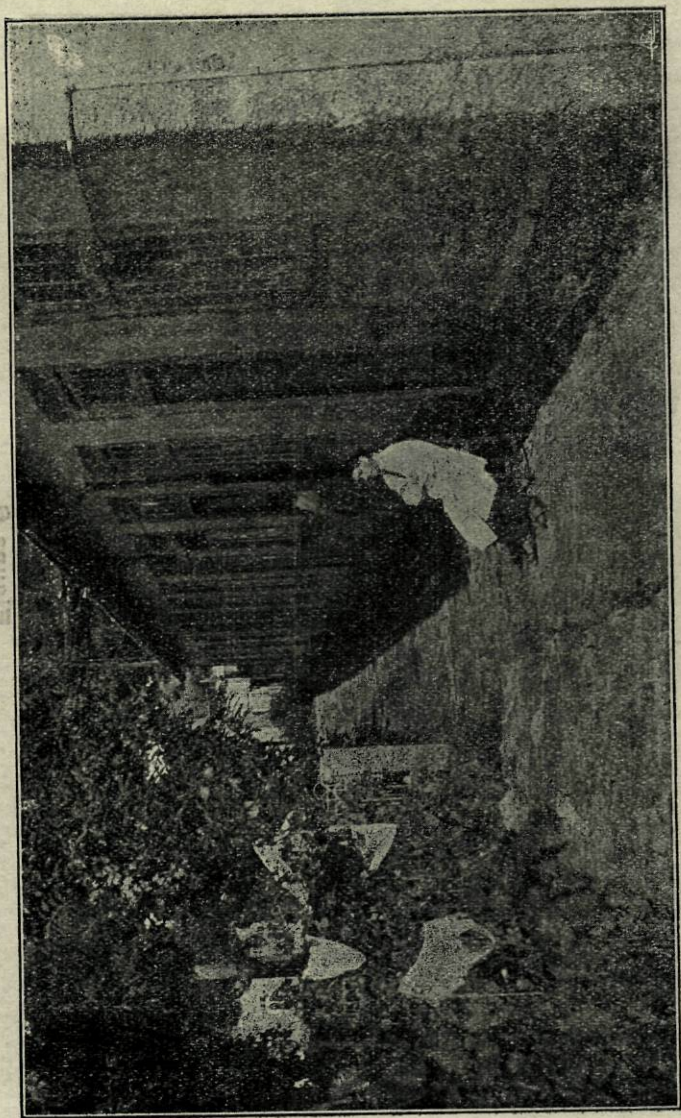
viços externos da campanha anti-tífica em 1918, funcionou em 1919 como p<sup>o</sup>sto de despiolhamento privativo do hospital. E, todos os doentes, antes de ingressarem nas suas enfermarias, eram rigorosamente despiolhados neste pavilhão que fica completamente isolado, não só do corpo prin-



**Figura 6**

Depósito de convalescentes

principal do edifício do hospital, como do pavilhão dos convalescentes, e também do pavilhão enfermaria de homens. Representa a figura n.º 7 o posto de despilhamento (vê-se o tubo condutor da água quente penetrando por uma janela).



**Figura 7**  
Posto de despilhamento privativo do Hospital do Espírito Santo

## O despiolhamento dos indivíduos e das casas quando e como se fêz

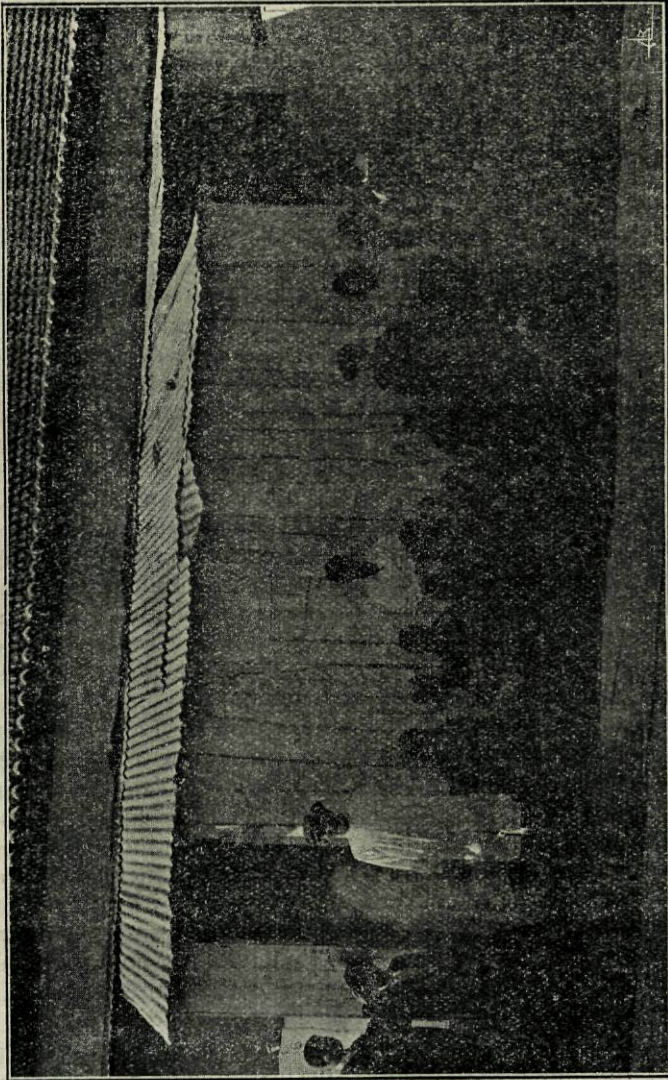
Se bem que o isolamento dos doentes se fêz precocemente, como acima nos referimos, o despiolhamento dos indivíduos e das casas fêz-se muito tardiamente. A subida rápida na curva dos casos, logo que se aproximou o inverno é devida á deficiência dos serviços externos de combate á epidemia. Asseveramos isto e temos a absoluta certeza de que, se esses serviços tivessem sido intensivos, Braga em 1919 não teria sido tão castigada, pela epidemia como foi. Ter-se-ia evitado um numero consideravel de óbitos e até debaixo do ponto de vista económico não teria sido tão elevada a soma dispendida, se no primeiro ano de epidemia os poderes públicos tivessem subsidiado, com maiores quantias os serviços anti-epidemicos. Manifestados os primeiros casos de tifo nos primeiros dias de Março, a despeito do Sr. Delegado de Saúde, no seu relatório de 5 de Abril de 1918 se referir a «bastante gente sobretudo mendiga, despiolhada a quem é fornecida roupa», não só não foram registados esses despiolhamentos, como foram em numero limitadissimo e sem que se tivesse feito sequer a epilação dos portadores de parasitas e desinsecção dos seus vestuários. Manifestados os primeiros casos em Março de 1918, só em Junho desse mesmo ano é que se organizaram os serviços externos de combate á epidemia! Fomos nós que treinados já nesses serviços, no Pôrto, nos encarregamos dessa difficil tarefa. Lutando com mil e uma dificuldades, a principal a falta de recursos, mandamos construir a crédito dois barracões de madeira, apensos ao Pôsto de Desinsecção Pública de Braga, divididos interiormente em quatro cubiculos e destinados respectivamente para pôsto de despiolhamento de homens e de mulheres. O aquecimento da água fazia-se com o aproveitamento do vapor da caldeira da estufa do Pôsto de Desinsecção Pública. Representa a figura n.º 8 o pôsto de despiolhamento anexo ao pôsto de desinsecção. Interiormente esse barracão era dividido de acordo com as «Instruções sumárias para os despiolhamentos» dimanadas do Commissariado de Saúde no Norte do Pais, em quatro salas ou cubiculos, sala de espera, sala de despir e despiolhamento, sala de banho e sala de vestir. Representam as figuras 9, 10 e 11 respectivamente a sala de despir e despiolhamento, sala de banho e sala de vestir. Na sala de despir e despiolhamento, um empregado procede á epilação do individuo portador de parasitas. Este mesmo empregado depois do individuo estar despido, fricciona-o, nas regiões pilosas, com um liquido insecticida (mistura em partes eguaes de azeite, pretóleo e água-raz), que foi a que adoptamos.

O operando passa depois á sala de banho, contigua, figura 10 onde é lavado com água quente e sabão. Podendo na nossa instalação o banhista graduar, por meio de dois manipulos, a temperatura da água conforme lhe aprover e tomar banho de imersão ou de chuva.

A figura 11 representa a sala de vestir. Nesta sala, esperam os despiolhados embrulhados em mantas, exclusivamente empregadas nesta sec-

ção, que os seus vestuários sejam desinsectados na estufa do pôsto de desinfeção, junto do qual foi improvisado o nosso barracão balneario.

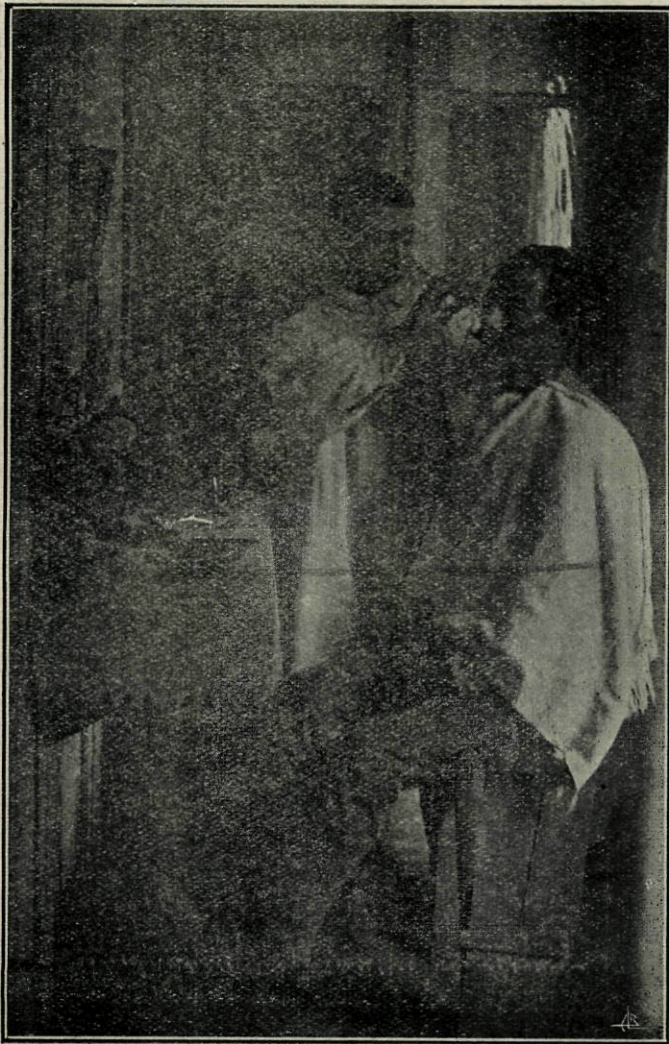
Representa a figura 12 um alpendre onde o piolhoso sob a custódia da guarda republicana aguarda o momento de ser despiolhado. Ai eram registados os seus nomes, idade, profissão, morada em registos apropriados. Todo o despiolhado, recebia depois de banhado uma cédula pessoal,



**Figura 3**

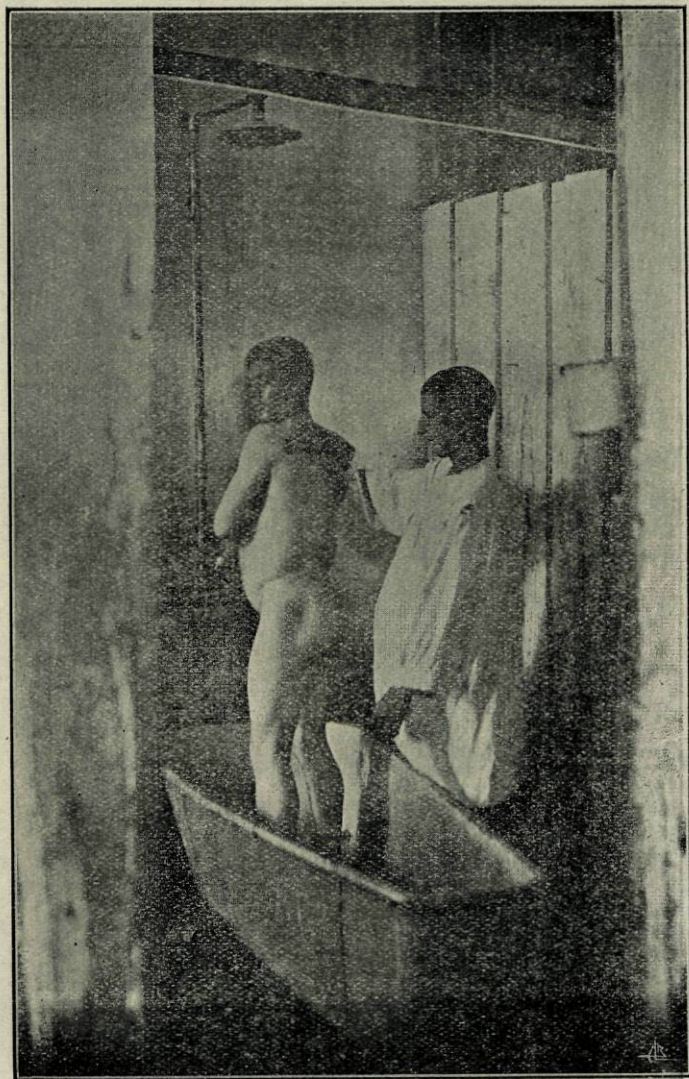
Pôsto de despiolhamento anexo ao Pôsto de Desinfeção

com validade por 5 dias. Depois de expirado esse prazo, passava novamente pelo pôsto, tantas vêses quantas as necessárias até ser encontrado sem parasitas. Com este pôsto de despiolhamento, improvisado junto ao Pôsto de Desinfecção Pública e com o outro pôsto, improvisado no Colégio do Espírito Santo, representado na figura n.º 7 e dividido interior-



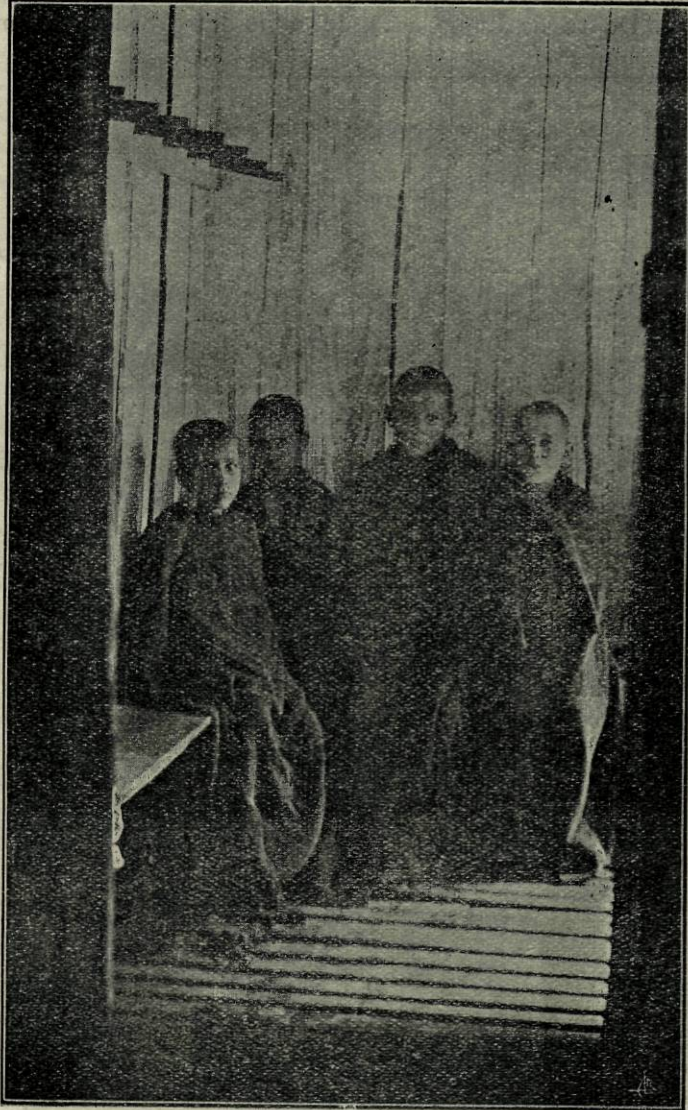
**Figura 9**  
Sala de despir e de despiolhamento

mente tambem em 4 cubiculos e com duas secções, uma para homens e outra para mulheres, iniciamos em Braga a 12 de Junho de 1918 os serviços de despiolhamento; nos 4 primeiros dias conseguimos 153 despiolhamentos, na quinzena a seguir elevamos a 888 o numero de despiolha-



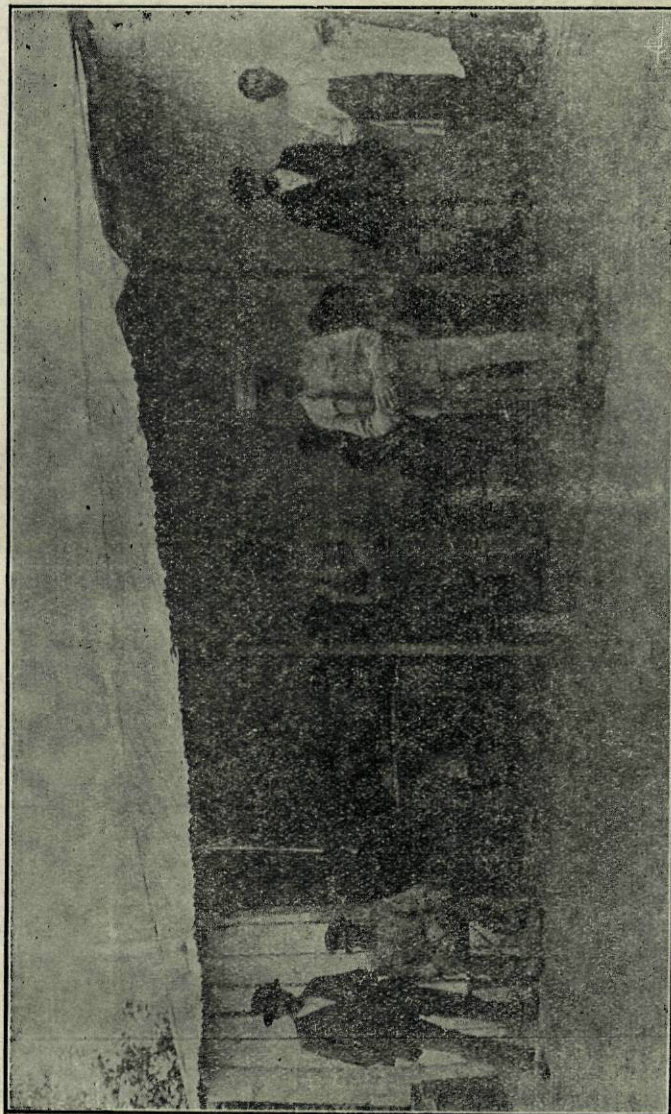
**Figura 10**  
Sala de banho

mentos que na primeira quinzena de Julho atingia já 945. Contávamos elevar ainda mais essas cifras, assim como a das desinsecções domiciliárias; não consta, até então de nenhum registo que se tivesse feito em Braga uma



**Figura 11**  
Sala de vestir

desinseção domiciliar siquer. Conjugando os serviços de despiolhamento dos indivíduos, das suas casas e de todas as peças de roupa e enxergas encontradas nas mesmas, propuzemo-nos sufocar a epidemia que começava já de fazer estragos consideráveis. Organizados os serviços, passado um mês, eramos obrigados a abandonar a nossa tarefa e seguir para França. De 12 de Junho a 12 de Julho de 1918 despiolhamos 1986



**Figura 12**

Alpendre onde o piolhoso sob a custódia da guarda republicana aguarda o momento de ser despiolhado

indivíduos de ambos os sexos, desinsectamos 94 casas e 1442 peças de roupa, pouco ou nada, mas o suficiente, para modificar a curva dos casos de tifo, vidè mapa n.º 1 mês de Julho de 1918. A curva dos casos no concelho de Braga tende a modificar-se, registam-se só 17 casos em todo o concelho, quando paralisados os serviços, já na primeira quinzena de Agosto o numero de casos se eleva a 42 quasi o triplo.

## As desinfeções das casas

Paralisados os serviços anti-epidemicos, sim, podemos afirmal-o, depois da nossa partida para França, pouco ou nada se fêz em Braga, a não ser a hospitalização de doentes, o restante da campanha anti-epidémica reduziu-se a um numero limitadissimo de despiolhamentos e desinseções domiciliárias, (vidè mapa n.º 10).

Na segunda quinzena de Julho de 1918, 183 despiolhamentos contra 945 na primeira, 15 desinseções domiciliárias contra 40 na primeira, 103 peças de roupa desinfectadas contra 634 na primeira quinzena. E, a seguir os numeros de despiolhamentos e desinseções domiciliárias nunca atingem as nossas cifras, em Agosto 484 despiolhamentos na primeira quinzena 419 na segunda, 26 casas desinsectadas na primeira quinzena, 41 na segunda, 134 peças de roupa desinfectadas na primeira quinzena, 920 na segunda (neste numero figuram todas as peças de roupa hospitalares que foram então desinfectadas). Em Setembro 309 despiolhamentos na primeira quinzena, 511 na segunda, 39 desinseções domiciliárias na primeira, 36 na segunda quinzena, 167 peças de roupa desinfectadas na primeira quinzena, 378 na segunda. Finalmente em Outubro fazem-se só 179 despiolhamentos, 86 baldeações de casas, não lhe chamaremos desinseções porque o numero de peças de roupa desinfectadas é limitadissimo em relação ao das casas baldeadas, 763 peças de roupa sómente desinfectadas. Em Novembro e Dezembro, continuam a baldear as casas, em Novembro fazem-se 120 baldeações e desinfectam-se 443 peças de roupa, numero limitadissimo que não está de acordo com as 120 baldeações. Em Dezembro 44 baldeações, 481 peças de roupa desinfectadas, numeros que não estão de acordo com os casos que se registam já nesse mês. 71 casos foram os registados em Dezembro! Para evitar o recrudesimento inevitavel da epidemia, teria sido necessario intensificar a campanha anti-epidémica, teria sido necessario não deixar o Pôsto de Desinfeção Pública de Braga, improdutivo, e a proposito do Pôsto de Desinfeção cabe agora fazer a sua história.

Encontramos no livro de actas das sessões da Direcção da Associação de Classe dos Médicos do Distrito de Braga, documentos interessantissimos, respeitantes ao Pôsto de Desinfeção Pública de Braga, que não furtaremos á curiosidade dos nossos leitores, inserindo aqui alguns.

•Em seguida o colega presidente lembrou a necessidade que havia



desta associação insistir para a criação nesta cidade dum pòsto de desinfeção, não só por ser um dos fins da nossa associação, mas também porque o velar pela saúde pública devia de ser um dos primeiros passos a dar». (Braga 25 de Março de 1897, 1.<sup>a</sup> sessão de direcção).

«Iniciáram-se os trabalhos para levar a efeito o pòsto de desinfeção nesta cidade, ficando resolvido depois de algumas discussões, ir a direcção na proxima segunda-feira pela 1 hora da tarde, à Camara Municipal visto ser dia de sessão e apresentar-se á vereação, expondo o fim da sua comparencia naquele lugar, e em seguida dirigir-se ao Governo Civil para conferenciar com o chefe do distrito sobre o mesmo assunto». (Braga 8 de Abril de 1897 3.<sup>a</sup> scssão de direcção).

«Segundo as referencias feitas pelo digno presidente a Camara Municipal concordou na necessidade de criar o pòsto de desinfeção e não se eximiu de secundar as despezas que para tal motivo tem de fazer-se. No Governo Civil a direcção foi delicadamente recebida por Sua Excelencia o Senhor Governador Civil que prometeu não só aprovar e propor ao Governo a aprovação do orçamento suplementar que para tal fim houvesse de ser feito por aquela corporação e pelo da Misericórdia, mas até pedir ao Governo algum subsídio para tal fim e mesmo contribuir com o mais que pudesse para que durante a sua administração se levasse a efeito um melhoramento de tal magnitude». (Braga 15 de Abril de 1897 4.<sup>a</sup> sessão de direcção).

«Em seguida o senhor presidente declarou que no primeiro dia disponivel seguiria para o Pòrto, afim de proceder a estudos relativos ao Pòsto de Desinfeção, visitando o Pòsto que existe naquela cidade, prometendo apresentar o seu trabalho sobre este importante assunto na primeira sessão». (Braga 22 de Abril de 1897, 5.<sup>a</sup> sessão da direcção).

«O senhor presidente começou a relatar minuciosamente a visita que fizera nos dias 29 e 30 de Abril ao Pòsto de Desinfeção da cidade do Pòrto, expondo a sua opinião sobre as maquinas e respectivos carros, contando as impressões que acerca do Pòsto de Desinfeção Pública tem o seu actual director o nosso illustre colega Ricardo Jorge, narrando o passeio que deu ás fábricas da Fundação de Lordelo e do Bicalho, para se informar directamente do preço e da confeção das maquinas proprias para um Pòsto de Desinfeção, terminando por apresentar um orçamento que, orçaria na importancia de 2 contos de réis pouco mais ou menos». (Braga 6 de Maio de 1897, 6.<sup>a</sup> sessão de direcção).

«Tratou-se imediatamente da continuação dos trabalhos para levar a efeito o Pòsto de Desinfeção, apresentando o senhor presidente uma planta dos terrenos que se tratava de adquirir. Narra os esforços que tinha feito junto do Senhor Governador Civil e Delegado do Tezouro para a aquisição dos ditos terrenos, parecendo-lhe que tudo está em bom caminho». (Braga 13 de Maio de 1897, 7.<sup>a</sup> sessão de direcção).

A direcção da Associação da Classe Médica do Distrito de Braga, que tanto se interessara pela criação do Pòsto de Desinfeção, chegando

a fazer a propaganda da sua idéia pelo panflêto tendo sido o Sr. Dr. Pinheiro Torres encarregado de o redigir e tendo sido distribuido por todos os clínicos do districto, a associação que na sua 17.<sup>a</sup> sessão de direcção de 21 de Setembro de 1897 votou a seguinte proposta:

1.<sup>o</sup> Que se nomeie uma comissão de 3 membros para ir de novo falar com a Camara Municipal.

2.<sup>o</sup> Se a Camara Municipal responder que não tem dinheiro se inicie desde já uma subscrição pública para se levar a efeito o Pôsto de Desinfeção.

3.<sup>o</sup> Que se peça à Camara Municipal para subscrever com qualquer quantia conformê fêz com os festejos do S. João, chegada do Sr. Arcebispo, etc.

4.<sup>o</sup> Que se distribuam as folhas para a subscrição pelas casas comerciais, associações, cafés, clubs e onde melhor convier.

5.<sup>o</sup> Que se marque um prazo de três meses para a subscrição findo o qual se procederá á contagem do dinheiro e se porventura não chegar, será restituído aos subscriptores.

6.<sup>o</sup> Que se publiquem os nomes dos subscriptores.

7.<sup>o</sup> Como testemunho de gratidão, o Pôsto prestará os seus serviços gratuitamente, durante um ano, a contar da inauguração, a todos aqueles que subscreverem com quantia superior a 5 mil réis.

8.<sup>o</sup> Que montado o Pôsto, se entregue a exploração à Camara Municipal ficando a direcção tecnica confiada à Associação Médica.

A Associação de Classe Médica do Districto de Braga que tanto se interessava como vimos pela leitura dos extratos das sessões, a 21 de Outubro de 1897 na sua 19.<sup>a</sup> sessão de direcção resolvia desinteressar-se por completo do assunto: «o senhor presidente como membro da comissão nomeada para ir à Camara Municipal e Governo Civil afim de tratar a valer do projectado Pôsto de Desinfeção, deu conta das conferencias realizadas, conferencias relatadas por muitos jornais, dando assim por terminada a missão da comissão de que fazia parte.»

A 25 de Novembro do mesimo ano, resolveu lançar a publico o seguinte manifesto:

«Expirou o prazo da subscrição pública para ser criado n'esta cidade um Pôsto de Desinfeção.

Todos as esforços da Associação Médica d'este districto foram infructiferos.

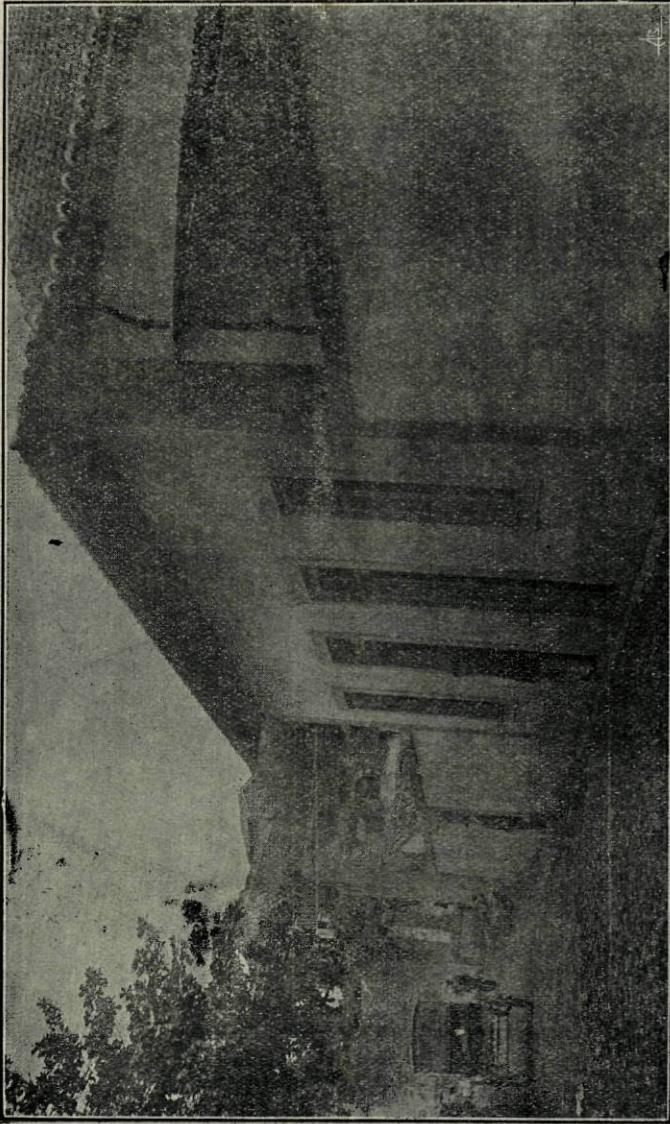
Distribuiram-se 39 listas por esta cidade, para assim facilitar a subscrição, porem o resultado obtido corresponde apenas á vigesima parte do que seia preciso para montar um Pôsto de Desinfeção, nas mais modestas condições.

Os subscriptores que concorreram ao convite da Associação, foram em numero diminutissimo.

A falta n'esta cidade d'um Pôsto de Desinfeção, já de há muito sentida, continuará a persistir, todavia cabe a gloria á Associação Mé-

dica de ter trabalhado tanto quanto pôde, para a realização d'este meio de defeza sanitária.

Em vista do resultado da subscrição, a Associação Médica, pôe de lado o assunto e declina de si a responsabilidade, como declarou ao iniciar a subscrição.



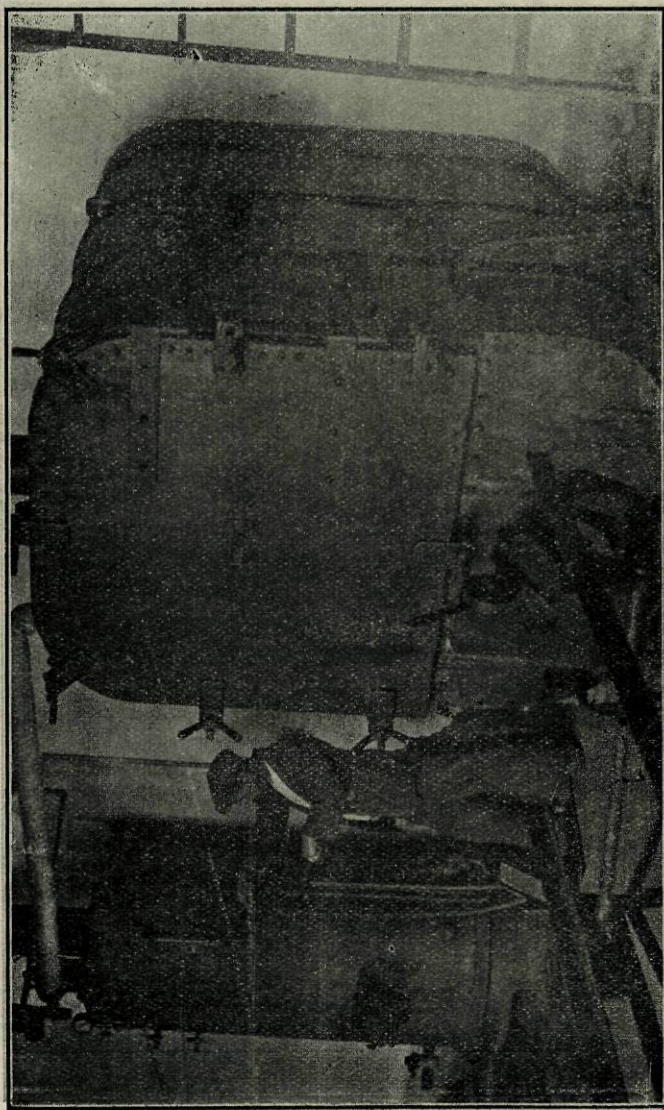
**Figura 13**  
Posto de Desinfecção Pública de Braga

A Direcção agradece a todos os cavalheiros que se dignaram accorrer ao seu apelo, pedindo áquelles que tinham entregue o dinheiro, o obsequio de o mandar buscar, ás casas aonde o entregaram.

Braga 25 de Novembro de 1897.

*A Direcção da Associação Médica.*

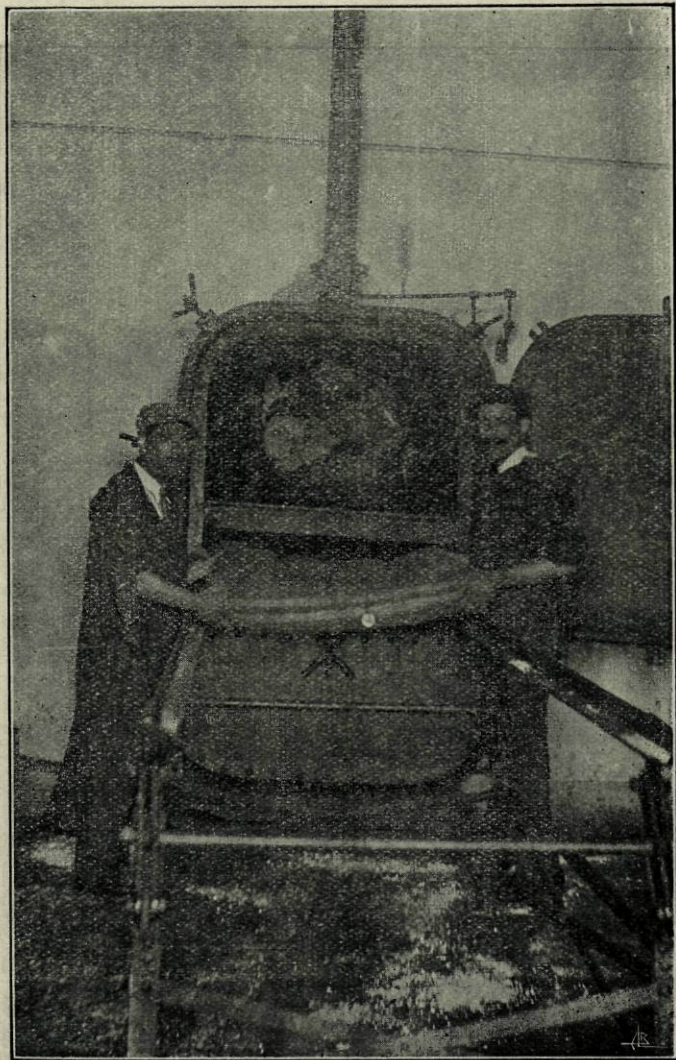
E a edificação dum Pôsto de Desinfectão Pública em Braga, que



**Figura 14**

Estufa vista do lado da zona limpa

parecia vir a realizar-se em breve, num curto prazo, ficou esquecida, só passados alguns anos é que por decreto ministerial foi mandado construir o Pôsto de Desinfeção, num terreno pertencente à Camara Municipal, anexo ao Governo Civil. Representa a figura n.º 13 o Pôsto de Desinfeção Pública de Braga.

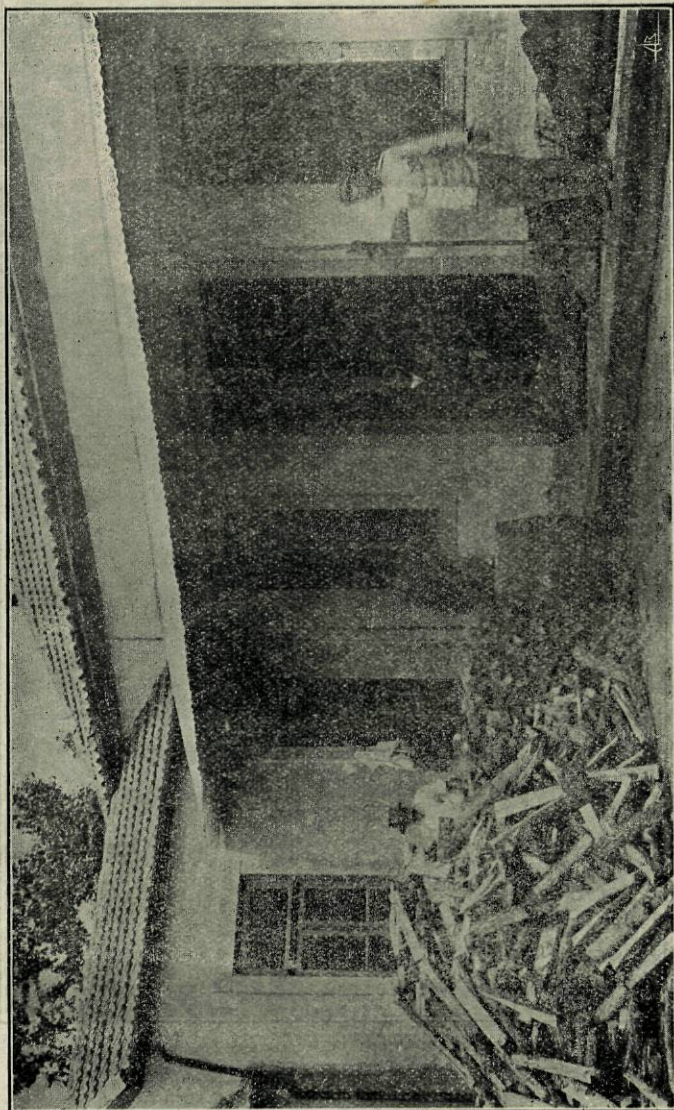


**Figura 15**

Estufa vista do lado da zona suja

Possue o Pôsto de Desinfecção uma estufa de vapor de água fluyente, construida na Fundação de Massarelos, adquirida em segunda mão, encontrando-se hoje bastante deteriorada. Possui duas camaras de formolização. A estufa está representada nas figuras n.ºs 14 e 15.

Na figura 14 vê-se a estufa do lado da zona limpa e vê-se também a caldeira.

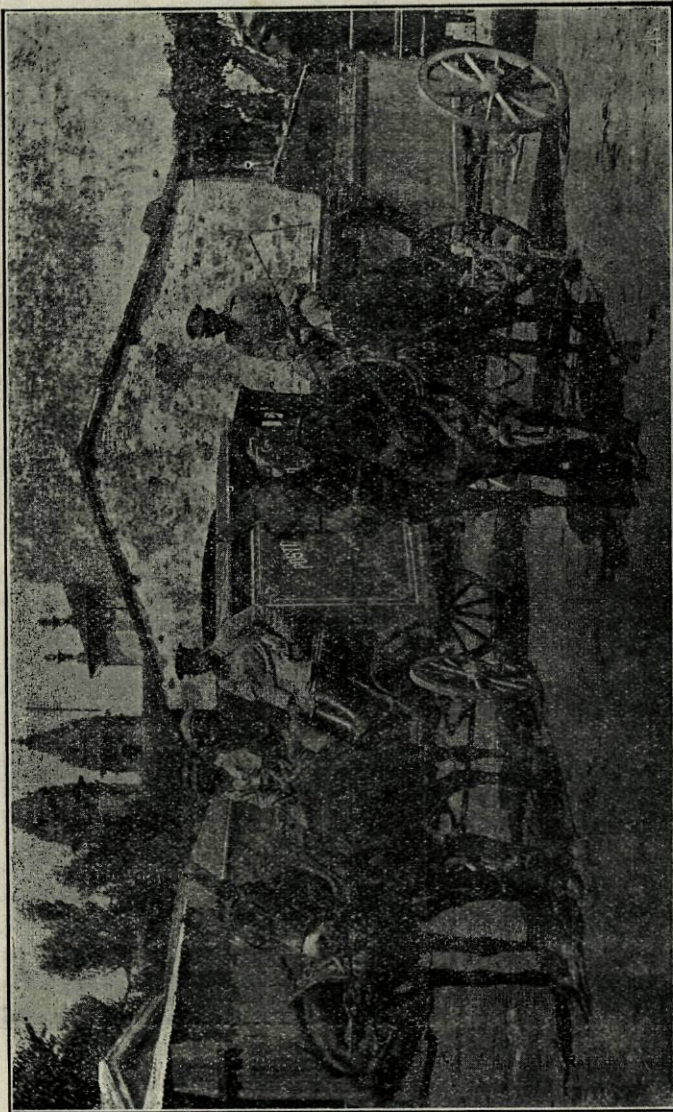


**Figura 16**  
Zona limpa do Pôsto de Desinfecção

A figura 15 representa a estufa do lado da zona suja, vê-se no interior roupa e uma enxerga a desinsectar.

A figura 16 representa a zona limpa do Pôsto de Desinfeção Pública de Braga.

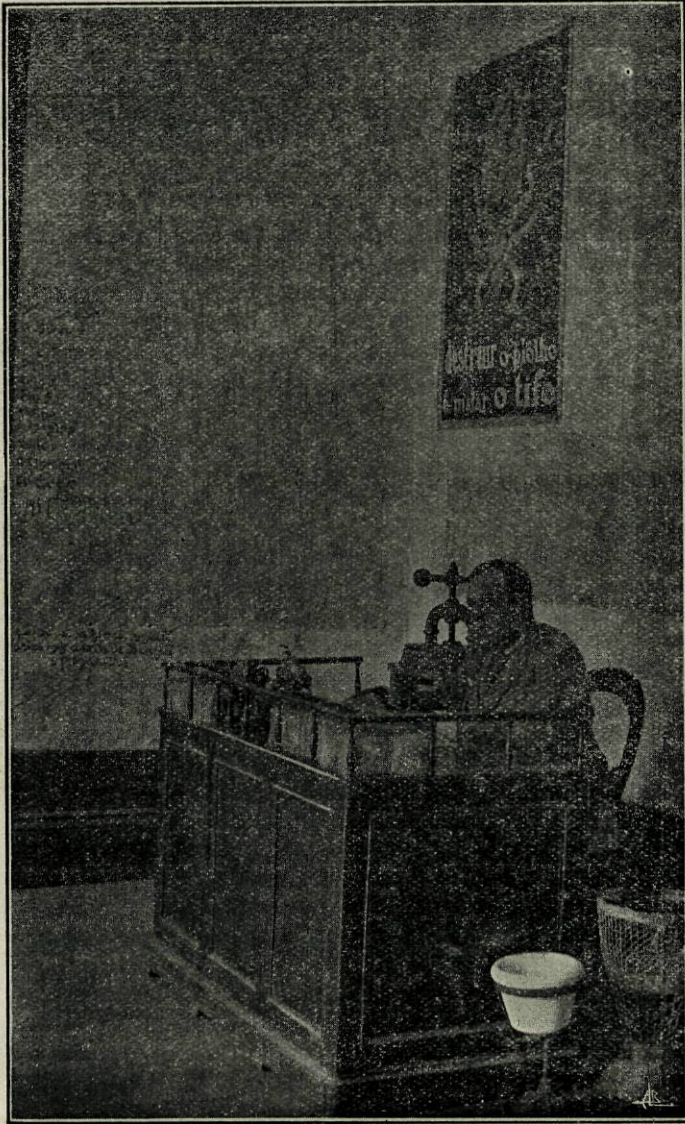
A figura 17 representa a zona suja do Pôsto de Desinfeção de Braga, mostrando os dois carros pertencentes do mesmo Pôsto.



**Figura 17**

Zona suja do Pôsto de Desinfeção—Carros pertencentes ao mesmo Pôsto

Representa a figura 18 a secretaria do Pôsto de Desinfecção mostrando nas paredes os graficos da marcha da epidemia e dos serviços anti-epidemicos. Era ai o nosso quartel general.



**Figura 13**  
Secretaria do Pôsto de Desinfecção

**CAPÍTULO V**

**Os trabalhos anti-epidemicos em 1919**

Descrição do que se fêz na cidade e pela ordem em que se fêz

## Descrição do que se fêz na cidade e pela ordem em que se fêz

Como vimos nos capítulos antecedentes, á medida que se aproximava o inverno, o numero de casos de tifo aumentava dia a dia e nem por isso se pensava em organizar os serviços anti-epidemicos, que continuavam reduzidissimos, desorganizados. Despiolhamentos, desde Outubro que não se fizera um sequer, o numero de peças de roupa desinfectadas era limitadissimo, e o numero de casas baldeadas tambem insignificante. A epidemia da gripe distraíra bastante as atenções das autoridades sanitárias que fatigadas e impossibilitadas de trabalhar, em virtude das alterações politicas no norte do país, poucas ou nenhuma medidas sanitárias adoptaram atinentes á debelação do tifo, durante Janeiro e Fevereiro de 1919. Durante o interregno monarchico, houve mesmo, um colega de Braga, que usurpando o lugar de Delegado de Saúde em Braga, intitulado-se a si mesmo—Comissário Régio—ilicitamente tomou a direcção dos serviços anti-epidemicos; mas, não consta que duma reunião havida então na Associação Médica de Braga, e convocada pelo Sr. Comissário Régio, resultasse qualquer medida boa ou má no sentido de se evitar a propagação do mal. Em Janeiro e Fevereiro não eram isolados os doentes, ingressavam somente no hospital (de cuja direcção tomou posse o Sr. Comissário Régio) aqueles que o demandavam. Um pouco por toda a parte se encontravam epidemiados, abandonados nos seus domicilios, sem assistencia médica, em péssimas condições de hygiene e assistencia.

Em Janeiro, Fevereiro e mesmo Março, enquanto não eram organizados os serviços com método e perseverança, o numero de casas baldeadas era limitadissimo conforme já referimos, 90 em Janeiro, 71 em Fevereiro e 75 em Março, 695 peças de roupa desinfectadas em Janeiro, 537 em Fevereiro e 2144 em Março. Foi em Março, depois de regressado de França, onde cumpríramos o nosso dever para com a Patria adoptiva, que fomos novamente encarregados de terminar a tarefa que encetáramos o ano anterior e deixáramos esboçada. Convidado pelo Sr. Comissário de Saúde no Norte do País, para organizarmos em Braga uma campanha sanitária a sério, seguíamos a 17 desse mesmo mês para Braga e a 21 iniciávamos a nossa campanha. Organizamos logo de entrada uma policia sanitária composta de 10 homens; duas equipas de desinfectadores composta cada uma de 3 homens; aumentamos o pessoal do Pôsto de Desinfectação com mais dois despiolhadores, duas despiolhadeiras, dois serventes para efeito de carregamento da estufa e um entregador de roupas.

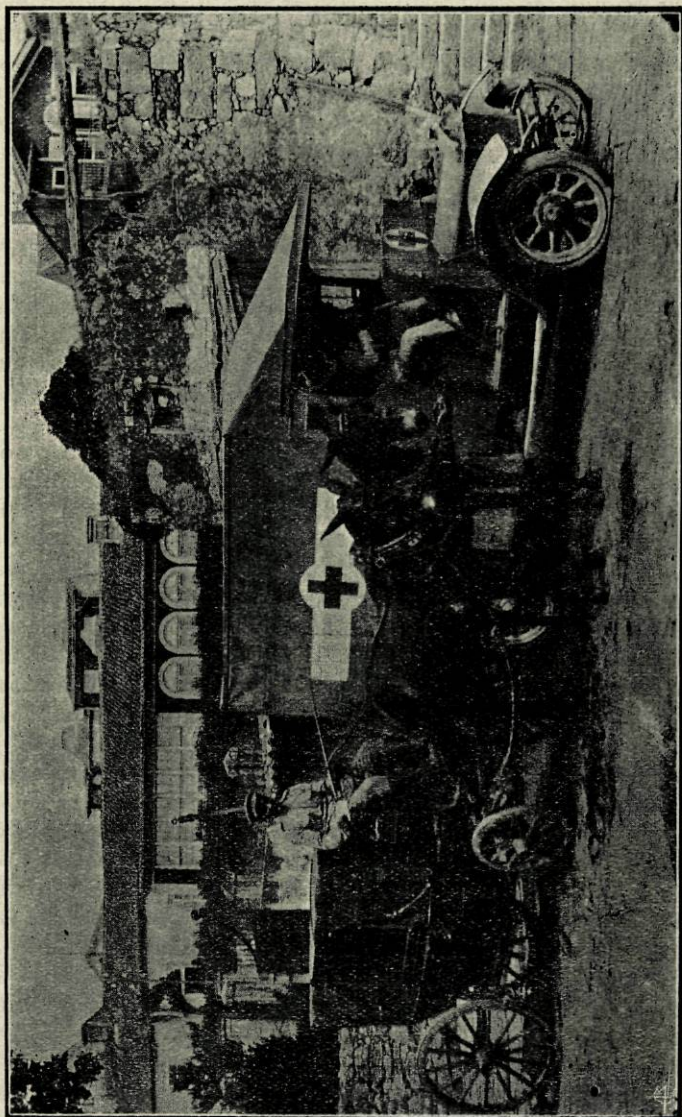
Competia á policia sanitária em primeiro lugar, fazer o rebuscamento de doentes, para esse fim a cidade estava dividida em 3 zonas — fre-

guesias de S. Vitor—S. Lázaro—Sé, Cidade, S. João e Maximinos. — A morada dos doentes encontrados pela policia sanitária nestas zonas, era diariamente comunicada aos médicos que faziam serviço nessas áreas e que eram respectivamente os Srs. Drs. Durval Belo, sub-delegado de saúde de Braga, Eurico Taxa Ribeiro, médico municipal de Braga, João Barroso Dias, delegado de saúde de Braga. A policia sanitária diariamente percorria os lugares da cidade considerados focos, visitava todas as casas e comunicava sempre onde havia pessoas acamadas. O médico da área visitava depois essas casas e quando identificasse um caso de tifo, imediatamente por intermédio do telefone ou dum policia sanitário, sua ordenança que o acompanhava sempre, comunicava para o Pôsto de Desinfecção e imediatamente se procedia ao internamento dos doentes indicados. Representa a figura 19 o carro que servia para a condução de doentes na cidade. A auto-ambulancia representada tambem na figura 19 só mais tarde quando foi organizado o serviço anti-epidémico nas aldeias (vide capitulo VI) é que prestou os seus valiosissimos serviços.

Etiquetados os doentes pelo Pôsto de Desinfecção, por meio de uma cédula pessoal, com indicações referentes á sua identidade, davam os doentes entrada no hospital; aí eram rigorosamente despiolhados no pôsto representado na figura 7 (pôsto de despiolhamento privativo do hospital). A' frente das 5 salas enfermarias de homens, encontravam-se como directores de enfermaria os Srs. Drs. João Barroso Dias e Dr. Eurico Taxa Ribeiro, tendo como assistente o Sr. Dr. Antonio Pedro de Carvalho. A' frente das enfermarias de mulheres encontravam-se os Srs. Drs. José Maria da Costa Junior, Gaspar de Macedo, como directores de enfermaria, tendo como assistente a Sr.<sup>a</sup> D. Laura Domingues Lopes Torres. Acumulava o Sr. Dr. João Barroso Dias as funções de director de enfermaria com as de director clínico do hospital. A administração estava confiada ao Sr. Dr. Costa Palmeira. Competia aos Srs. Drs. assistentes fazer a aceitação dos doentes, fiscalizar o despiolhamento dos doentes a internar, assim como a assistencia permanente durante todo o dia e noite para o que lhes foi facultado instalarem-se no hospital.

Lembraremos aqui os nomes dos Srs. Drs. Manoel Bragança, Alberto Cruz, Jeronimo Louro, Verissimo Guimarães, abalizados clínicos que no ano anterior relevantes serviços prestaram como médicos contratados do hospital de isolamento do Espírito Santo. Competia tambem á policia sanitária, por contra-fé policial intimar os contactos dos doentes internados e proceder á detenção e condução para o Pôsto de Despiolhamento, não só de todos aqueles que não correspondiam á intimação, como de todos aqueles indivíduos sujos, piolhosos que eram encontrados não só pelas ruas como nas casas visitadas pela policia sanitária. Competia tambem á policia organizar rusgas a bairros sujos, obrigando os moradores desses bairros ás medidas sanitárias de profilaxia anti-tifica. Estavam organizados os serviços da seguinte maneira: todas as tardes eram por nós elaboradas, duas relações indicando as moradas e nomes dos doentes

que tinham sido internados nesse dia, uma relação era destinada à policia sanitária, a outra entregue às equipas de desinfectores. A policia sanitária nesse mesmo dia, intimava todos os contactos dos doentes a apresentarem-se no balneário no dia seguinte até às 12 horas e registava todos os nomes em impressos especiais. No dia seguinte de manhã enquanto os desinfectores baldeavam com um soluto de cal clorada, os



**Figura 19**  
Condução de doentes

pavimentos das casas; aspergiam com um soluto de creolina as paredes, e carregavam para o Pôsto de Desinfecção todas as roupas e enxergas encontradas nas casas indicadas na nossa relação, registando também em rois especiais as peças de roupa e enxergas a desinfectar; a policia sanitária procedia a rusgas, pelas portas dos quartéis, pelo mercado, pelos alcouces e casas de malta, etc. Ao mesmo tempo os contactos que correspondiam ás intimações eram despiolhados pelo dia adiante, assim como os individuos apanhados nas rusgas. Feita as 12 horas a verificação dos piolhosos faltosos no livro registo do Pôsto de Despiolhamento, encarregava-se a policia sanitária, de tarde em dar-lhes caça. Os desinfectadores, de tarde entretinham-se em baldear, aspergir pavimentos e paredes e carrear roupas das casas de malta, alcouces, bairros sujos que na madrugada desse mesmo dia tinham sido assaltados pela policia sanitária, conforme já referimos.

Durante as rusgas e assaltos, durante a perseguição dos piolhosos faltosos e sempre pelo dia adiante, a policia sanitaria ia colhendo sem pre informes, ia procurando, rebuscando doentes.

A tarefa por nós imposta á policia sanitária era bastante ardua confessamos e só ao fim de muito seleccionar só ao fim de uma verdadeira luta é que conseguimos um grupo de homens sofríveis; a falta de pessoal treinado em serviços desta natureza, entrouvrou-nos bastante em principio a marcha de combate á epidemia. Muitas vêzes chegaram até nos veementes prôtestos, de parte da população, contra irregularidades cometidas pela policia sanitária, mas a culpa não era nossa, não nos assistia o direito de proceder ao seu recrutamento, este era feito pelo Commissariado de Policia, acontecia muitas vezes que o policia sanitário indicado pelo Commissariado de Policia não satisfazia, geralmente pouco amigo de trabalhar ex-revolucionario civil a maioria idas vezes, intimava para tomar banho, abusando sempre da autoridade de que se via investido, vexava o seu vizinho, o pacato transeunte que não lêsse lá pela sua cartilha politica. Muitas vezes os protestos que até nós chegaram eram justos, mas a culpa não era nossa, envidamos sempre todos os esforços para conseguirmos uma policia sanitária á altura da missão de que tinham sido investidos. E conseguimos ao fim de algum tempo, treinar um grupo de 10 homens que bastantes serviços prestaram á cidade de Braga, cometendo de vez em quando lá uma ou outra tropelia, muitas vezes por ignorancia ou maldade, esses 10 homens, conseguiram em cinco meses e meio, arrastar, empurrar até ao Pôsto de Despiolhamento, anexo ao Pôsto de Desinfecção figura (8) 17.000 piolhosos! Despiolhamos nós em Março 765 criaturas de ambos os sexos, em Abril 3.300, em maio 3.166, em Junho 3.866, em Julho 3.082 e em Agosto 2761 (vidê mapa n.º 10). Desinsectando as roupas, baldeando os pavimentos e paredes e despiolhando os moradores dessas casas infectadas e parasitadas que abundam em Braga, conjungando sempre esses serviços e procedendo sistematicamente dessa ma-

neira para com as casas dos doentes tíficos ou suspeitos, conseguimos nós imprimir á curva da epidemia um aspecto diferente da do ano anterior. A curva da epidemia que o ano passado em Julho tende a fazer a crise, para paralisados os serviços anti-epidemicos, com a nossa retirada para França, tornar novamente a subir, em 1919, organizados os serviços em fins de Março, quinze dias depois, satisfazendo já ás necessidades, isto é, despiolhando-se e desinsectando-se activamente (vidè mapa 10) e mantidos esses serviços durante poucos meses, vemos a curva da epidemia atingir na segunda quinzena de Abril o seu periodo de fastigío e depois coroadando os nossos esforços fazer uma queda em crise. Sufucamo-la em altura e encurtamos a sua extensão de forma que em Julho o numero de casos já é inferior aos do mês correspondente no ano anterior e em Agosto só 5 casos são registados, não tendo de então para cá aparecido mais nenhum caso de tifo na cidade de Braga. Registamos aqui, a par dos 17.000 despiolhamentos feitos na cidade, 1.581 casas desinfectadas e 20.752 peças de roupa desinsectadas encontradas nessas mesmas casas. Março 75 casas desinfectadas—Abril 455—Maio 358—Junho 213—Julho 250—Agosto 230, (vidè mapa n.º 10).

Nesse algarismo 20.752 não figuram as peças de roupa dos 17.000 individuos que foram despiolhados, calculando em média 4 o numero de peças de roupa de que cada individuo era portador, temos a acrescentar ás 20.750 peças de roupa registadas nos rois dos desinfectadores mais 68.000 soma total de peças de roupa desinsectadas 88 752.

Estam representados na figura 17 os carros de que dispunhamos para a condução de roupas para o Pôsto de Desinfeção. São dois carros velhissimos que carecem de reforma. De maneira que lutando não só com falta de pessoal habilitado e suficientemente inteligente para conhecer o alcance de algumas medidas, a grande maioria analfabetos e recrutados na ralé, desobedientes, brigões e relapsos; mas, tambem sem viaturas solidas, amplas onde se pudessem accumular roupas á vontade e trabalhando as 2 equipes de desinfectadores com o carro representado á esquerda da figura 17 e com um outro que levamos do Pôrto; restava-nos só o pequeno carro que se encontra á direita da figura 17, para a entrega de roupas, que durante muito tempo foi feita nesse carrinho. Accumuladas, amontoadas as enxergas sobre o tejadilho desse pequeno carro atafalhado de troixas, era assim que se fazia a entrega de roupas, sendo nós obrigados a dar ao público esse triste e miseravel espétaculo.

Apelamos então para o Ex.<sup>m</sup>o Chefe do Estado Maior da 8.<sup>a</sup> Divisão Sr. Tenente Coronel Pires Monteiro que passado algum tempo punha á nossa disposição um carro de esquadrão, amplo carro militar dos melhores modelos de todos os exercitos, carro que muitos serviços nos prestou. Está representado na figura 20 ao centro. Ficou assim assegurada a entrega de roupas que até então era feita a desoras e oferecendo ao público o espétaculo triste da muita miseria dessa população ignorante e piolhosa que é a população braguesa.

## CAPÍTULO VI

# Os trabalhos anti-epidemicos em 1919 (nas aldeias)

Descrição do que se fêz nas aldeias e pela ordem em que se fêz

1.º—Modelo português da *canadian desinfector*—2.º O nosso aparelho aquecedor de água.

3.º—1.º Posto de despolhamento rural

4.º—2.º » » » »

5.º—3.º » » » »

6.º—4.º » » » »

7.º—5.º » » » »

8.º—Rendimento dos 5 postos rurais. — 9.º Organização da policia sanitária nas aldeias.

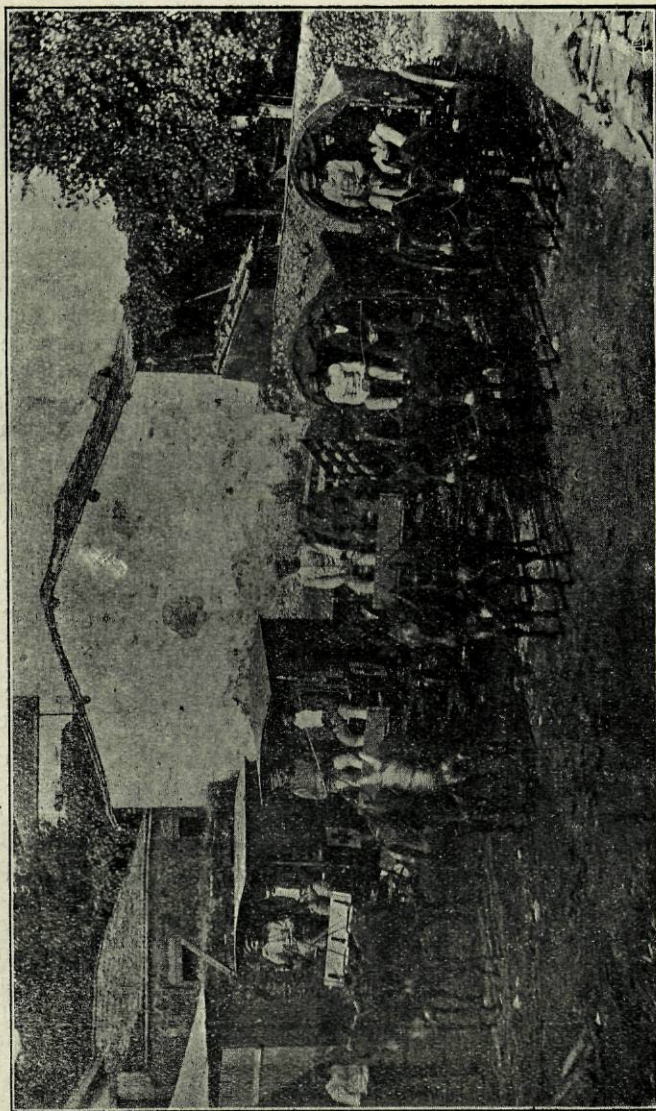
## Descrição do que se fêz nas aldeias e pela ordem em que se fêz

Pensamos logo ao iniciar a campanha contra o tabardilho em Braga, em estabelecer os serviços anti-epidemicos nas freguesias limitrofes de Braga, onde a epidemia fazia já em Março, avultados estragos. De *proche en proche* disseminava-se da cidade para as freguesias vizinhas de S. Martinho e S. Jeronimo de Rial, que já no ano anterior tinham sido castigadas severamente sem que alguma cousa se fizesse para debelar o mal. Toda essa zona noroeste do concelho de Braga, se encontrava a braços com a terrível epidemia, era necessario entravar a sua marcha, impedir a disseminação para alem Cavado; as vilas de Prado, Vila Verde e Amares, propuzéramos nós defende-las contra a invasão da epidemia custasse o que custasse. Faltava-nos material sanitário, estufas difíceis de adquirir, no momento actual e viaturas que nos levassem lá fóra às aldeias, o pessoal e material sanitário que se improvisaria. Algumas semanas passadas na Secção de Medicina e Higiene da 1.<sup>a</sup> Divisão do C. E. P. permitira-nos o ensejo de visitar algumas instalações sanitárias de campanha, inglesas, e o pouco que lá aprenderamos servir-nos-ia para improvisar nessas freguesias, mais atacadas, balneários semelhantes aos dos ingleses, cada um dotado com uma estufa de ar quente.

Exposto o nosso plano ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Commissário de Saúde no Norte do País, Sua Ex.<sup>a</sup> autorizou-nos imediatamente a organizar esses serviços e mandar construir tudo o que necessitássemos para dar cumprimento à nossa tarefa. Esforçando-nos o mais possivel por continuar a merecer a confiança que em nós depositára Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Commissário de Saúde, lançamo-nos á tarefa, esperançados de conseguir alguma cousa de util.

A titulo de prestar serviços no combate de epidemias persistiram no norte do país, a pedido do Sr. Coronel-médico Almeida Dias, mesmo após a retirada da coluna de operações contra os monarquicos que se mantivera no norte até Abril, as formações sanitárias pertencentes a essa coluna das quais era chefe o mesmo Senhor. Existia em Braga uma secção dessas formações sanitárias, á frente da qual estavam 4 médicos militares, possuía essa secção algum material sanitário e muitas viaturas que se conservavam inuteis. Representa a figura 20 as viaturas da S. M. H. de Braga. Esta secção que era destinada a auxiliar os serviços anti-epide-

micos permanecia ináctiva, inútil, conservando criminosamente encaixotadas duas tendas de campanha Bessonneau, enlameadas, enferrujadas as suas viaturas, oxidado, empanado o motor da auto-ambulancia que representamos na figura 19 e a atesta-lo está toda a população de Braga; nenhum objectivo tinha essa secção, nenhum trabalho util produziu.



**Figura 20**  
Viaturas da S. M. H. de Braga (o carro situado ao centro não pertencia a essa secção).

Atravessava a cidade de Braga, o período crítico da epidemia, Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente de Ministerio que bastante se interessava sobre a marcha da epidemia, pensou em nomear o Dr. Francisco Pulido Valente, convida-o mesmo a ir ao seu gabinete e encarrega-o da direcção dos serviços anti-epidemicos em Braga. Informado por pessoa amiga dessa proxima nomeação, suspendemos todos os trabalhos que mal principiadados estavam e imediatamente pedimos a demissão do encargo que com sacrificios vinhamos desempenhando. Por motivos que ignoramos Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Dr. Francisco Pulido Valente não aceitou a comissão que lhe destinou a Presidência do Ministerio. Bastante contrariado e após reinterados pedidos, novamente retomamos a direcção do combate á epidemia. Procurando interessar os médicos que dirigiam a S. M. H. de Braga, no combate da epidemia, rogamos-lhe auxilio que valioso seria se á nossa disposição puzessem as viaturas da secção e algum pessoal. A maneira como estava constituída essa secção não permitia tal ajuda. Depois de várias *démarches* que seria ocioso reproduzir, quando da visita de Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente do Ministerio a Braga, exposta a Sua Ex.<sup>a</sup> a situação critica em que nos encontravamos, lutando com falta de material sanitário que existia em Braga, mas que continuava, encaixotado, enlameado, empanado a bem dizer inutil. Sua Ex.<sup>a</sup> resolveu logo que regressasse a Lisboa pedir a dissolução da S. M. H. de Braga e mandar fazer a entrega de todo o material dessa secção á Delegação de Saúde de Braga. Essa entrega de material foi feita dias depois em fins de Maio. Imediatamente dispuzemo-nos ao combate da epidemia nas freguesias limitrofes da cidade de Braga.

•Sr. Dr. como vai a sua linha de batalha?•

•Apropriado é o nome e creia que a organização dos serviços tem reminiscencias da grande guerra. Durante a minha permanencia, aliás não muito demorada nas linhas de França eu pude ver as instalações higienicas inglesas. E' admiravel a organização dos serviços de hygiene no exercito inglês é muito superior ás dos outros exercitos. • (1)

Efectivamente assim era, as nossas intalações balnearios das aldeias minhotas tinham muitos pontos de referencia com os balnearios ingleses da Flandres. Adaptando aos meios de que dispunhamos copiamos, as instalações inglesas, volantes de campanha. Desencaixotadas as tendas de campanha Bessonneau da extinta S. M. H. de Braga, armadas e divididas interiormente em quatro cubiculos ou quartos conforme as «Instruções sumarias para despolhamento» dimanadas do Commissariado de Saúde no Norte do País, dispunhamos assim nós de esplendidos e luxuosos balnearios. Com uma estufa de ar quente para desinsecção de roupas e com um aparelho aquecedor de água, completavamos as nossas instalações que ficaram prontas a funcionar.

(1) Entrevista por nós concedida á redacção do «Diario do Minho» 4 de Junho de 1919.

## Modêlo português da *canadian desinfestor*

Representam as figuras 21 e 22 o nosso modêlo da *canadian desinfestor*.

A nossa estufa (1) muito mais modesta do que a do Major Orr, inventor da *canadian desinfestor*, consta do seguinte:

D'um caixão ou cubo ôco, com a capacidade interior de 1 metro cubico, de paredes duplas (o intervalo entre as paredes é de 10 centímetros). Quer interior, quer exteriormente todas as suas paredes são revestidas de folha de ferro zincado, uma das faces do cubo ou caixão está disposta de maneira a servir de porta, é tambem dupla e dispõe duma ranhura guarnecida por um caixilho com um vidro por detrás do qual se coloca um termometro de 120° C. Interiormente uma grade de arame impede que a roupa a desinsectar entre em contacto directo com o fundo, afim de evitar a combustão dessas roupas (a temperatura no fundo da estufa é bastante elevada, superior a 120°C) a roupa deve ser bem estendida em cestos do formato da estufa para oferecer o maior numero de superficies á ação do ar quente.

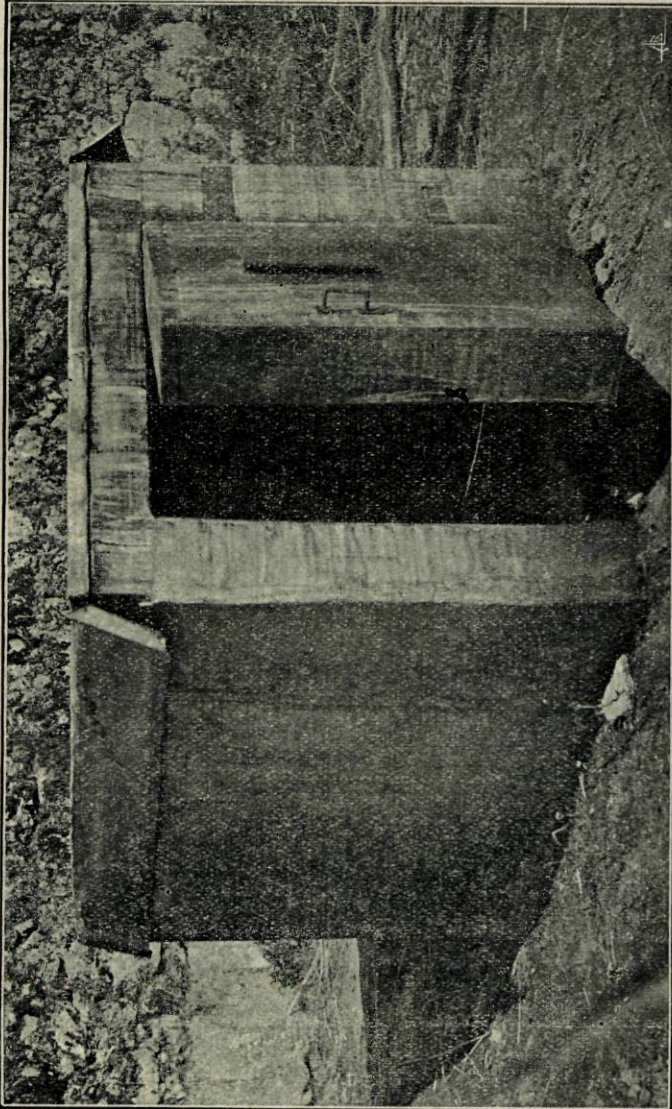
A estufa do nosso modêlo, com o intervalo entre as duas paredes cheio com areia bem seca, assenta sobre uma cova de 75 centímetros a 1 metro de profundidade, aberta no solo. Do lado oposto á porta, abre-se no solo um rego que continua a cova para trás, permitindo assim alimentar uma fogueira subterranea subjacente á estufa. Consegue-se ao fim de 2 a 3 horas uma temperatura interior quasi constante, pouco oscilando á volta de 90°C. No acto do carregamento e descarregamento da estufa a temperatura baixa de 20° a 30°, conservando-a fechada de 20 a 40 minutos consegue-se novamente a temperatura optima para a destruição de parasitas, oscilando á volta dos 90°C. Pequenos orificios abertos no tempo da estufa, colocados junto dos 4 angulos, permitem o enchimento e esvaziamento das paredes da estufa com a substancia isoladora que deve ser a areia bem seca. Deve-se introduzir primeiro areia mais grossa, pequenos seixos mesmo que irão formar a camada isoladora que recebe directamente o calor do foco subjacente, consegue-se assim um aquecimento mais rapido da estufa. O nosso modêlo de estufa que já foi adoptado pela Delegação de Saúde de Lisboa nos serviços de despolhamentos nos bairros sujos de Alcantara, como atrás já referimos é muito mais modesta do que a *canadian desinfestor* que encontramos descrita no «Office International d'Hygiène Publique.»(2)

•A propos des mesures prises pour la démobilisation de l'Armée britannique, M. Beveridge a insisté sur les avantages de l'installation de désinfestation due au Major Orr, du Service Médical Canadien. Cette ins-

(1) Foram montadas 1 em Barcelos, 1 em Guimarães, 1 em Lamego, 1 em Alijó e 1 em Vila Rial. Trabalhamos em Braga com 2.

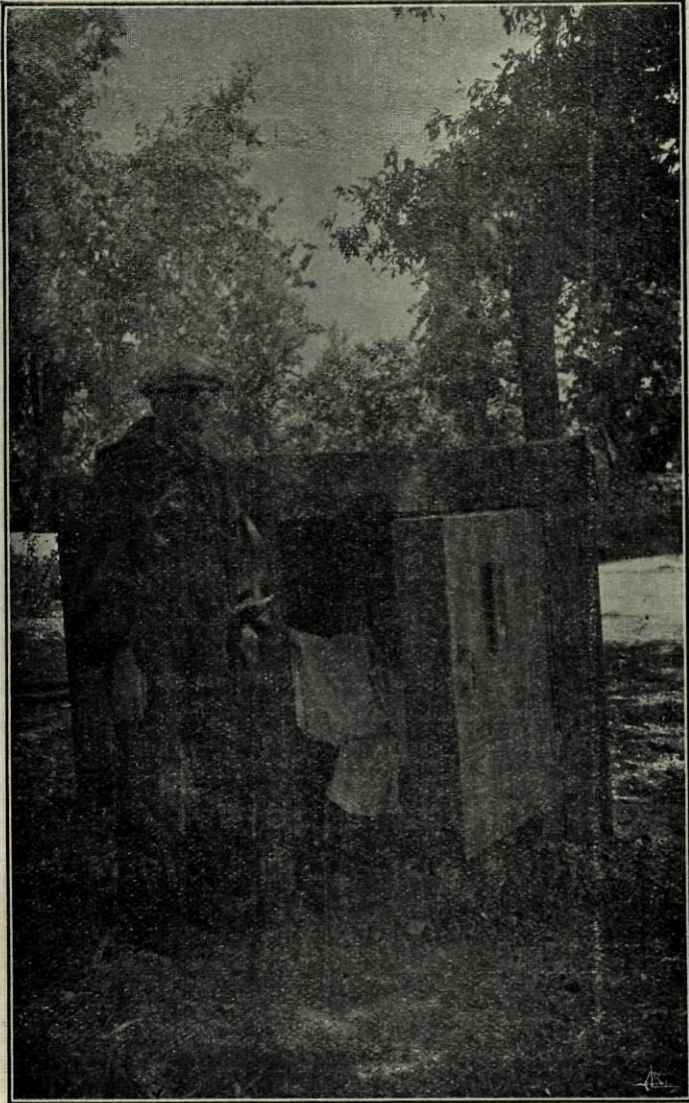
(2) Office International d'Hygiène Publique, tome XI no. 7 Juillet 1919.

tallation est basée sur l'emploi de l'air chaud, mais la source de chaleur n'est pas dans la chambre de désinfestation elle-même: les brase-ros au coke sont dans une fosse située au-dessous de celle-ci et où l'on peut arriver de l'extérieur. Le plancher de la chambre, en tôle supportée par des rails, est percé de 128 ouvertures disposées de manière à assurer un courant continu des gaz chauds; deux tuyaux d'arrivée d'air pé-



**Figura 21**  
Modelo português da *canadian desinfestor*

nétrant dans la fosse, sous les braseros, et trois tuyaux de dégagement sous le toit de la chambre aident à ce résultat. Les parois de la chambre elle-même sont doubles en tôle avec terre dans l'intervalle. La fa-



**Figura 22**

Modêlo portugês da *canadian desinfestor*

cade en est constituée par les deux battans d'une porte par où pénétre une voie légère de chemin de fer permettant d'introduire un truck surmonté d'un bâti léger qui supporte les effets à désinfecter. On se sert de deux trucks semblables alternativement, apportant les effets de la salle de déshabillage des bains et les remportant, après désinfection à la salle de rhabillage. L'opération dure chaque fois 20 minutes, la température (contrôlée par un thermomètre spécial à angle droit) devant être pendant tout ce temps supérieure à 75°-C. Cette température est facilement obtenue. Il faut environ 200 à 250 livres de coke par jour pour traiter les équipements complets de 100 hommes. Deux hommes suffisent pour le travail» (1)

Outras referencias encontramos no «Office International d'Hygiène Publique» (2) acerca da *canadian desinfector*.

«Dans l'armée anglaise, la tendance actuelle est de remplacer l'étuvage par l'action de l'air chaud soit dans des appareils improvisés de dimensions restreintes soit dans une installation de grande capacité le «*Canadian desinfector*» déjà en usage à la 1.<sup>ère</sup> armée britannique et qui sera étendue sous peu à les armées anglaises. Dans les appareils improvisés comme dans le *Canadian desinfector*, la source de chaleur est fournie par un foyer sous-jacent qui chauffe le plancher métallique de la chambre à désinsectisation et porte rapidement l'atmosphère intérieure à une température de 70° à 90°-C. Cette température est contrôlée par un très ingénieux millivoltmètre, extérieur à l'appareil. L'opération dure 15 à 20 minutes et est d'une efficacité certaine. Ce procédé également signalé par le Professeur Testi dans l'armée italienne, nous paraît accuser un progrès très sensible dans la désinsectisation des vêtements et nous pensons qu'il serait très heureux de le généraliser à toutes les armées alliées et sur tous les fronts». (3)

## O nosso aparelho aquecedor de água

Representa a gravura 23 a figura esquemática do nosso aparelho aquecedor de água. Muito simples e economico, compõe-se de 2 reservatórios de água A e B comunicando por um tubo em U—C.C',C".

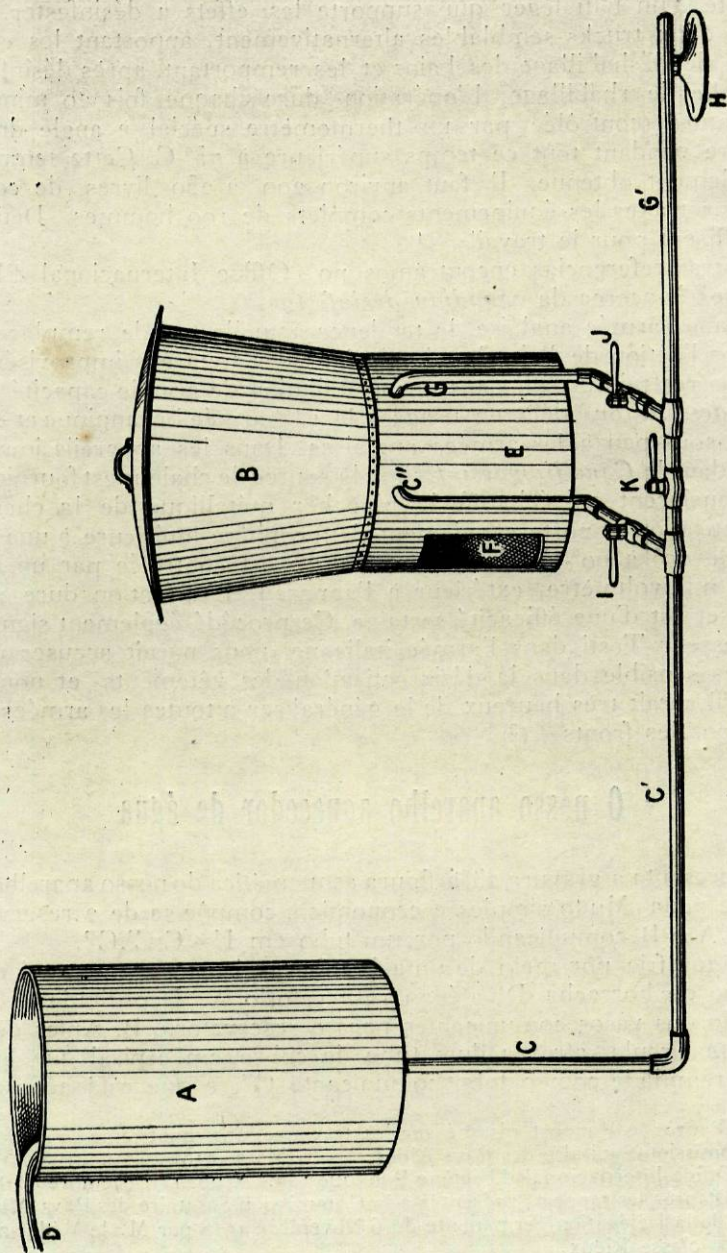
A água fria por meio de uma bomba aspirante premente é elevada pelo tubo de borracha D, até ao reservatorio A. Depositada aí circula pela ação dos vasos comunicantes para o reservatório B. Antes de penetrar neste circula, através dum tubo de cobre em espiral que liga por uma extremidade com o tubo comunicante C", e que está adaptado ao

(1) D'après le Rapport résumé sur les travaux de la quatrième session plénière de la Commission Sanitaire des Pays Alliés. (20-31 Mars 1919).

(2) Office International d'Hygiène Publique tome X no. 12 Décembre 1918.

(3) D'après les rapports présentés à la Commission Sanitaire des Pays Alliés dans la Séance de la Délégation permanente du 6 Novembre 1918 par M. le Médecin Principal de 2.<sup>ème</sup> classe Rieux.

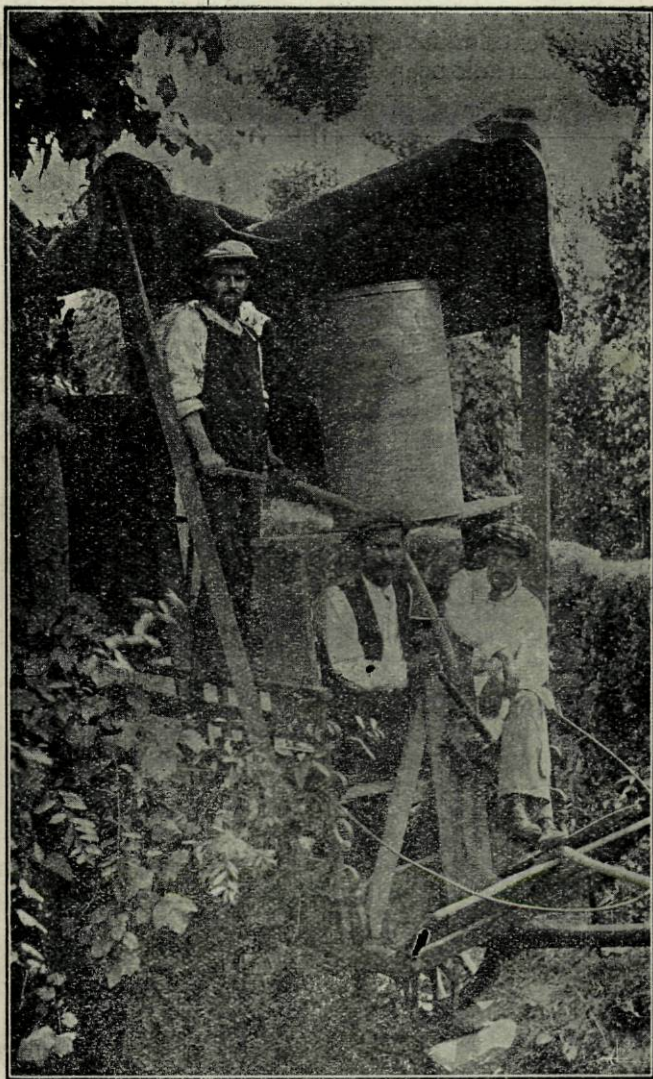
fundo do reservatório B e que se abre pela outra extremidade no fundo do do mesmo reservatório B. Este assenta sobre um fogareiro E que



**Figura 23**

Figura esquemática do aparelho aquecedor de água

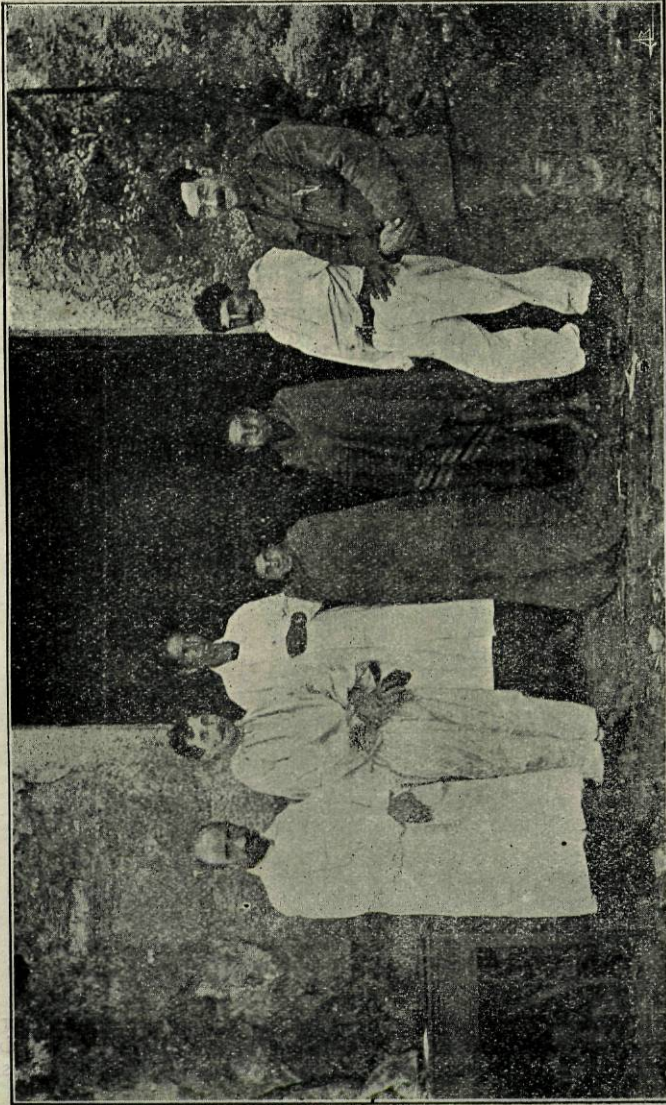
tem uma fornalha F onde se alimenta, por meio de lenha ou carvão a



**Figura 24**

Instalação do aparelho aquecedor de água montado num carro de companhia. (no 1.º plano vê-se o depósito de água fria, a bomba e o tubo de borracha, no 2.º plano por trás do maquinista o depósito de água quente).

água que circula no tubo em espiral e que deposita no reservatório B, sempre quente ás vezes mesmo fervente. Esta água escoá-se pelo tubo G, que comunica por uma extremidade com o fundo do reservatório B e que pela outra extremidade liga com o tubo G', permitindo que a água quente, se venha misturar à água fria que neste ultimo tubo circu-



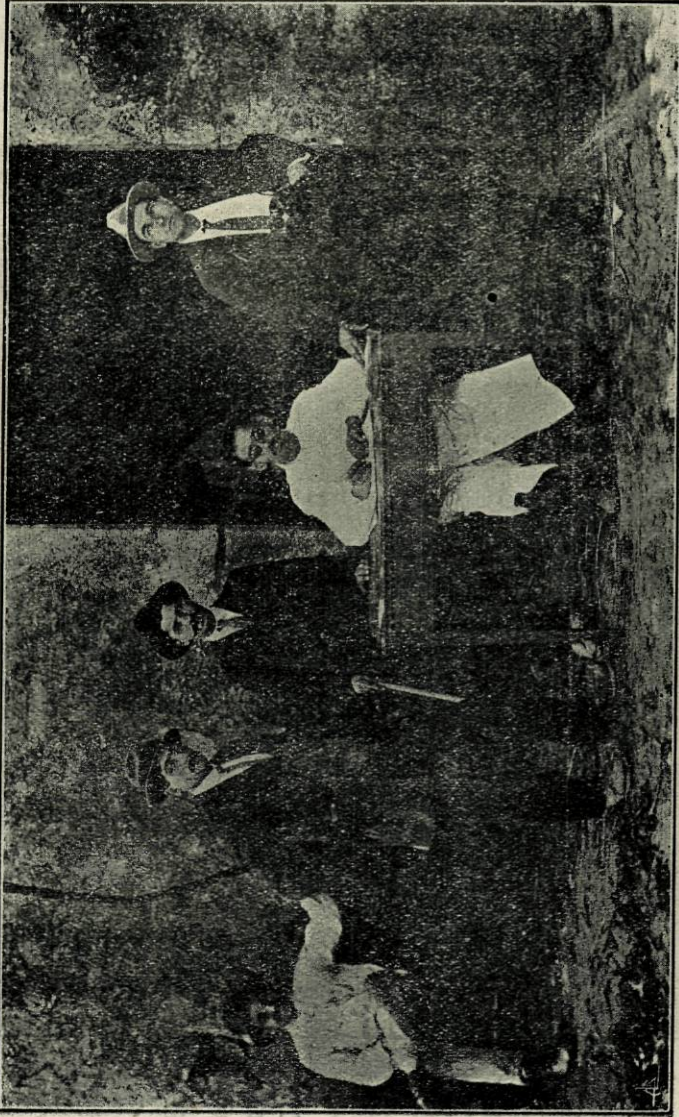
**Figura 25**

1.º Pósto de despiolhamento rural e pessoal. — Barbeiro, despiolhadora, despiolhador, despiolhadora, dois despiolhados, carregador da estufa e maquinista, (da esquerda para a direita)

la sempre, dando depois de misturada, um jato contínuo de água tépida no chuveiro H.

Representa a figura n.º 24 a nossa instala o armada num carro de companhia da extinta S. M. H. de Braga.

As torneiras I, J e K permitem ao maquinista da nossa figura n.º 24



**Figura 26**

Sec o de polícia sanitária trabalhando no P sto de S. Pedro de Merelim

graduar a temperatura da água, mais quente ou mais fria segundo a vontade de cada banhista.

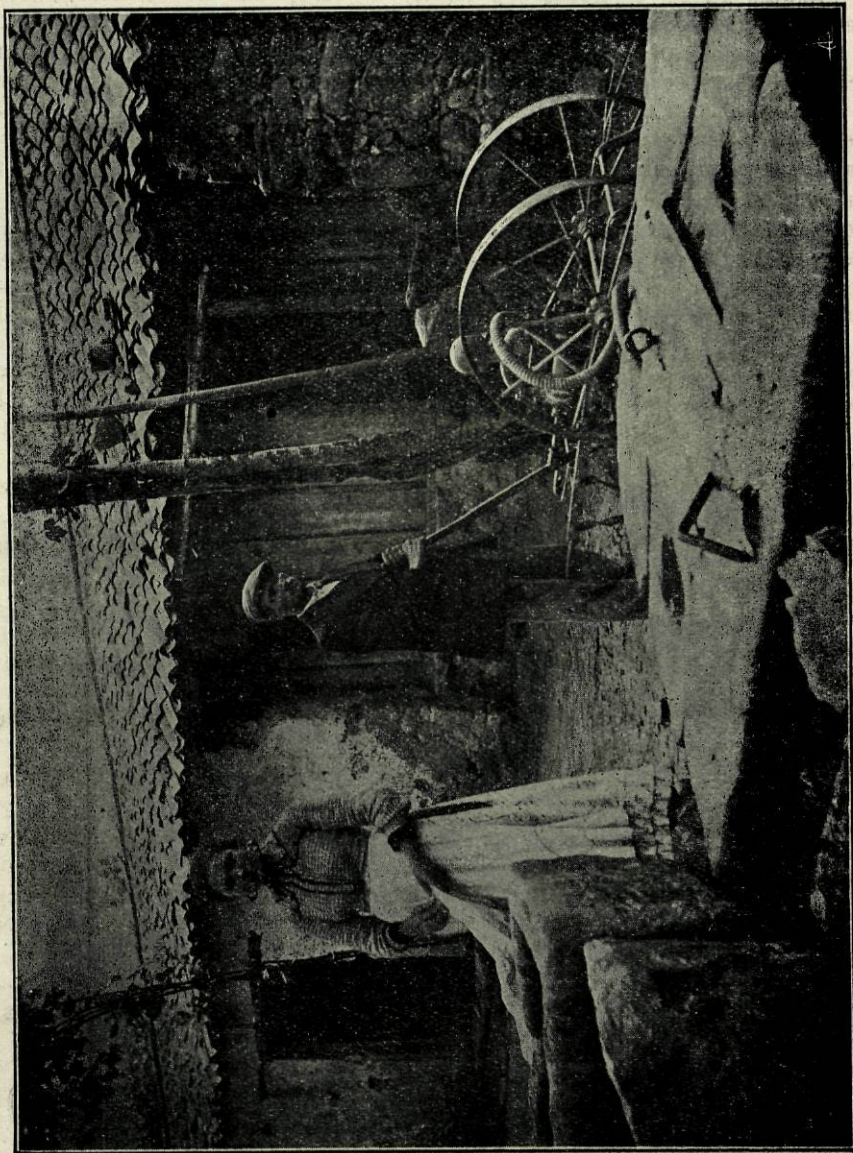


Figura 27

Pateo da casa onde funcionou o 1.º posto de despiolhamento rural

## 1.º Pôsto de despiolhamento rural (S. Pedro de Merelim)

Facil seria, de posse das tendas de campanha Bessonneau, instalar nas freguesias rurais do concelho de Braga, com as nossas estufas e com o nosso aparelho aquecedor de água, balneários volantes, onde iríamos tentar o despiolhamento da população piolhosa dessas mesmas freguesias.

«A nossa grande dificuldade, a maior quasi que a unica, era a falta de material sanitário, a falta de boas estufas, e a impossibilidade de as levar para as aldeias—onde a campanha era agora mais precisa—os limitados elementos de que dispunhamos dentro da cidade. Era preciso improvisar, tanto mais que o tifo, diminuindo de intensidade em Braga, começava a fazer estragos avultados nas aldeias. Adaptamos, por isso, os conhecimentos da guerra, e assim se instalou o primeiro pôsto volante de despiolhamento no lugar da Pateira, S. Pedro de Merelim, a 21 de Maio».

«E o rendimento desse pôsto?»

«Foram despiolhadas de 21 de Maio a 2 de Junho 719 pessoas, beneficiadas 111 casas e desinsectadas 1050 peças de roupa. Temo-nos valido para isto das estufas canadianas que, experimentadas por nós em França são comodas e de um belo funcionamento.»<sup>(1)</sup>

Este primeiro pôsto funcionou na dependencia de uma propriedade, posta gentilmente á nossa disposição para esse fim, pelo seu proprietário Capitão Pharmaceutico Januário da mesma localidade. A 21 de Maio ainda não estavamos de posse do material da S. M. H. e como tinhamos pressa em experimentar as nossas estufas e aparelho aquecedor de água, e coma urgia estabelecer os serviços anti-epidemicos nas aldeias lançamos mão deste expediente, montando a nossa primeira instalação numa antiga adega no lugar da Pateira (S. Pedro de Merelim).

Representa a figura 25 o nosso primeiro pôsto de despiolhamento rural.

Representa a figura 26 uma secção de policia sanitaria na aldeia (S. Pedro de Merelim).

Representa a figura 27 a bomba aspirante premente que eleva a água, do poço representado tambem na figura, por meio da mangueira que tambem se vê, para o deposito do nosso aparelho aquecedor de água.

Representa a figura 28 a secção de desinfectadores do mesmo pôsto de despiolhamento.

Não possuindo nós, nesta altura, as tendas de campanha da S. M. H. como atrás já referimos; o rendimento deste pôsto foi inferior aos dos outros que, funcionaram já montados em tendas de campanha.

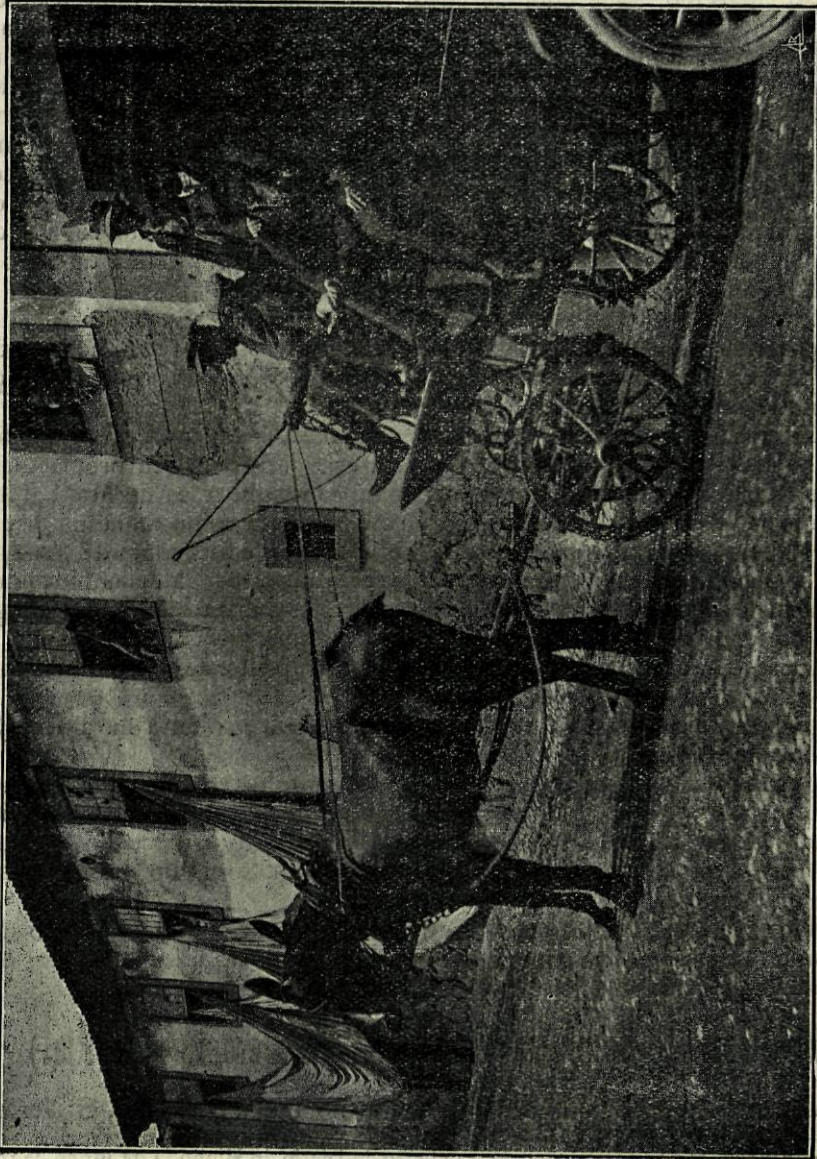
## 2.º Pôsto de despiolhamento rural (S. Jeronimo de Rial)

A 4 de Junho de 1919 instalamos nós no lugar do Feital, S. Jeroni-

(1) Entrevista por nós concedida á redacção do Diário do Minho, 4 de Junho de 1919

mo de Rial o nosso 2.º pôsto de despiolhamento rural.

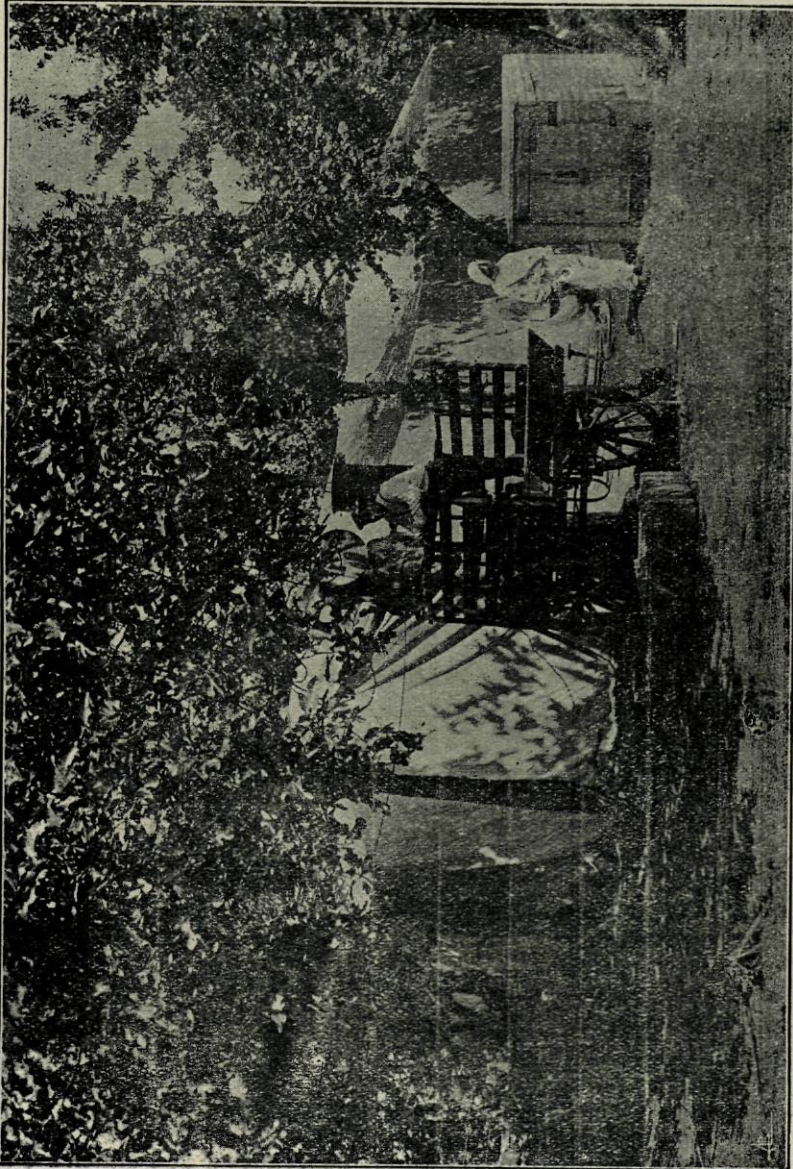
De 4 de Junho a 29 de Junho de 1919 despiolhamos 3028 indivíduos de ambos os sexos, beneficiamos 250 casas e desinsectamos 7074 peças de roupa.



**Figura 28**  
Secção de desinfectadores saindo para o trabalho

Representam as figuras 29 e 30 aspectos da nossa primeira instalação volante.

Representa a figura 31 uma ampliação do nosso aparelho aquecedor de água que se vê nas figuras 29 e 30 montado num carro de companhia.



**Figura 29**  
Pôsto de despiohamento em S. Jeronimo de Rial

Representam as figuras 32 e 33 dois interiores das barracas balneários.  
 A figura 32 representa a cabine de barbeiro, quarto de despir e despiolhamento, um empregado procede á epilação dum despiolhando.

A figura 33 representa a cabine de banho, vê-se nesta figura o chuveiro H do nosso aparelho aquecedor de água, furando a barraca e aspergindo de água tépida um grupo de banhistas.



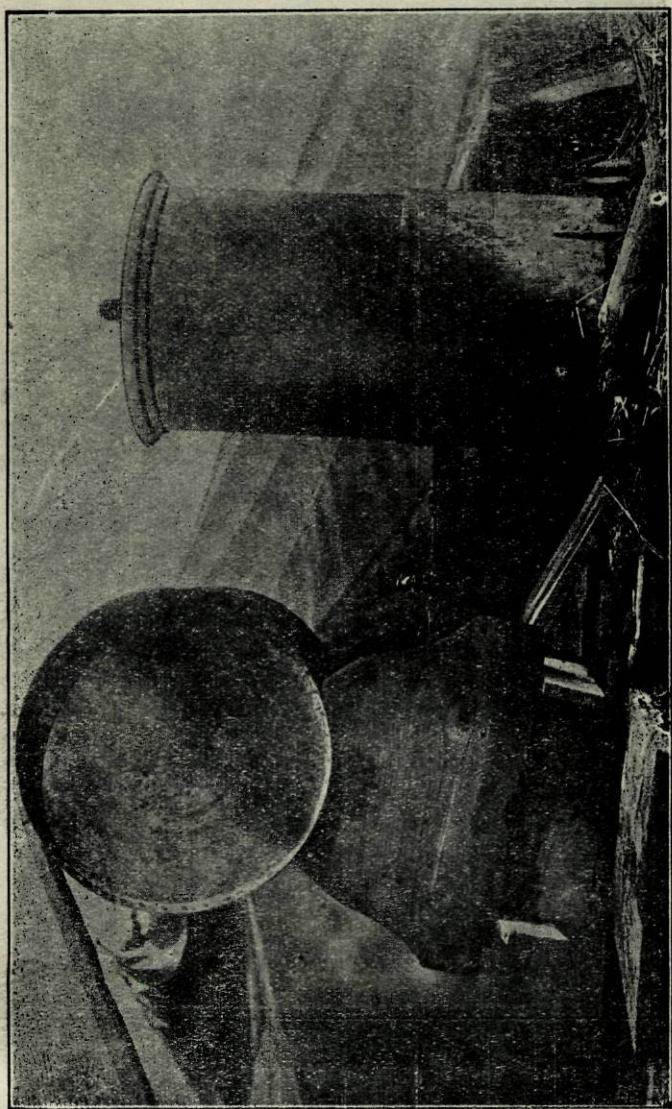
**Figura 30**  
 Outro aspecto do mesmo pósto.—Vê-se a estufa no acto de carregamento.

### 3.º Pósto de despiolhamento rural (Palmeira)

A 13 de Junho de 1919 instalavamos na freguesia de Palmeira o nos-

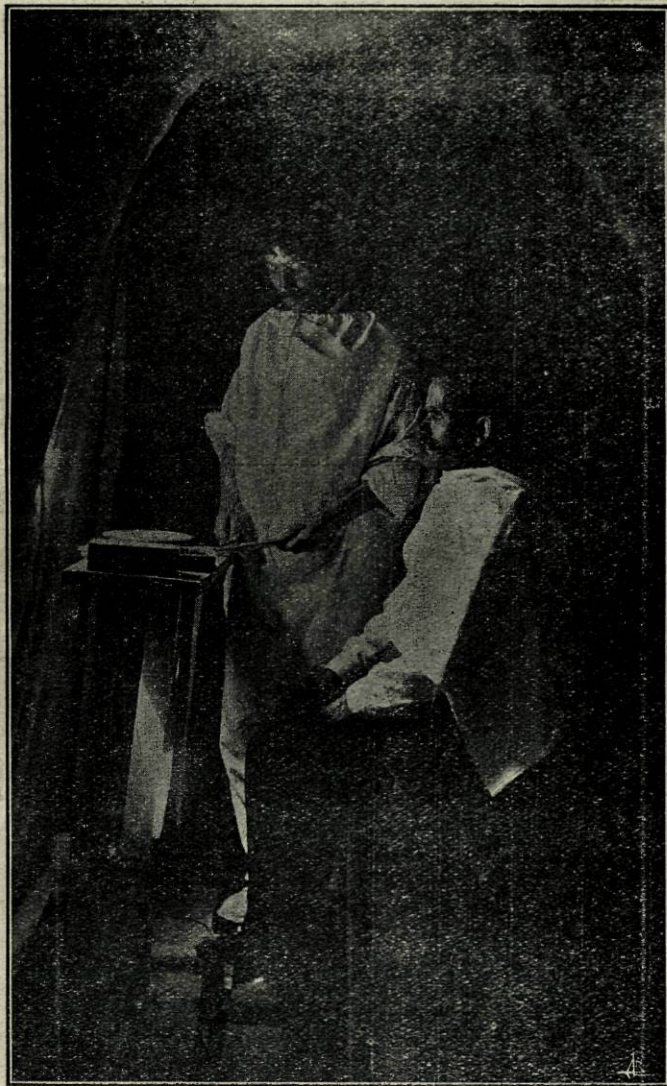
so terceiro pôsto, aproveitando a outra barraca da S. M. H. uma outra estufa e o nosso 2.º aparelho aquecedor de água. De 13 de Junho a 6 de Julho, despiolhamos 1893 indivíduos de ambos os sexos, beneficiamos 229 casas e desinsetamos 2665 peças de roupa.

Representam as figuras 34 e 35 dois aspectos do Pôsto de Palmeira. Na figura 34 vê-se á direita em ponto pequeno o nosso aparelho aquece-



**Figura 31**  
Aparelho aquecedor de água

dor de água montado num carro de companhia. A' esquerda vê-se a estufa canadiana (modêlo português) e a secção de desinfectadores com o seu carro.

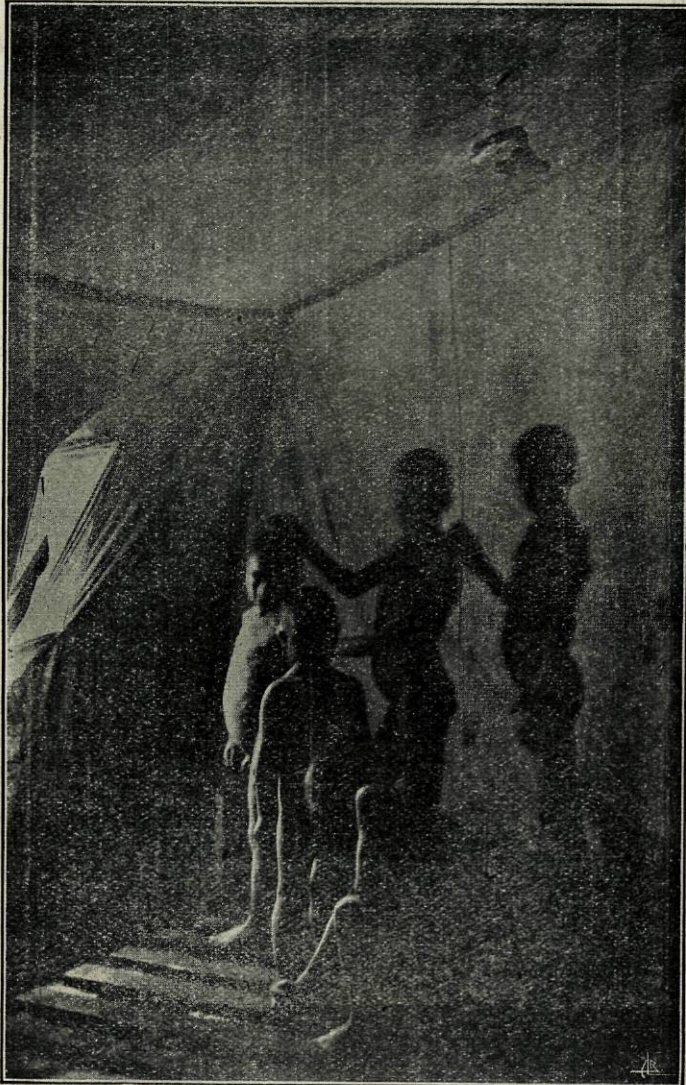


**Figura 32**

Quarto de despir e despioihar

#### 4.º Pôsto de despioalhamento rural (S. Paio de Merelim)

No dia 1 de Julho mudavamos a nossa instalação volante de S. Je-

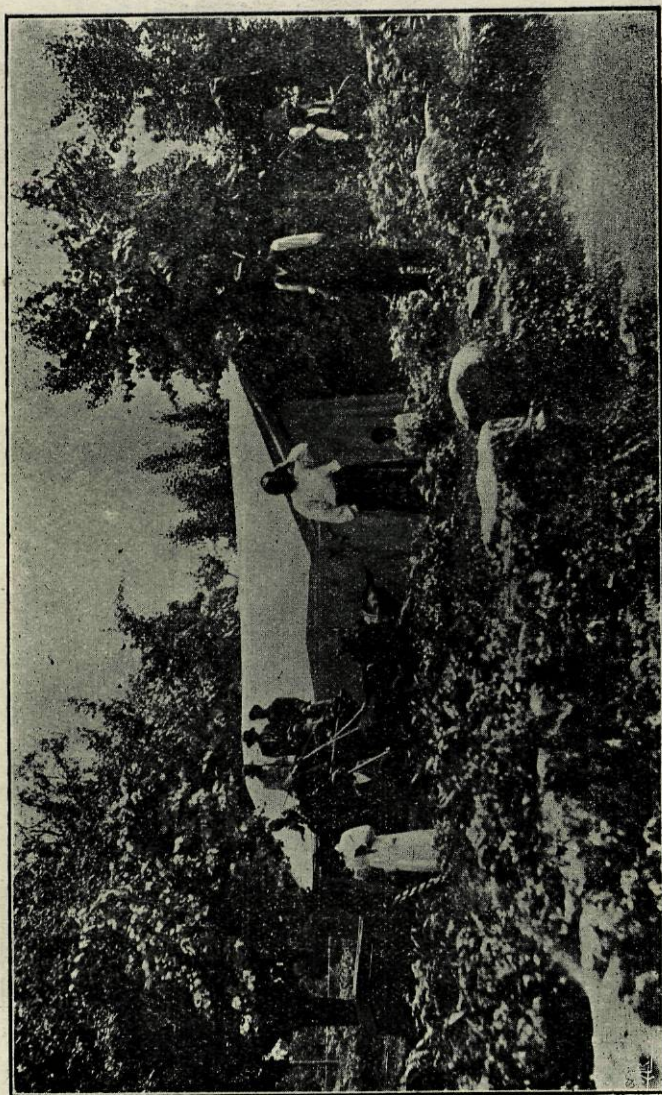


**Figura 33**

Cabine de Banho

ronimo de Rial para S. Paio de Merelim. De 1 a 25 de Julho, despio-  
lhamos 2420 individuos de ambos os sexos, beneficiamos 229 casas e  
desinsectamos 3162 peças de roupa. Representam as figuras 36 e 37 dois  
aspectos do nosso 4.º pôsto volante.

Na figura 36 vê-se á direita o nosso aparelho aquecedor de água,  
a estufa encontra-se do outro lado da barraca encoberta por esta. Na  
figura 37 tambem se vê o nosso aparelho aquecedor de água á direita.

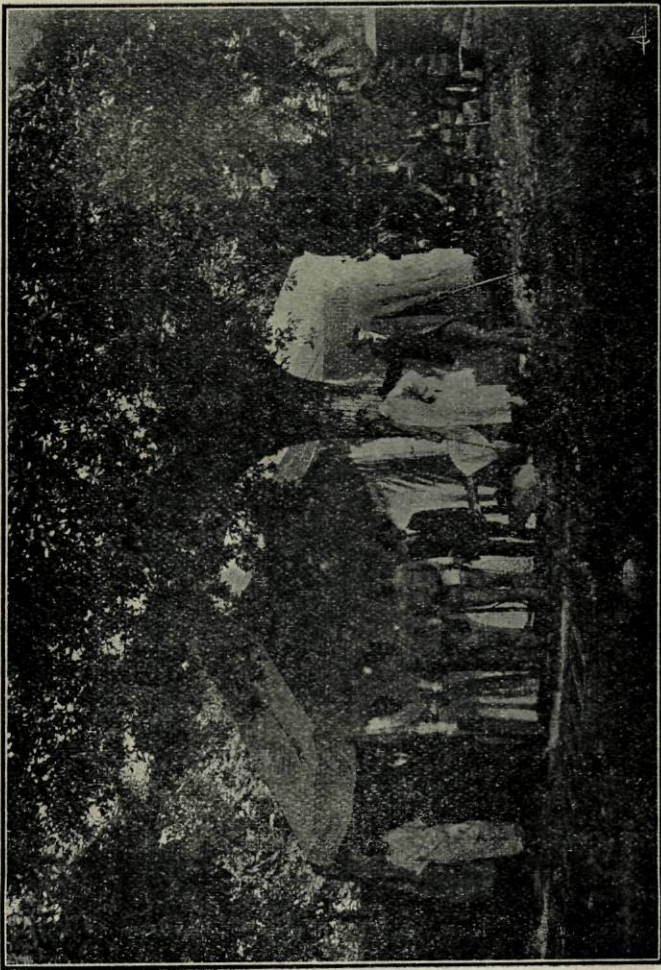


**Figura 34**  
Pôsto de Palmeira

## 5.º Pôsto de despiolhamento rural (S. Martinho de Dume)

A oito de Julho mudavamos a nossa instalação de Palmeira para a freguesia de S. Martinho de Dume. De 8 a 25 de Julho despiolhamos 1748 individuos de ambos os sexos, beneficiamos 179 casas e desinsectamos 2276 peças de roupa.

Representa a figura 38 a nossa 5.ª instalação volante.

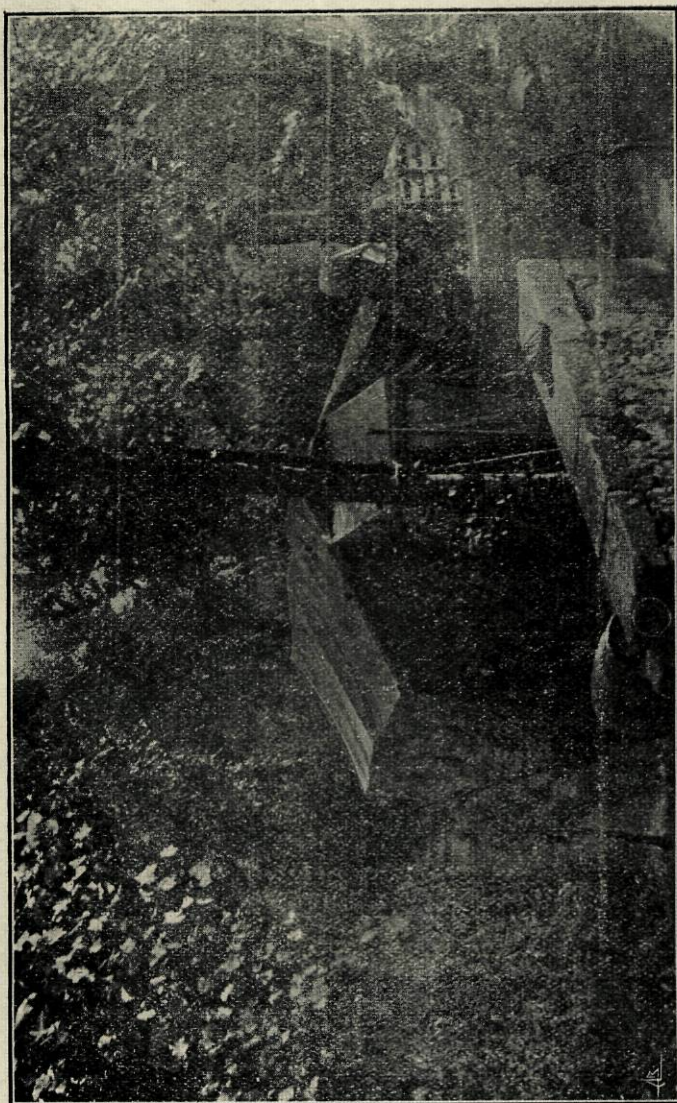


**Figura 35**

Um outro aspecto do mesmo Pôsto

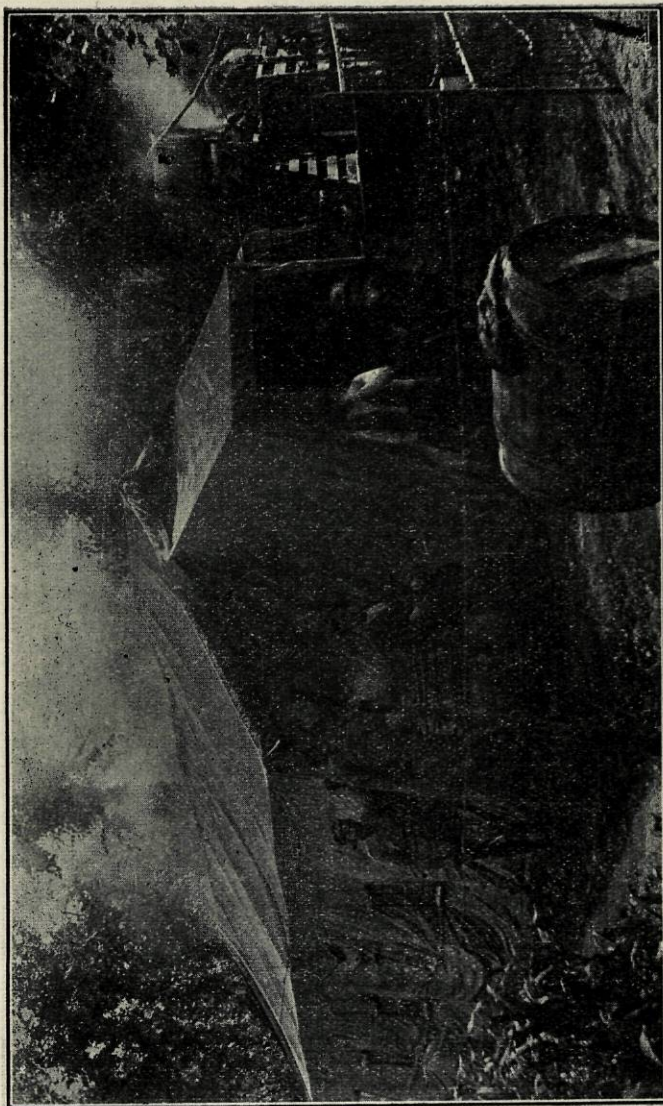
## Rendimento dos 5 postos rurais

Em dois meses, nas cinco freguesias onde com método e perseverança, organizamos os serviços anii-epidemicos, delas vimos desaparecer a epidemia, mercê dos 9808 despiolhamentos por nós realizados, das 998 casas beneficiadas e das 16 227 peças de roupa desinsectadas.



**Figura 36**  
Pôsto de S. Paio de Merelim

De Junho de 1918 a Junho de 1919 beneficiamos nas aldeias 1587 casas, somadas ás 998 beneficiadas nos meses de Junho e Julho de 1919 temos 2585, que por sua vez somadas a 50 beneficiadas em Agosto de 1919 dá o numero 2635 que foram as casas beneficiadas nas aldeias durante toda a campanha anti-epidêmica. O numero de peças de roupa de-

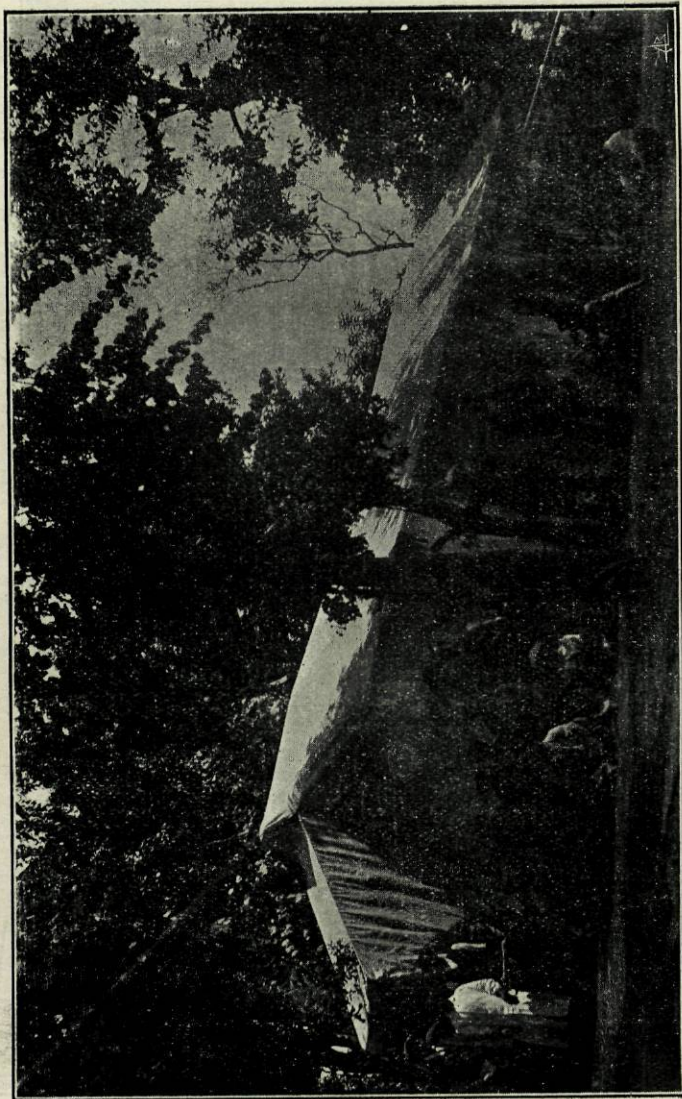


**Figura 37**

Um outro aspecto do mesmo l'ôsto

sinsectadas sóbe a 28.061, (neste numero figuram as 16.227 desinsectadas nas estufas canadianas, as restantes 11.834 foram desinsectadas na estufa da cidade). vidè mapa 11.

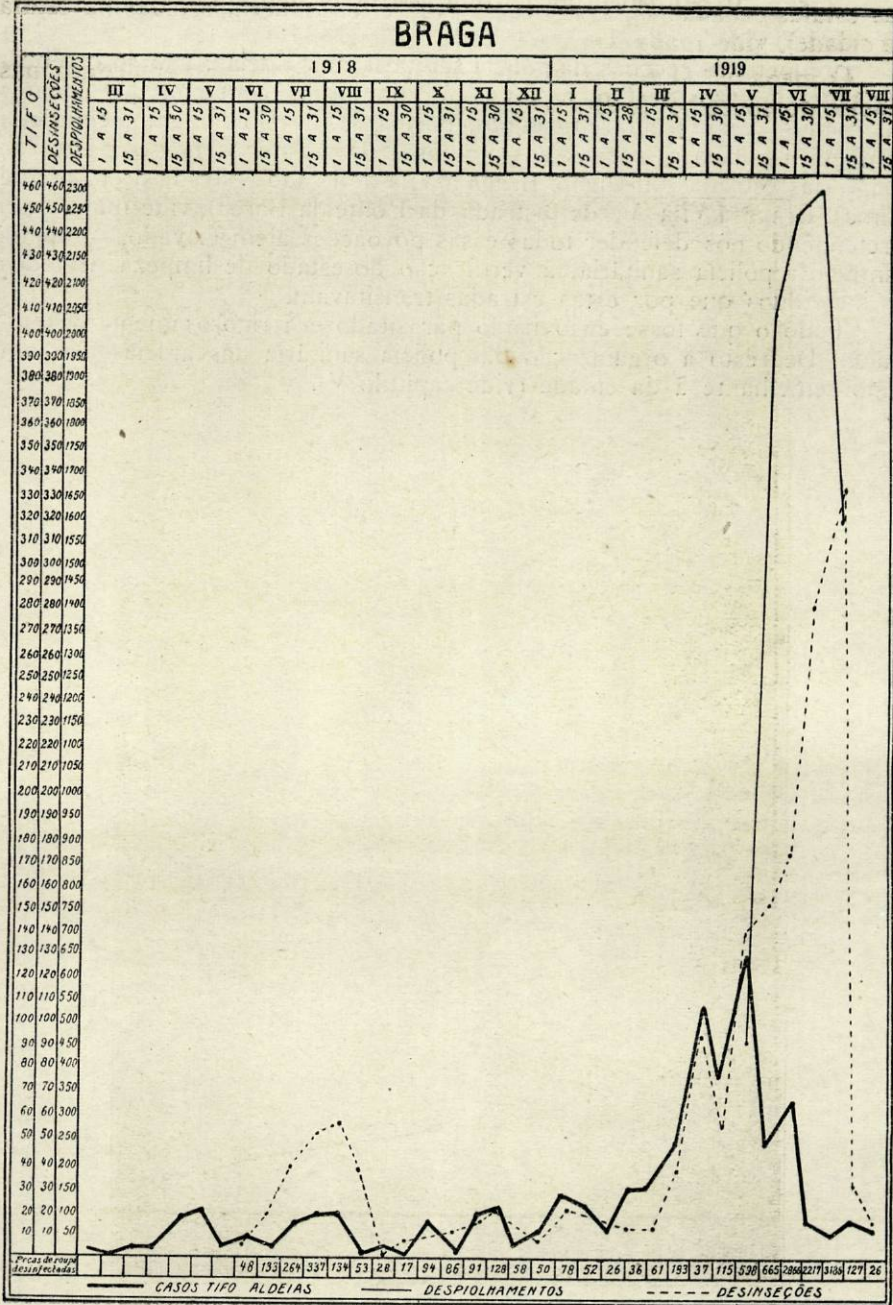
O mapa n.º 11 rèpresents as curvas epidemica e anti-epidemica nas aldeias do concelho de Braga



**Figura 38**  
Pósto de S. Martinho de Dume

# Mapa n.º II

## BRAGA



## Organização da policia sanitária nas aldeias

Competia ás secções da policia sanitária nas aldeias, não só o rebuscamento de casos de tifo, assim como intimar os contactos dos doentes internados a apresentarem-se nos postos de despiohamento, competia tambem á policia as rusgas aos piolhosos. Dispostos os nossos postos ao longo das estradas que ligam Braga à Vila de Prado (estrada de Ponte de Lima), Braga a Vila Verde (estrada da Ponte da Barca), vidè mapa 4, e, pretendendo nós defender todas essas povoações alem Cavado, competia tambem á policia sanitária, a verificação do estado de limpeza de todos os indivíduos que por estas estradas transitavam.

Todo o que fosse encontrado parasitado era rigorosamente despiohado. De resto a organização da policia sanitária das aldeias era em tudo semelhante á da cidade (vidè capítulo V).

## CAPÍTULO VII

# A curva epidemica e a curva anti-epidemica

- 1.º Explicação da curva em 1918.—2.º Porque não subiu tão alto como no Pôrto.
- 3.º Porque caiu menos relativamente que no Pôrto. — 4.º Explicação da curva em 1919.
- 5.º Porque subiu tão cedo e tão alto (comparação com o Pôrto) — 6.º Razões da descida.

## Explicação da curva em 1918

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Comissário de Saúde no Norte do País, professor Almeida Garrett, na sua brilhante conferencia proferida a 20 de Março de 1919, na Associação Médica Lusitana, (1) a proposito do andaço de Braga diz:

«Importada do Pôrto, a epidemia de Braga, contou em Março 14 casos. Disseminou-se, e de Abril a Junho marcou respectivamente 22, 67 e 80 casos, cifras inferiores á realidade, porque muitos casos deixaram então de entrar nos registos sanitários.

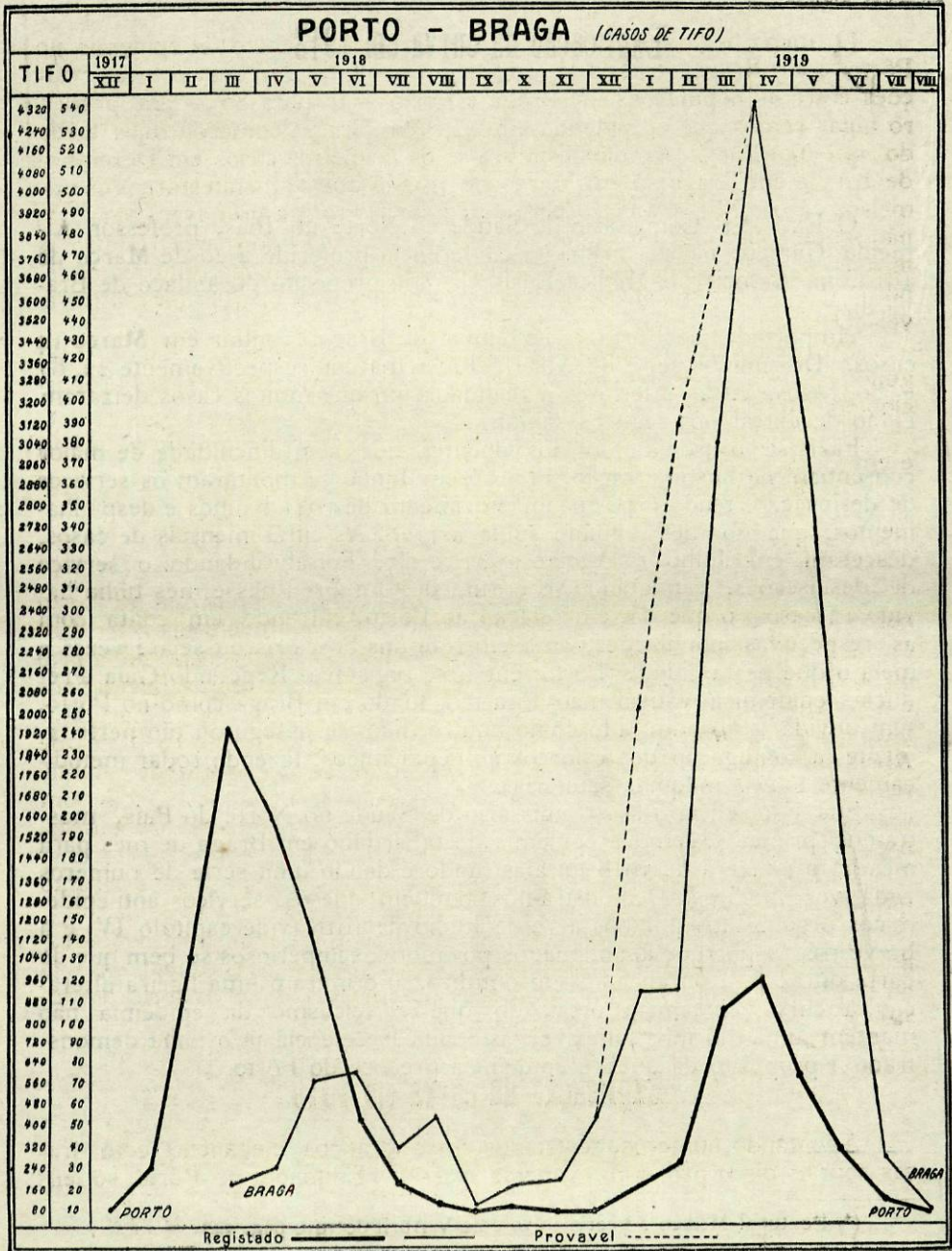
Fazia-se o isolamento dos doentes que sem dificuldade de maior consentiam na hospitalização, mas só em Junho se montaram os serviços de desinsecção, tendo o pôsto um movimento de 1041 banhos e despolhamentos, que no mês seguinte subia a 1128. As cifras mensais de casos, desceram em Julho e Agosto a 31 e 37. Foi abrandando o serviço de desinsecções, extinguindo-se no fim de Outubro; nesse mês tinha havido 12 casos, o que dá, em relação ao Pôrto, entrando em conta com as respectivas populações, uma cifra de uns 80 casos ou seja 2 vezes e meia o que nesta cidade (Pôrto) então se registava. Repetindo Gaia a redução epidemica estival não fôra tão fundo em Braga como no Pôrto, sem duvida tanto num lado como noutro, não se assegurou tão perfeitamente a conjugação dos esforços anti-epidemicos, fazendo rodar metódicamente toda a maquina sanitária».

Sua Excelencia o Sr. Comissário de Saúde no Norte do País, mostra-nos primeiro como a epidemia do tabardilhó em Braga de mês para mês na primavera de 1918 foi alastrando e dando uma serie de numeros cada vez maiores. Demonstra-nos tambem que os serviços anti-epidemicos organizados por nós a 12 de Junho de 1918 (vidè capitulo IV) e a breve trecho por nós abandonados por motivos imperiosos se bem que de curta duração, e paralizados em outubro, imprimiram uma ligeira alteração á curva epidemica provando que «o ciclismo da epidemia não mantem uma norma, inflexivel» isto Sua Excelencia já o tinha demonstrado a proposito da quebra epidemica precoce do Pôrto.

---

(1) Portugal Médico 3.<sup>a</sup> serie — volume V Abril de 1919 pag. 247.

# Mapa n.º 12



## Porque não subiu tão alto como no Pôrto

O mapa n.º 12 representa a marcha em conjuncto da epidemia no Pôrto e em Braga, tracejado, entrando em linha de conta com as relações entre as populações de Braga e Pôrto — 10 para 80 — em primeiro lugar vemos que a epidemia em 1918 em Braga, começou mais tarde do que no Pôrto. Ai manifestaram-se os primeiros casos em Dezembro de 1917 e em Braga só em Março de 1918 é que se manifestaram os primeiros casos. Não subiu tão alto como no Pôrto, na primavera de 1918, não só pelo facto de ter começado mais tarde, mas porque a influencia termica se manifestou, não permitindo logo uma franca difusibilidade, num terreno tão atreito a epidemias como é a população suja e miseravel de Braga.

No entretanto em outubro no dizer do Sr. Comissário de Saúde, e segundo reza o nosso registo, em Outubro registam-se em Braga, proporcionalmente 2 vezes e meia mais casos do que no Pôrto.

Isto em Outubro, porque em Novembro registavamos nós 18 casos e em Dezembro 63!

## Porque caiu menos relativamente do que no Pôrto

Seria ocioso insistir aqui nos motivos porque a epidemia no Pôrto num descrecendo admiravel, entrou em crise, Sua Excelencia o Sr. Comissário de Saúde demonstrou-o na sua brilhante conferencia no Pôrto na Associação Médica Luzitana, com os seus graficos muito ilucidativos e nas duas conferencias realizadas em Braga, a primeira na Camara Municipal a 30 de Março de 1919 e a segunda no Teatro Circo a 10 de Abril do mesmo ano, com a assistencia de todas as autoridades militares e civis e de muito público, estas duas últimas conferencias com um character popular tinham por fim a propaganda de medidas profiláticas, nas classes não médica.

Vinhamos dizendo que se torna ocioso insistir sobre esse assunto que tão bem demonstrado ficou, e, assim é.

Por conseguinte tão sómente asseveramos que a epidemia em Braga não caiu em 1918 tão rapidamente como no Pôrto porque (como já ficou dito no capitulo IV) os serviços anti-epidemicos em 1918 foram insufficientes e organizados tardiamente.

## Explicação da curva em 1919

Apontando numeros, registados em 2 graficos elegantes, com frases sobrias diz o professor Almeida Garrett «Enquanto no Pôrto, só len-

(1) Conferencia realizada em Braga no Teatro Circo a 10 de Abril de 1919.

ta e tardiamente o novo ano epidemico se manifesta, aqui já em Dezembro se registavam 96 casos o que devia corresponder no Pôrto a mais de 400, visto ser de pouco mais da oitava parte da população do Pôrto a de Braga, em Janeiro pelos registos hospitalares e pelos informes dos médicos, calculam se num minimo de 200 os casos ocorridos, que subiram a cerca de 358<sup>(1)</sup> em Fevereiro findo, para hoje haver cifras diárias de cerca de 20 casos o que corresponde a ter no Pôrto uma média diária de 150, cifra nunca atingida no ano passado, cuja semana maxima deu no Pôrto 543. Sempre se praticaram desinfecções nos domicilios que mais uma vez se mostraram inefficazes.

Em Março registavamos 363 casos em Braga quando no Pôrto no mesmo mês só eram identificados 788 casos. Em Abril temos em Braga (cidade) registado 533 casos; tendo sido registados no Pôrto 926 casos no mesmo mês. No mês de Maio começa a esboçar-se a crise da epidemia, registamos 420 casos em Braga, 493 no Pôrto.

Nos meses seguintes num admiravel descrescendo, registamos em Braga 178 casos em Junho, 27 em Julho e 5 em Agosto; contra 234 em Julho, 79 em Julho e 33 em Agosto, na cidade do Pôrto.

### Porque subiu tão cedo e tão alto (comparação com o Pôrto)

Insuficientes os serviços anti epidemicos em 1918, enfraquecidos já desde Outubro pela cessação dos despiolhamentos, tendo sido feitos sómente desde essa data algumas baldeações de casas que, desorganizados os serviços desde meado de Janeiro pelas perturbações politicas no norte do país, e entregues ao Sr. Comissário Régio, deixaram de corresponder ás necesssidades, porquanto, não passava de uma mistificação o que se fazia e vejamos: os bombeiros municipais percorriam as ruas diariamente lavando-as com as suas mangueiras, indistintamente penetravam nas casas que lhes pareciam mais sujas, carregavam para as ruas todo o mobiliario e andrajos que por lá encontravam e toca a esguichar água sobre os pavimentos.

Quando tomamos a direção dos serviços anti-epidemicos de Braga, ainda se baldeavam as casas e esguichavam as ruas. De maneira que não é para admirar a grande alta epidemica representada no nosso mapa n.º 12. A subida da epidemia começa a fazer-se muito cedo, como atrás apontamos, já em Dezembro de 1918 registavamos um grande numero de casos, em Janeiro, Fevereiro, Março e Abril a subida da epidemia é assustadora, a avaliar a marcha da epidemia, de Abril em diante, pelo aspecto da curva epidemica no ano anterior, seria de prever uma subida

(1) Estas cifras 96-200-358 estam representadas no mapa n.º 11 por uma linha ponteadada (casos provaveis). Durante esses meses em virtude das alterações politicas no norte do país, os serviços anti-epidemicos entregues ao Sr. Comissário Régio, deixaram muito a desejar. (Vidê capitulo V).

vertiginosa até Junho (mês em que a epidemia em 1918 fêz mais estragos) outrossim seria de prever depois, uma queda epidemica arrastada, seria de prever a repetição do que se passou no ano anterior. A entravar a marcha da epidemia, metemos hombros á tarefa, fizemos rodar toda a máquina sanitária, utilizando os conhecimentos adquiridos em França, engenhocando alargamos a nossa companhia anti-epidémica até alem Cava-do, conjugando todos os serviços anti-epidemicos, alteramos o ciclismo epidemico, imprimindo á curva da epidemia alterações identicas ás obtidas no Pôrto, senão mais características ainda. No mês de Março proporcionalmente, registamos um numero de casos de tifo em Braga 4 vezes superior aos identificados no Pôrto.

Em Abril registamos 5 vezes mais casos do que no Pôrto. Em Maio 8 vezes mais. Em Junho 6, em Julho 2 vezes mais e finalmente em Agosto o nosso registo é insignificante 5 casos foram os identificados contra 33 registados no Pôrto.

### Razões de descida

Mais uma vez se verificou que a arma mais poderosa contra o tabardilho, é o despiolhamento de grandes massas de indivíduos, nós com os nossos 27.000 despiolhamentos, em cinco meses de combate a valer contra a epidemia conseguimos exterminar por completo o andaço de Braga, que tanto sobressaltou a população braguesa.

Os nossos esforços coroados de exito, que tantas criticas suscitaram, não merecerão por certo a immortalidade, a nossa modestia assim o compreende, no entanto, deixando aqui apontados alguns numeros, desejamos salientar o nosso trabalho que tão proficuo resultado colheu.

A entravar a marcha ascensional da epidemia, em cinco meses despiolhamos 27.000 indivíduos de ambos os sexos, beneficiamos 4216 habitações, e desinsectamos 116.813 peças de roupa, de que conservamos os registos.

Eis a razão da descida brusca da epidemia.

## CAPÍTULO VIII

# Os obices a um bom trabalho anti-epidêmico

1.º A relutância do público—2.º A falta de pessoal—3.º A sonegação de casos e hostilidade dos colegas—4.º Os trabalhos de propaganda para esclarecer o público e chamar a sua atenção para a necessidade da campanha anti-epidêmica.

## A relutancia do público

A população braguesa proverbialmente conhecida, avessa á limpeza, demonstrou mais uma vez, durante a epidemia, a veracidade do proverbio. A relutancia do público em acatar as medidas de profilaxia anti-tifica foi um dos principais escolhos com que tivemos de lutar. O operariado ignorante não convencido de que era o piolho o causador do mal, porque piolhos houve-os sempre, não se quiz a principio sujeitar ao despiolhamento.

A 14 de Abril de 1919 o presidente da direcção da Associação de Classe dos Operarios Fabricantes de Calçado, convocava uma reunião de todas as colectividades operarias de Braga afim de:

«Prezado camarada—Em nome da Direcção desta coletividade venho pedir-vos a fineza de comparecerdes amanhã, terça-feira, 15 do corrente, pelas 20 horas, na séde desta Associação, á rua Candido dos Reis, para protestarmos perante o Sr. Presidente de Ministros contra a forma como são recebidos no Hospital os tifosos. Além disto tratar-se-á tambem do banho e outros assuntos de interesse para as classes operárias.

Braga e Associação de C. dos O. F. de Calçado, 14 de Abril de 1919. — O Presidente da Direcção, Antonio da Costa Sá Viana».

Reunidas no dia 15, as direcções de 12 associações, representando um numero aproximado a 4000 operários, resolveram numa carta aberta, dirigida ao Sr. Ministro do Interior, manifestar o seu descontentamento pelo facto de serem compelidos a um banho forçado; deturpando a verdade, alegavam uma tal enormidade de falsidades que levaram Sua Excelencia o Sr. Governador Civil a mandar a nosso pedido, apreender essa carta aberta e proibir um comicio operário que chegou a ser anunciado Citaremos aqui o facto de algumas colectividades tambem operárias, terem com a sua não comparencia a essa reunião, repudiado manifestações de tal character. Por exemplo a direcção da Associação de Artes Graficas de Braga, terminantemente se negou a secundar um movimento de tal ordem. O protesto dessa gente ignorante que não era, nem mais nem menos do que a reacção oferecida pelos menos limpos ás medidas de profilaxia, foi secundado no entretanto por criaturas aparentemente asseadas o que bastante lamentamos. Bastas vezes fomos importunados por individuos que até nós vinham trazer o seu protesto veemente, pelo facto de lhes ter sido apanhado na ruscá um amigo piolhoso ou um servo me-

nos escrupuloso na limpeza da sua cabeça. Dezenas e dezenas de cartões, cartas e bilhetinhos pedindo a não efectivação do que estava regulamentado acerca do despiohamento, colecionamos nós, possuímos alguns firmados por altas individualidades braguesas. Destacaremos por exemplo o seguinte que é bastante original:

*Emilia Candida de Araujo Alves*

*toma a responsabilidade pela limpeza  
da sua recadeira*

R. do Conselheiro Januario, 32

BRAGA

Foi-nos apresentado por uma mulhersinha que examinada pelas despiohadeiras, apresentava a cabeça cheia de lendias.

Mais do que uma vez tivemos que argumentar de rijo a proposito das medidas de profilaxia anti-tifica, com o argentário braguês, tipo "brasileiro" que se não harmonisava com o *modus faciendi* da campanha anti-epidémica. Recordamos aqui as palavras de um brasileiro morador em Palmeira que no auge do seu exaspero, dizia a proposito do balneário que ali instalamos «não leva dois dias que esta m... daqui não saia, vai tudo pelos ares, que eu revolto o povo, esta m... deve desaparecer daqui que eu cá estou para ela desaparecer...»

E, porque meus senhores, porque lhe despiohamos os caseiros. E muitos mais factos poderíamos apontar demonstrativos da relutancia, da má vontade desse público ignorante e piolhoso, que foi muitas vezes secundado pela imprensa local. Outras vezes eram nas aldeias as proprias autoridades administrativas que se opunham á realização das medidas anti-epidémicas, faz parte da nossa coleção de cartões, cartas e bilhetinhos, uma ordem escrita pelo cidadão regedor de S. Martinho de Dume dispensando determinado individuo de tomar banho, e concebida nestes termos «Não vai ao banho até novas ordens. Braga, 8 de Julho de 1919. Carlos Magalhães.» Perguntamos aqui que competencia tinha o Sr. Regedor para dispensar um individuo piolhoso, de tomar banho?

## A falta de pessoal

A proposito da organização da policia sanitária já deixamos dito no capítulo V as dificuldades com que lutamos para conseguir um grupo de empregados que só sofrivelmente satisfaziam ás exigencias do serviço.

A proposito do demais pessoal, quer do hospitalar, quer do encarregado dos serviços de desinfecção, a deficiência era manifesta. Recrutado sem que previamente lhes fosse possível ministrar uma certa aprendizagem, muitos deles ao fim de dois dias de serviço, abandonavam-no porque em geral esse serviço se tornara odioso ao braguês, outras vezes eramos nós que os tínhamos que dispensar em vista da sua incompetência. Quanto seria para desejar uma organização sanitária portuguesa semelhante á hespanhola, por exemplo, que possui anexo ao Instituto Superior de Higiene de Madrid um parque com material sanitário e com pessoal treinado em serviços anti-epidemicos e que tão bons serviços tem prestado.

Oxalá que a nova organização dos serviços sanitários portugueses, ainda em estudo, crie também em Portugal um parque de material sanitário com pessoal médico e pessoal menor suficientemente habilitado e treinado em campanhas anti-epidemicas.

## A sonegação de casos e hostilidade dos colegas

Determina o artigo 6o do Regulamento Geral de Saúde de 24 de Dezembro de 1901 que «todo o clinico é obrigado, sob pena de desobediencia, a participar ás autoridades sanitárias qualquer caso ou óbito que na sua clinica observe de febre tifoide ou tifo exantemático». Ora esta medida que tem uma capital importancia para a debelação de uma epidemia, infelizmente não foi acatada por parte de alguns clinicos bracarenses. A despeito de a 4 de Abril, pouco tempo depois de tomarmos a direção dos serviços anti-epidemicos, o Sr. Delegado de Saúde ter enviado a todos os clinicos bracarenses a seguinte circular.

«Braga, 4 de Abril de 1919. Preceitua o Regulamento Geral de Saúde (nos. 59 e 60) que sejam logo participados á Delegação de Saúde os casos de tifo exantemático

E' desnecessario incarecer perante V. Ex.<sup>a</sup> a importancia que nesta ocasião tem a obediencia a esse preceito legal. Para facilitar a participação dos casos e a pronta execução das medidas de profilaxia adequadas, rogo a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de sempre que encontre algum caso de tabardilho, o comunicar no proprio dia, preenchendo um dos impressos que junto, no qual se devem mencionar também as pessoas que convivam com o doente,

Esta participação immediata dos casos de tabardilho refere-se a todos os doentes quer devam ser internados no Hospital do Espirito Santo, quer fiquem a ser tratados em domicilio; só assim as autoridades sanitárias poderão estar, dia a dia, no conhecimento da marcha da epidemia. A delegação de Saúde está aberta todos os dias, das 8 ás 12 e das 14 ás 18. De V. Ex.<sup>a</sup> com a maior consideração, Colega At.<sup>o</sup> e Venerador O Delegado de Saúde João Barroso Dias»

A cada passo não obstante esse aviso, encontravamos em diferentes pontos da cidade, doentes acamados com o tifo exantemático em pocilgas infectas com médico assistente sem que a Delegação de Saúde tivesse conhecimento desses casos.

Durante algumas semanas procuramos obviar a esse mal. O Sr. Delegado de Saúde a 6 de Maio do mesmo ano, enviava nova circular: «Excelentissimo Colega.

E' já um facto do conhecimento desta Delegação de Saúde que o tratamento dos doentes tifosos, nos seus domicilios, sem participação, tem tomado, infelizmente, por parte de alguns clinicos desta cidade, porporções verdadeiramente abusivas.

De bastantes desses doentes tambem ela sabe que, ou vivem em casas sujas e infectas, onde é impossivel, siquer, um simulacro de isolamento, ou vivendo em tais ou quais condições de hygiene habitacional são, no entanto, visitados por toda a gente e cercados por uma *entourage* que não tem a minima noção de contágio, que mesmo não acredita nele, e supõe que a transmissão do tifo pelo piolho é uma pura *blagne*, visto que piolhos houve-os sempre, desde o principio do mundo.

Por estes ponderosos motivos, esta Delegação, como é do seu indclinavel dever está disposta a internar no Hospital Espirito Santo, todos os doentes que não se encontram nas condições exigidas pelas Instruções que, a tal respeito, a Direcção Geral de Saúde transmitiu ás autoridades sanitárias sem que tal procedimento possa melindrar as susceptibilidades de qualquer colega, mesmo dos que não se dão ao trabalho de participar a esta Delegação quais os casos de tifo que tratam na sua clinica particular. Braga 6 de Maio de 1919 Saúde e Fraternidade, O Delegado de Saúde, João Barroso Dias.»

Esta circular surtiu algum efeito, no dia seguinte a terem sido expedidas aos seus destinatários, o nosso registo de casos avolumou, registamos nesse dia 59 casos de tifo! Prova evidente de que estavam muitos casos sonegados. Mas, a má vontade dos clinicos bracarenses contra as medidas anti epidemicas manifestou-se mais do que uma vez; por motivos que ignoramos, essa má vontade manifestou-se muitas vezes mesmo de uma maneira hostil, e em desacordo com as regras mais elementares da deontologia médica.

Da parte de um grupo de clinicos, salvo algumas excepções bem entendido, manifestou-se como que uma reacção passiva contra tudo o que fosse atinente á debelação da epidemia.

No *dossier* da Delegação de Saúde de Braga, referente á epidemia do tabardilho, encontramos documentos que sobremaneira corroboram o que atrás afirmámos. Não nos compete comentar, tão somente registamos aqui a nossa admiração e surpresa.

«Telegrama oficial—Delegado Saúde—Braga.

Aparece aqui freguesia Fonte Arcada caso tifo exantemático servical Dr. F. que fez diagnostico remetendo-a em seguida para terra natu-

ralidade doente por esta manifestar desejo de não ser internada no hospital tifoso. Note V. Ex.<sup>a</sup> que este médico mandou para uma zona limpa um caso tifo exantemático com perfeito conhecimento doença. Peço disto informe Ex.<sup>mo</sup> Director Geral Saúde. Vou enviar para aí doente. Abilio Areias—sub-delegado saúde Pova de Lanhoso.»

A doente a que se refere o Sr. Dr. Abilio Areias no seu telegrama, foi recolhida no hospital de isolamento, num carro de bois o sub-delegado de saúde da Pova de Lanhoso fê-la conduzir ao hospital.

Poderíamos apresentar aqui mais documentos, mas ocioso seria insistir sobre o caso. Repetido mais do que uma vez e com agravantes de toda a especie, limitamo-nos a referir as medidas de que tivemos de lançar mão, para corrigir tal estado de cousas.

Se bem que contrário aos nossos principios tivemos que usar da violencia, doente tifoso encontrado em casa que não oferecesse garantias de uma boa hygiene era conduzido, se tanto fosse preciso violentamente para o hospital, lamentamos o facto, mas, se era necessario acabar de uma vez para sempre com o tabardilho em Braga! A nossa consciencia ficou tranquila, o nosso fim alcançamo-lo.

## Os trabalhos de propaganda para esclarecer o público e chamar a sua atenção para a necessidade da campanha anti-epidémica.

Em duas brilhantes conferencias proferidas em Braga, uma na Camara Municipal outra no Teatro Circo, como já referimos no capitulo antecedente, Sua Excelencia o Senhor Comissário de Saúde no Norte do País, professor Almeida Garrett, com a sua palavra eloquente, durante algumas horas salientou a necessidade das classes pobres se educarem em habitos de hygiene e grato nos é registar aqui, bastos ensinamentos não só colheu a população braguesa como de frutos colheu a palavra persuasiva de Sua Excelencia.

Fomos procurado logo em seguida ás conferencias do professor Almeida Garrett, pelos directores das Fabricas de Sabonetes de S. Vitor que nos vinham pedir comunicássemos a Sua Excelencia o Sr. Comissário de Saúde, o proposito em que estavam, de montar nas suas fabricas balneários para uso dos seus operários.

A ideia calava fundo no animo de muita gente e pena foi que o professor Almeida Garrett, assoberbado com muito trabalho não tivesse podido realisar uma nova serie de conferencias.

Contribuimos com a nossa quota parte chamando a atenção do público para as necessidades da campanha anti-epidémica enviando semanalmente notas officiosas para a imprensa local. A 14 de Abril de 1919 asseverávamos «que a causa da diminuição da epidemia na cidade devia-se ao despiohamento intensivo que atinge até hoje 2200, á hospitaliza-

ção de todos os doentes no Hospital do Espírito Santo que actualmente comporta 230 doentes e ás desinfecções domiciliárias que vão além de 300 nas duas ultimas semanas.

Atendendo á dificuldade de efectivar os despiolhamentos das freguesias rurais, trazendo os seus habitantes ao Pôsto de Desinfecção vai-se em breve iniciar um serviço á semelhança do que o sabio francês Nicolle. organizou quando da grande epidemia de Tunis. Não possuindo nós estufas locomoveis nem material especial difficil de adquirir actualmente, improvisamos um serviço á semelhança do daquele sabio. adaptando a estufa tipo canadiano e as casas de banho volante, tipo das casas de banho inglesas de campanha que seriam montadas e desmontadas de freguesia para freguesia conseguindo-se assim a beneficiação de roupas e balneação de individuos nas proprias localidades.» (1) A 24 de Abril do mesmo ano enviamos á imprensa bracarense a nossa segunda nota officiosa «as freguesias do conselho mais atacadas pela epidemia são diariamente visitadas pelo Sr. Delegado de Saúde esperando a Delegação de Saúde montar na proxima segunda feira o primeiro pôsto volante de despiolhamento a que se aludiu na nota officiosa anterior.

Então principiará nas freguesias limitrofes de Braga, um serviço anti-epidémico intensivo, nas condições em que está sendo feito dentro da cidade. As estufas canadianas a que nos referimos na nota anterior, têm sido construidas nesta mesma cidade, tendo sido uma delas já montada em Barcelos, devendo uma outra em breves dias seguir para Guimarães. Nesta cidade e naquella vila devem pois em breve funcionar um pôsto de despiolhamento.» (2)

A 25 de Abril o Sr. Delegado de Saúde de Braga, dizia tambem numa nota officiosa a proposito do encerramento das casas de espectáculo, medida essa que foi muito ventilada pelas autoridades administrativas. «No Mexico quando a epidemia tifica fazia estragos horrorosos as missões sanitárias americanas nunca proibiram o funcionamento dos theatros e das egrejas, limitando-se a fiscalizar as entradas e não consentindo o ingresso nesses recintos de individuos sujos possivelmente portadores de parasitas. A Delegação de Saúde está na intensão de fazer o mesmo.» (3)

A 10 de Maio e a 14 de Junho informavamos o publico do andamento dos serviços anti-epidémicos manifestando-lhes o nosso jubilo pelo quasi desaparecimento da epidemia mercê dos muitos despiolhamentos já realisados.

A 28 de Junho a 26 de Julho e finalmente a 6 de Agosto gostosamente comunicavamos á população braguesa o desaparecimento da epidemia.

(1) Diario do Minho — 15 de Abril de 1918—nota officiosa da Delegação Saúde de Braga.

(2) Diario do Minho 25 de Abril nota officiosa da Delegação de Saúde de Braga.

(3) Diario do Minho 26 de Abril nota officiosa da Delegação de Saúde de Braga.

Os trabalhos de propaganda sanitária em Braga, deveriam ter merecido das autoridades, quer administrativas quer sanitárias locais, o seu concurso.

Braga é uma cidade suja por excelencia, o mulhierio ás portas, de melenas desgrenhadas cata-se desafortadamente, como simples entretenimento, coça-se, dando ao transeunte o espectáculo repugnante da muita sordidicia e indolencia dos seus habitos.

A moradia dessa gente mete horror pelo desconforto, provoca nauseas pelo cheiro e aspecto, construidas as casas sobre fossas, verdadeiras cloacas destapadas, deixando por todos os lados escorrer, miasmatica esverdeada a vasa mal cheirosa, que aos borbotões corre muitas vezes pela valeta da rua, atascando o calcanhar do passeante que se aventure para alem da Avenida Central, unica artéria da cidade pela qual as autoridades velam um pouquinho, porque senhoras autoridades descureis tanto da hygiene habitacional e individual da população braguesa?

Não há na cidade de Braga um balneário para as classes pobres, envidamos todos os esforços para dotar Braga com esse balneário, mas baldados foram eles, existe sim, um balneário municipal em Braga mas a sua concorrencia é tão diminuta, que ousar os perguntar, onde se lava o braguês?

Inaugurado em Abril de 1916, eis o movimento do Balneario Municipal até Agosto 1919.

MESES	1916	1917	1918	1919
Janeiro.....	—	62	80	94
Fevereiro....	—	97	119	102
Março.....	—	69	88	177
Abril.....	105	142	176	151
Maió.....	147	125	175	199
Junho.....	165	165	257	278
Julho.....	200	259	212	260
Agosto.....	245	200	320	294
Setembro.....	165	143	121	
Outubro.....	120	97	75	
Novembro.....	84	113	76	
Dezembro.....	90	104	82	

Concluimos que a animosidade manifestada pelo público, durante a epidemia, contra as medidas de profilaxia por nós adoptadas, provem não só duma relutancia nativa contra tudo o que seja limpeza, como do habito, do desleixo permitido por uma vigilancia froixa da parte das autoridades, consentindo atropelos de toda a especie aos regulamentos sanitários.

A animosidade que levou o operariado ignorante, até ao comicio para protestar contra o banho não se deveria ter manifestado tambem nas outras classes.

Infelizmente até a imprensa local se intrometeu nos serviços anti-epidemicos reservando-se o direito de uma critica extemporanea e intempesitiva que bastante prejudicou a marcha do combate á epidemia, como veremos no capítulo seguinte.

Esta poder-nos-ia auxiliar sobremaneira, concorrendo para a propaganda sanitária, o que não fêz; por razões que ignoramos.

## CAPÍTULO IX

### **Crítica da campanha realizada para ensinamento futuro**

- 1.º Crítica feita pela imprensa local — 2.º Crítica por nós feita para ensinamento futuro.
- 3.º O nosso projecto de balneário para as classes pobres - 4.º Importancias dispendidas com os serviços externos da campanha anti-tífica em 1919 (Março a Agosto).

## Critica feita pela imprensa local

Como não era para admirar a imprensa local ocupou-se largamente da epidemia do tabardilho e das medidas atinentes á sua debelação. A grande maioria das vezes criticou os serviços anti-epidemicos de uma maneira pouco razoavel.

Vejamos por exemplo o "Noticias do Norte,, de 4 de Maio de 1919, «O piolho não anda certamente no corpo de todos, mas anda positivamente, no espirito de toda a gente, há o receio dos ajuntamentos, a repugnancia, o nojo pelo contacto com os andrajosos, com os maltrapihos, com os famintos; quem há ai, gente asseada que ao chegar a casa não passe uma revista minuciosa a todas as peças do seu vestuario na inquieta probabilidade de exterminar estes parasitas? E no entanto eles grassam, propagam-se difundem-se, mutiplicam-se, dizimando aos centos a nossa população, zombando das medidas contra si adotadas, porque elas são, triste é confessa-lo, restritas e insuficientes. Vimos por ai afixados nas esquinas uns cartazes preventivos deste perigo assustador onde se acha litografado um piolho hiperbolico, alagostado com os seguintes dizêres: «DESTRUIR O PIOLHO É MATAR O TIFO».

De animo leve, ironicamente o articulista depois de descrever da efficacia das muitas centenas de despiolhamentos por nós já registados a essa data, a proposito dos cartazes anunciadores das conferencias de propaganda sanitária, em vez de nos secundar nessa campanha, chama hiperbolico alagostado ao piolho do cartaz e fica-se muito satisfeito com a chalaça.

O semanario "A cidade,, de 17 de Julho de 1919 num artigo que atribuímos a um professor do liceu e director da biblioteca de Braga, a proposito dos serviços anti-epidemicos nas aldeias, no alto do seu artigo a legenda dos cartazes, DESTRUIR O PIOLHO É MATAR O TIFO diz «não é á má cara, sem atender se há inconveniente ou perigo de vida, que se deve submeter ao banho este ou aquele! Examinem e vejam se há realmente plausibilidade nos queixumes de muitos desgraçados a quem repuxam de água fria, para momentos depois irem para o hospital ou manicomio. E, depois esse banho profilático é tão a trote de avestruz que os seus efeitos não estão em absoluta linha paralela com a despeza mobilizada».

Insinua o auctor deste venenoso artigo o facto do banho ter atirado para o hospital ou manicomio muitos desgraçados. Que nos conste a nós,

que estivemos sempre á testa desses serviços, ninguém foi para o hospital nem tampouco para o manicómio, por causa do banho que não era dado com água fria, mas sim com água tépida como poderão atestar os 27.000 despiolhados que pelos nossos postos passaram.

No que diz respeito á efficacia do *banho profilático* não reconhecemos ao articulista autoridade para discutir o assunto.

Uma carencia absoluta de escrupulos levou o informador do correspondente do jornal "O Primeiro de Janeiro", pelo facto de lhe termos despiolhado a mulher a fazer publicar na correspondencia de Braga, desse jornal uma serie de noticias tendenciosas algumas inverosimeis.

Aí por meados de Abril, dizia que «a epidemia grassante parecia querer declinar, no entretanto o numero de cadaveres entrados no cemiterio eram em media de 10 por dia».

Pedimos a rectificação dessa noticia, não o fez, e, em Junho novamente a proposito dum individuo falecido sem assistencia médica na via pública, no meio de varios considerandos que não correspondiam á verdade exproba o procedimento das autoridades que superintendiam nos serviços anti-tíficos pelo facto do individuo, suposto tífico não ser retirado immediatamente de via pública. Tivemos então que nos dirigir ao Sr. Tenente coronel Lopes Gonçalves, correspondente officioso do "Primeiro de Janeiro pedindo-lhe providencias <sup>(1)</sup> que não nos foram dadas de uma maneira satisfatoria, porquanto o seu informador insistia, forjando sempre noticias menos verdadeiras, a 4 de Julho acerca dum principio de incendio prepositadamente ateado a um dos nossos postos volantes de despiolhamento, gostosamente comunicava ao público a destruição completa da barraca que servia de pôsto de despiolhamento.

Nessa mesma data publicava «em Palmeira houve ontem um conflito entre o pessoal da desinfeção e um grupo de mancebos que iam de Braga, das inspecções militares, opondo-se os do grupo a que determinada rapariga tomasse banho. E não tomou.» Pela maneira como re-

---

<sup>1</sup> Carta dirigida ao Sr. Tenente coronel Lopes Gonçalves a 12 de Junho de 1919. Venho pedir a V. Ex.<sup>a</sup> a subida fineza de mandar retificar a local publicada no jornal "O Primeiro de Janeiro", de ontem pois que os factos se passaram da seguinte maneira: o individuo subitamente falecido na rua de S. Vicente retirava do Hospital de S. Marcos onde não lhe foi reconhecida doença, como foi notificado pelos outros jornais.

Quanto ao levantamento do cadaver e remoção para o cemiterio ser feita muito tarde nenhuma responsabilidade me assiste nesse caso. Repetidas vezes por minha instancia junto do Commissariado de Policia têm sido publicadas instruções na ordem do corpo daquela corporação no sentido de serem fornecidas ao Pôsto de Desinfeção todos os informes possiveis acerca de falicimentos sem assistencia médica e casos de doença suspeita. E sempre que esses informes me são fornecidos posso garantir a V. Ex.<sup>a</sup> que immediatamente são tomadas providencias quer no que diz respeito a enterramentos (foram remetidos para o Cemiterio, desde meados de Março até á data por iniciativa do Pôsto de Desinfeção 46 cadaveres de indigentes falecidos sem assistencia medica) quer no que diz respeito ás desinfeções domiciliarias e transporte de doentes para o Hospital do Espirito Santo.

Braga, 12 Junho de 1919

Eurico de Almeida.

mata a sua noticia reconhece-se a sua satisfação, o prazer que sentiu pelo facto de ter acontecido á tal rapariga o que ele desejaria tivesse succedido á sua mulher.

Corroborando o que atrás dissemos no capitulo VIII a imprensa bracarense limitou-se tão somente a criticar os serviços anti-epidemicos de uma maneira intempestiva e extemporanea.

## Critica por nós feita para ensinamento futuro

A critica da campanha realizada vamos nós fazê-la, nós mesmo :

O illustre Commissário de Saúde no Norte do Pais quando do aparecimento da epidemia, fêz distribuir profusamente pelas Delegações de Saúde e Sub-delegados de Saúde em separata da Delegação de Saúde do Pôrto. «As Instrucções para montar num aglomerado urbano os serviços de combate ao tifo exantemático» (1) vejamos pois como foram essas instrucções cumpridas em Braga. No que diz respeito ao primeiro paragrafo dessas instrucções — 1.º visitar os locais habitados por gente suja na rebusca de casos de tifo — em Braga o rebuscamento de casos fêz-se com método, a policia sanitária, organizada por nós satisfêz no que diz respeito ao rebuscamento de casos.

Em duas circulares que reproduzimos no capítulo antecedente, o Sr. Delegado de Saúde envidou todos os esforços, para que o segundo paragrafo das instrucções dimanadas do Commissariado de Saude no Norte do País, fosse cumprido. E se a participação de todos os casos não se fêz; não cabe á Delegação de Saude de Braga a responsabilidade, cabe esta aos clinicos bracarenses que sonegaram casos, que dificultaram o bom desempenho da nossa missão. Foram muitos casos de tifo sonegados em Braga, tivemos que mandar, pela policia sanitária, espiar as passadas de alguns colegas, e assim conseguimos descobrir alguns tifosos que estavam sendo tratados, nos seus domicilios, sem que a Delegação de Saude tivesse disso conhecimento.

Pretendemos corrigir este abuso de uma outra maneira, chamando á responsabilidade quem prevaricava, reconhecemos a breve trecho que essa medida em Braga era inexequível.

Por isso tivemos que lançar mão do expediente atrás referido que surtiu efeito, a grande maioria das vezes. Referem-se os paragrafos 3.º e 4.º das «Instrucções para montar num aglomerado urbano os serviços de combate ao tifo exantemático» á hospitalização de doentes e condução dos mesmos.

Quer a hospitalização dos doentes quer a condução destes, estava assegurada em Braga. O Hospital reproduzido nas nossas gravuras não podia ser melhor instalado. A condução de doentes era feita

(1) Portugal Médico 3.ª serie V volume Abril paginas 255.

em dois carros, um automovel outro puxado a muarés, carros cómodos que não deixavam nada a desejar.

O paragrafo 5.º refere-se á revisão dos contactos; não conseguimos estabelecer a sério um regimen de revisão, porque o numero de contactos era elevadissimo, e não tinhamos a força pública necessária pera coagir dezenas e dezenas de pessoas a esse regimen. Só muito tarde é que conseguimos uns seis guardas republicanos que nos auxiliavam nos serviços externos da campanha anti-tífica, impondo a sua auctoridade; tentamos ainda a revisão desses contactos durante os doze dias estabelecidos, mas infrutiferos foram os nossos esforços, a autoridade administrativa a pretexto duma ninharia retirava a força da guarda republicana que ora comparecia em numero de 2 ou 3 guardas insufficientes para impôr a sua autoridade junto dos bragueses piolhosos, ora não comparecia mesmo no Pôsto de Desinfeção.

Refere-se o 6.º paragrafo das instruções «ao despiolhamento dos contactos dos doentes e das habitações em que residem, com tudo o que nela está contido e particularmente as enxergas e roupas, devendo as duas operações serem feitas simultaneamente, no mesmo dia». A execução destas medidas foram de molde a exterminar por completo a epidemia. Sobejamente já nos referimos, nos capítulos antecedentes, á maneira como foram organizados os serviços externos da campanha anti-epidémica quer na cidade quer nas aldeias. Por conseguinte não nos deteremos sobre este assunto que já foi por nós tratado, diremos tão somente que em 1919 a campanha anti-tífica em Braga foi muito bem organizada.

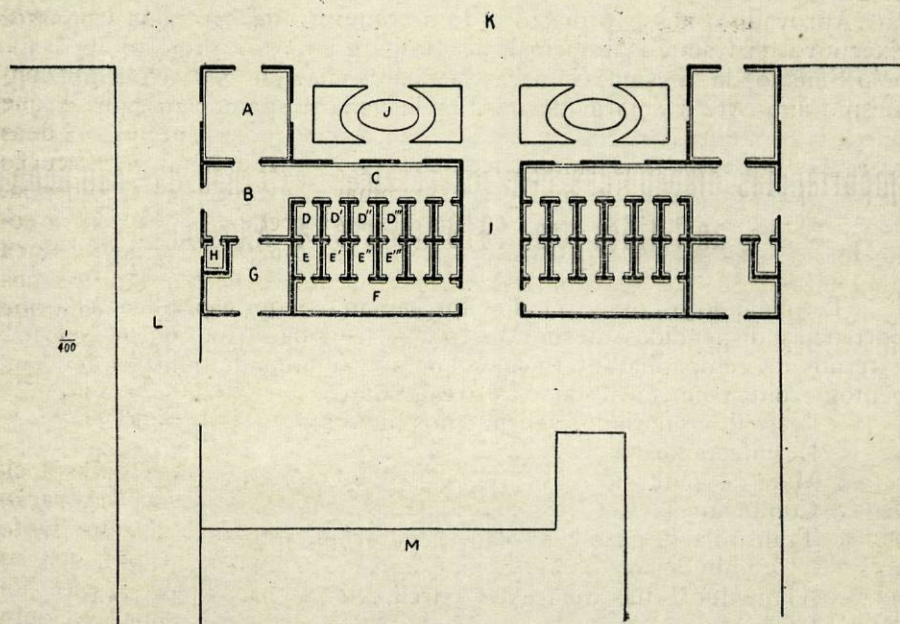
## O nosso projecto de balneário para as classes pobres

Na previsão de uma nova invasão epidémica, quizemos dotar a cidade de Braga, com um balneário para as classes pobres. O barracão balneário por nós instalado anexo ao Pôsto de Desinfeção deixava muito a desejar no que diz respeito a comodidade e conforto. Se bem que os serviços anti-epidémicos em 1919 tinham sufocado a epidemia, esta poderia aparecer dum momento para o outro, e, demais a edificação dum balneário para as classes pobres era uma necessidade que se impunha. A comissão de hygiene da Camara Municipal de Braga na sessão de 12 de Setembro de 1919 apresentava um parecer que ía de encontro á ideia por nós já exposta a alguns amigos.

De maneira que aproveitando o ensejo que se nos oferecera, apresentamos á Camara Municipal de Braga um projecto de balneário com a competente planta que representamos na figura 39.

Anexo ao Pôsto de Desinfeção com uma frente de rua de 31 metros e avançando sobre o terreno situado a norte do mesmo pôsto, numa extensão de 14 metros, consta o nosso balneário de dois pavilhões destinados um para homens outro para mulheres. Cada pavilhão consta por sua vez de uma sala de espera A com as seguintes dimensões 4x5. Esta

sala possui uma porta principal de entrada que abre directamente para a rua, com duas janelas, uma rasgada sobre o jardim J e outra dando para a entrada do Pôsto de Desinfecção L, comunica por uma porta interior com a sala B, onde um empregado regularisa o movimento do balneário. O banhista transitando da sala de espera para a sala B de dimensões  $4 \times 4$  com uma porta lateral e uma retrete H, recebe das mãos do empregado que aí se encontra uma toalha numerada e segue para a galeria C envideada, galeria que recebe luz directamente do jardim J e tem 9 metros de comprimento por 2 de largo, uma vez chegado aí penetra numa das 6 cabines D D' D''... que abrem para a galeria e despoja-se das suas roupas



**Figura 39**

Planta de um balneário para as classes pobres, aprovado pela Camara Municipal de Braga em sessão de 12 de Outubro de 1919.

tomando o seu banho na cabine contigua E. Em tempo de epidemia poderá o nosso balneário funcionar da seguinte maneira; uma vez chegado o indivíduo a despiolhar á cabine D de dimensões  $2 \times 1,5$  aí despoja-se das suas roupas e recebe a visita de um despiolhador que procederá á sua epilação e fricção. Passando em seguida á cabine E de eguais dimensões; toma o seu banho e aguarda nessa mesma cabine o tempo necessario, para que a sua roupa, conduzida com a dos seus vizinhos das outras cabines, numa carreta ao longo da galeria C, sala B e entrada prin-

cipal do Pôsto de Desinfecção L. vá à zona suja do Pôsto de Desinfecção, passe pela estufa, e lhe seja pelo lado da zona limpa do mesmo Pôsto M entregue, no corredor F. Uma vez vestido alcança a rua pelo corredor F e passagem J sem que entre em contacto com os que aguardam na sala de espera o momento de serem por sua vez despiolhados. Possui o balneário mais uma sala G destinada á arrecadação. A galeria envidraçada C possui duas amplas janelas que asseguram a iluminação e arejamento das cabines de banho. O jardim colocado á frente do nosso balneário não só aformoseia a Rua dos Falcões (K) que neste ponto é bastante estreita, como dará ao nosso balneário um aspecto aprazível e elegante. O aquecimento da água faz-se utilizando o vapor de água da caldeira do Pôsto de Desinfecção.

Aprovado o nosso projecto a 13 de Outubro de 1919 pela Comissão Executiva da Camara Municipal de Braga é o nosso projecto aprovado pelo Senado da mesma Camara na sua reunião de 5 de Novembro do mesmo ano. Até á data ainda não foi iniciada a sua construção.

## Importancias dispendidas com os serviços externos da campanha anti-tífica em 1919 (Março a Agosto)

Terminando o nosso trabalho apresentamos aqui especificadas as importancias dispendidas, desde Março a Agosto de 1919, com os serviços externos da campanha anti-tífica. Somam na totalidade quinze mil e seiscentos e oitenta e sete escudos e três centavos.

Pessoal assalariado, vencimentos diversos....	7.513.10
Desinfectantes .....	2.620 40
Material sanitário .....	1 318.21
Combustivel... ..	1.715.38
Transportes, gazolina, oleo, reparações auto-ambulancia. ....	1.045.18
Alimentação das muares (7 parelhas).....	1.010.51
Conceito de carros.....	276 40
Carpinteiro, pintor e caiador.....	104.88
Impressos.....	35 20
Telefone .....	32.45
Luz eléctrica .....	15.32
Soma total... ..	<u>15.687.03</u>

### ERRATAS

Pag. 18 onde se lê: e rua de D. Gualdim	— deve-se lêr: a rua de D. Gualdim
» 44 » » » permitissem	— » » permitisse
» 87 » » » impossibilidade de as levar	— » » impossibilidade de levar
» 111 » » » dirijidas	— » » dirigidas
» 123 » » » Pasí	— » » País

## ERRATA

Devido á rápida revisão, saíram numerosas gralhas de ortografia e pontuação, que por serem muitas e de facil compreensão, nos dispensamos de corrigir aqui.